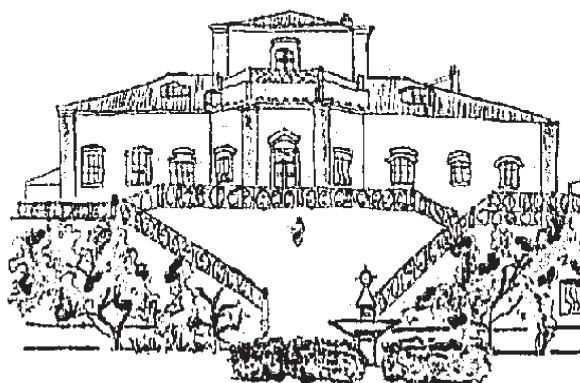


A QUINTA DE RECREIO COMO SUPORTE DA REABILITAÇÃO EM PATRIMÓNIO
Intervenção na Quinta das Glicínias em Évora para Escola de Hotelaria e Turismo



Arq. Bárbara Marina Relveiro Vitorino

BÁRBARA MARINA RELVEIRO VITORINO
(Licenciada)

Projecto Final para a Obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura

EQUIPA DE ORIENTAÇÃO:

Doutor Arquitecto António Miguel Leite

Doutora Arquitecta Ana Marta Feliciano

JÚRI:

Presidente: Doutor Arquitecto Miguel Calado Baptista-Bastos

Vogal: Doutor Arquitecto Carlos Jorge Henriques Ferreira

Lisboa, Dezembro de 2019

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a todos aqueles que directa ou indirectamente contribuíram para a realização desta investigação.

Aos meus orientadores, à professora Ana Marta Feliciano e ao professor António Leite pela disponibilidade e conhecimento transmitidos durante o decorrer da orientação.

À minha família, em especial aos meus pais e ao meu irmão pela paciência e apoio incondicional.

Ao António Pontes pelo apoio e ajuda constante desde o início até ao fim deste trabalho.

Por fim, agradeço à Direcção Regional do Alentejo do IEFP que desde o início demonstrou interesse e disponibilidade em ajudar no que fosse possível.

ÍNDICE DE CONTEÚDOS

RESUMO	1	6. PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PARA A QUINTA DAS GLICÍNIAS EM ÉVORA	141
1. INTRODUÇÃO	3	6.1. Conceito	143
1.1. Objecto de Estudo	5	6.2. A Escola de Hotelaria e Turismo	153
1.2. Objectivos	7	6.3. O Hotel de Aplicação	157
1.3. Metodologia de Investigação	9	6.4. Materialidade	171
2. A QUINTA DE RECREIO COMO EXPRESSÃO ARQUITECTÓNICA PORTUGUESA	11	7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	175
2.1. Génese da Quinta de Recreio no Âmbito da Evolução da Casa Senhorial	13	8. FONTES E BIBLIOGRAFIA	181
2.2. Evolução da Quinta de Recreio como Espaço de Lazer e Produção	25	9. ÍNDICE DE IMAGENS	187
2.3. Estrutura Espacial e Programática da Quinta de Recreio	33	10. ANEXOS	197
3. A REABILITAÇÃO EM PATRIMÓNIO ARQUITECTÓNICO	55	10.1. Transcrição de documentos	199
3.1. Definição e Evolução do Conceito de Património	57	10.2. Recortes de Jornal de 1980	203
3.2. A Reabilitação como Processo de Intervenção no Património	61	10.3. Plantas de Análise da Quinta das Glicínias	205
3.3. Casos de Referência de Projectos de Reabilitação	65	10.4. Desenhos da Quinta das Glicínias	211
3.3.1. Pousada do Palácio de Estoi	67	10.5. Relatórios de visitas guiadas a Escolas de Hotelaria e Turismo	224
3.3.2. Pousada de Santa Marinha	73	10.6. Registo fotográfico das visitas à Quinta das Glicínias	229
4. A QUINTA DAS GLICÍNIAS EM ÉVORA	79	10.7. Maquetes e esquiços realizados no desenvolvimento do projecto	235
4.1. Enquadramento Histórico da Quinta de Recreio em Évora	81		
4.2. Enquadramento Geográfico da Quinta das Glicínias em Évora	91		
4.3. Análise do Lugar	99		
5. A HOTELARIA E O TURISMO COMO PROGRAMA DA INTERVENÇÃO	113		
5.1. Justificação da Escolha do Programa	115		
5.2. Casos de Referência de Escolas de Hotelaria e Turismo	121		
5.2.1. Escola de Hotelaria e Turismo do Algarve	123		
5.2.2. Escola de Hotelaria e Turismo de Lisboa	129		
5.2.3. Escola de Hotelaria e Turismo de Portalegre	135		

ABSTRACT

The outskirts villa, as an architectural ensemble, is a result of the evolution of a typical manor house according to the society's progress in a socioeconomic and cultural context.

The Quinta das Glicínias located in Évora, as a study object in this work, fits in this typology due to its constructive features, its space organization and its location in relation to the city.

Évora is characterized for its traces of people from different eras who occupied the city, and for that it is recognized as World Heritage. The recent increase in the tourism implied the construction of new hotels in the area; however the lack of students graduating with classifications in tourism and hospitality is a concern.

Therefore it is proposed that Quinta das Glicínias is adapted into an Hospitality and Tourism School, as a response to the necessity in Évora's county and to assist in stopping further degradation of the surrounding land.

Keywords: Rehabilitation | Heritage | Tourism | Manor House | Villa | Évora

RESUMO

A Quinta de Recreio, enquanto conjunto arquitectónico, é o resultado da evolução da tipologia da Casa Senhorial de acordo com o progresso das sociedades num contexto socio-económico e cultural.

A Quinta das Glicínias em Évora, objecto de estudo deste trabalho, enquadra-se nesta tipologia pelas suas características construtivas, pela organização do seu espaço e a sua localização em relação à cidade.

Évora caracteriza-se pelos vestígios de povos de diferentes épocas que ocuparam a cidade, sendo por isso reconhecida como Património da Humanidade. A evolução do turismo implicou a construção de novas unidades hoteleiras, no entanto, a falta de pessoas formadas nas áreas da hotelaria e turismo tornou-se uma das carências do concelho. Assim, propõe-se a adaptação de uma escola de hotelaria e turismo ao espaço da Quinta das Glicínias, dando resposta, quer a uma necessidade do concelho de Évora quer a uma necessidade de travar a evolução do estado de degradação da quinta.

Palavras-Chave: Reabilitação | Património | Turismo | Casa Senhorial | Quinta de Recreio | Évora

1

INTRODUÇÃO

- 1.1. Objecto de Estudo
- 1.2. Objectivos
- 1.3. Metodologia de Investigação

1.1. Objecto de Estudo

O objecto de estudo desta dissertação o conjunto da habitação senhorial e dos terrenos delimitados pela cerca que definem a Quinta das Glicínias em Évora. Trata-se de uma quinta de recreio do século XVIII localizada na periferia da cidade.

A cidade de Évora constitui uma referência importante no contexto da habitação senhorial por ter sido, a par das cidades de Lisboa e Sintra, uma região onde surgiram as primeiras Quintas de Recreio.¹

Esta cidade localiza-se “num ponto alto” que dá origem à separação de três bacias hidrográficas importantes na intercepção de estradas militares que fazem a sua ligação às localidades de Arraiolos, Estremoz, Beja e Lisboa e, adquirindo relevância a nível regional, conforme descrição de Maria Domingas Simplício.² Évora tem um notável património histórico e arquitectónico, preservando actualmente a sua estrutura medieval, encontrando-se a cidade intramuros classificada pela UNESCO como Património da Humanidade desde 1986. A partir do século XIX começaram a aparecer os primeiros aglomerados urbanos na cidade extramuros. No entanto, existia já um vasto conjunto de edifícios com valor histórico e arquitectónico, onde se inserem os conventos da Cartuxa, do Espinheiro, de São Bento de Cástris e do Bom Jesus, os Moinhos de Vento do Alto de São Bento, o Aqueduto da Água de Prata, o Solar dos Cogominhos em Torre de Coelheiros³ e algumas quintas agrícolas e de recreio.

A quinta localiza-se a Noroeste da cidade numa encosta junto ao Convento de São Bento de Cástris com vista sobre a cidade de Évora.

Actualmente apesar do espaço da quinta ser utilizado como espaço para formações do Instituto do Emprego e Formação Profissional (IEFP), no âmbito do sector primário, os seus elementos arquitectónicos e alguns espaços exteriores encontram-se degradados, tornando-se urgente a sua preservação.

¹ Simplício, M. D. - “Évora: Origem e Evolução de uma Cidade Medieval” Revista da Faculdade de Letras - Geografia, 2003, XIX(), disponível em <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/330.pdf>

² *Ibidem*

³ Abreu, A. C., Pinto-Correia, T., & Oliveira, R. (2004). “Contributos para a Identificação e Caracterização das Unidades de Paisagem em Portugal Continental” (Vol. V). Évora, DGOTDU, 2004

1.2. Objectivos

Com esta investigação pretende-se aprofundar o conhecimento histórico da Quinta de Recreio, no âmbito da sua evolução enquanto Casa Senhorial, através da análise do território e das estruturas arquitectónicas existentes (num contexto da sua evolução) identificando valores culturais, económicos e sociais e métodos construtivos existentes. Como complemento a esta análise pretende-se ainda estudar o modo como se intervém em património arquitectónico, pelo que são apresentados casos de referência que permitam o reconhecimento e análise crítica de projectos no contexto da reabilitação.

O objectivo desta investigação centra-se, portanto, na reabilitação da Quinta das Glicínias, adaptando-lhe um programa de Escola de Hotelaria e Turismo, onde se propõe também um Hotel de Aplicação. Com esta intervenção pretende-se dar resposta ao problema da falta de profissionais, nas áreas de hotelaria e turismo em Évora, facto que se comprova pela necessidade de criar novas unidades hoteleiras que devido ao crescimento do turismo, se tem observado na cidade, ao longo dos últimos anos. Por outro lado, esta intervenção manifesta também a intenção de encontrar uma nova função para a Quinta das Glicínias, travando a evolução do seu estado de degradação e devolvendo-a à cidade.

1.3. Metodologia de Investigação

Identificado o objecto de estudo, procurou-se entender o significado da Casa Senhorial bem como as características da Quinta de Recreio. Recorrendo à bibliografia específica foi possível perceber como é que esta tipologia se desenvolveu ao longo de várias épocas, bem como o seu aparecimento em Portugal e a sua conseqüente evolução, enunciando os diferentes espaços que a caracterizam e a definem.

Uma vez reconhecido o estado de preservação do objecto de estudo, aborda-se o modo de intervir sobre o edificado no sentido da sua reabilitação e preservação. Tendo como ponto de partida a bibliografia dedicada ao conceito de reabilitação em património arquitectónico e a recolha de elementos sobre projectos de arquitectura com base na reabilitação de construções semelhantes, precedeu-se à análise e reunião dos elementos principais de intervenção.

Após a contextualização histórica e tipológica do objecto de estudo procedeu-se à recolha da informação específica do mesmo. Partiu-se da informação cadastral na tentativa de reconhecer os limites da quinta bem como a toponímica da quinta, procurando todas as denominações anteriores que revelassem informações históricas sobre a quinta e os anteriores proprietários.

A par do reconhecimento histórico da quinta procurou-se fazer a análise do território e das estruturas arquitectónicas que a definem enquanto quinta de lazer e produção. Para tal foram reunidos e analisados desenhos topográficos e plantas dos projectos de arquitectura (cedidos pelo IEFPP), bem como o levantamento fotográfico, suportes sobre os quais foi possível desenvolver a proposta de projecto apresentada neste trabalho.

Para responder à necessidade de reabilitação do espaço analisou-se a cidade do ponto de vista económico, através de estudos estatísticos do INE chegou-se à conclusão do aumento da actividade hoteleira e turística da cidade, motivo que levou à decisão de propor o programa de escola de hotelaria e turismo no espaço e nos edifícios da quinta.

Com base na intenção de proposta seguiu-se a recolha de exemplos de arquitectura em contextos semelhantes de programa e reabilitação. A análise destes exemplos teve como principal função, a par com os princípios da reabilitação observados no capítulo anterior, reunir diferentes estratégias de intervenção nesta tipologia de património.

2

A QUINTA DE RECREIO COMO EXPRESSÃO ARQUITECTÓNICA PORTUGUESA

- 1.1. Génese da Quinta de Recreio no Âmbito da Evolução da Casa Senhorial
- 1.2. Evolução da Quinta de Recreio como espaço de Lazer e Produção
- 1.3. Estrutura Espacial e Programática da Quinta de Recreio

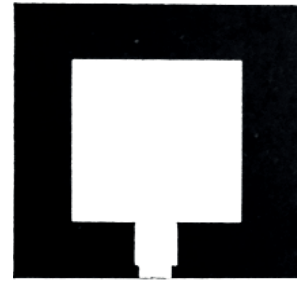
2.1. Génese da Quinta de Recreio no Âmbito da Evolução da Casa Senhorial

A história da Casa Senhorial em Portugal tem início na época medieval, com a designação de “casa-torre” especialmente na região do Norte, e teve grande influência no desenvolvimento da arquitectura senhorial. A Casa Senhorial surge não só como elemento de defesa, mas também como elemento de habitação do senhor e da sua família. A casa aparece isolada no interior de um recinto murado e, portanto, configura-se como o último ponto de abrigo em caso de invasão. Actualmente os mais antigos vestígios de torres datam do início do século XIV em “*locais sem defesa militar possível*”¹, distantes de zonas de fronteira, o que indica o declínio da utilização da torre para fins exclusivamente militares. Na transição do século XV para o século XVI, a torre senhorial, propriedade da nobreza, dá lugar a uma torre com características de habitação, onde vivem vários elementos de uma família.

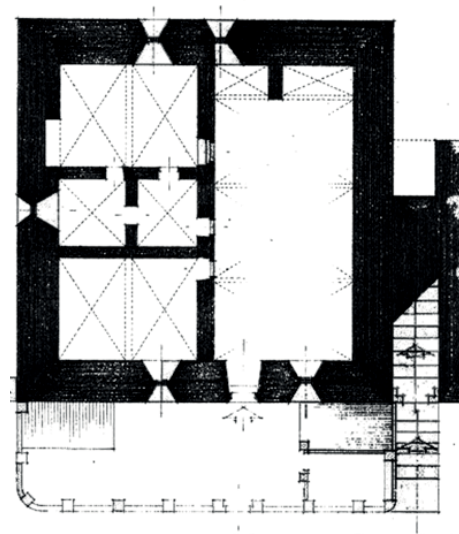
De acordo com António Leite, a noção de senhor vai ganhando simbolismo “*com o avançar de um tempo tardo-medieval indissociavelmente com um nome, com uma casa matricial de uma linhagem progressivamente entendida como solar*”², uma vez que os territórios passam a ser transmiti-

¹ Azevedo, Carlos de - *Solares Portugueses, Introdução ao Estudo da Casa Nobre*. [s.l.]: Livros Horizonte, 1988. ISBN 9789722401661, p.21

² Leite, António; Feliciano, Ana Marta - *A Casa Senhorial como Matriz da Territorialidade*. [s.l.]: Caleidoscópio, 2015. ISBN 9789896583354, p.23



1 | Planta da Torre de Refóios, Refóios do Lima, Viana do Castelo



2 | Torre das Águias - Brotas, Mora, Évora



3 | Torre de Refóios (1969)



4 | Torre das Águias (1969)

dos segundo os direitos hereditários, o que evidencia o poder do senhorio, neste caso, de uma família, sobre uma terra. A torre passa a designar-se "torre-solarenga e deixa de ter função de fortificação"³, apesar de manter algumas características da torre fortificada: paredes grossas, poucas aberturas e planta geralmente quadrada que se desenvolve em dois ou três pisos. Apresentam-se de seguida dois exemplos de torres, uma com características que evidenciam a função de defesa (figuras 1 e 3) e outra que revela características da evolução da tipologia da casa-torre (figuras 2 e 4). Inicialmente a torre é erguida unicamente com a finalidade de fortificação, de defesa de um território e, ao longo do tempo, com o declínio da necessidade de defesa, a torre adapta-se às novas necessidades, passando a assumir a função de habitação.

A Torre de Refóios, em Ponte de Lima, constitui um dos exemplos em que a torre ainda mantém as características das torres de menagem dos castelos, com as típicas paredes grossas, poucas aberturas e a entrada elevada em relação ao terreno, acessível por escada de madeira amovível por questões de segurança e que com o tempo é substituída por escadaria de pedra. Todos os elementos que a compõem são utilizados pela necessidade de defesa,⁴ ainda sem a preocupação de trazer conforto à habitação.

A Torre de Águias, em Brotas, freguesia do concelho de Mora, representa um modelo da torre militar adaptada a edifício de habitação, que apesar de manter carácter defensivo, é um exemplo que evidencia a evolução da 'casa fortificada'. A inclusão de dez chaminés com função de aquecimento das salas, assim como o aumento considerável da quantidade e dimensão das aberturas, que não se verificava até então, manifesta a importância do conforto na habitação.⁵

Nicolas Sapiéha menciona que "a estrutura defensiva de uma habitação deste género mantém-se apenas sob os seus aspectos formais e simbólicos",⁶ uma vez que já não existe a necessidade de protecção em relação ao inimigo.

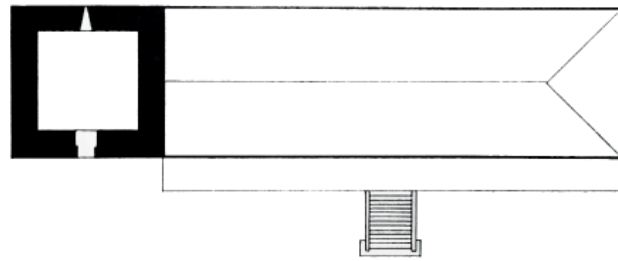
A Casa Senhorial desenvolve-se a partir da ideia de domínio do território, estruturada segundo uma entidade única. Esta entidade pode ser vista como a casa maior de um rei ou imperador ou como a casa de um senhor que obedece a ordens destes superiores. O senhor a quem pertence a casa assume "uma relação directa entre a terra e os homens que nela habitam e que a ela, em muitos

³ Azevedo, Carlos de - *Solares Portugueses, Introdução ao Estudo da Casa Nobre*. [s.l.]: Livros Horizonte, 1988. ISBN 9789722401661, p.26

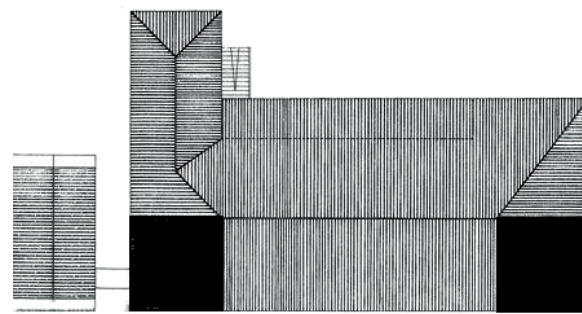
⁴ *Ibidem*, p.23

⁵ *Ibidem*, p. 35

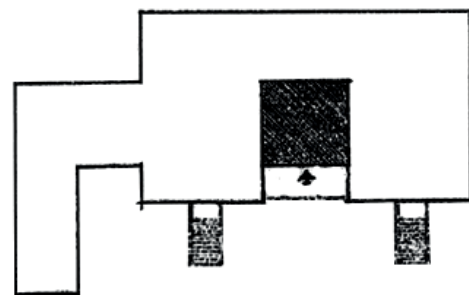
⁶ Binney, Marcus; Sapiéha, Nicolas - *Casas Nobres de Portugal*. Lisboa: Difel, 1991. ISBN 9789722901604, p.86



5 | Planta da Torre de Gomariz



6 | Planta da Casa Solarenga da Quinta do Requeijo



7 | Planta da Torre de Aguiã



8 | Torre de Gomariz



9 | Casa Solarenga da Quinta do Requeijo



10 | Torre de Aguiã

casos, pertencem.⁷ Independentemente de se formalizar num castelo, paço, casa torre, palácio urbano, quinta ou solar rural, a Casa Senhorial tende a surgir hierarquizada pela sede do poder, de acordo com o contexto social em que se insere.⁸

A partir da época da Idade Média, o Paço Medieval português passa a assumir funções de poder, organização do trabalho e hierarquização social do território, pelo que se distingue das tipologias anteriores, correspondentes ao castelo e à casa-torre com funções defensivas, uma vez que o Paço surge unicamente como habitação de membros da nobreza. Esta tipologia desenvolve-se, normalmente, em âmbito rural, em pontos estratégicos de domínio visual sobre o território envolvente. A partir do século XVI surgem novos elementos que geram um progresso no conforto da habitação e dão uma nova complexidade à casa senhorial. Estes elementos constituem-se essencialmente por dependências anexas à torre, a abertura de mais e maiores vãos e a introdução da chaminé.⁹

Segundo Carlos Azevedo¹⁰, as dependências que começam a surgir junto à habitação fortificada dão origem a três tipos de casa que se podem definir pela posição da torre no conjunto: torre junto à ala residencial, duas torres com corpo de ligação ou casa com torre na posição central, como é o caso da Torre de Gomariz, em Cervães, da Casa Solarenga da Torre do Requeijo, em Arcos de Valdevez e da Torre de Aguiã, em Aguiã, respectivamente.

A integração das dependências na torre dá origem a uma tipologia de casa fortificada que, apesar da função habitacional, revela também uma hierarquia na organização e estruturação dos espaços adjacentes à torre. Os espaços situados no volume da torre são os mais nobres da casa, uma vez que a própria configuração deste volume em altura dá um aspecto monumental ao conjunto da casa.

A estabilidade do reino e a afirmação do poder real que se começa a fazer sentir *"permite a fixação populacional menos constrangida por factores de insegurança"*¹¹, passando a haver uma maior liberdade na ocupação do território. Uma vez descobertos novos modos de ocupar o território, as elites começam a habitar os seus paços senhoriais e as suas quintas, agora com uma nova verten-

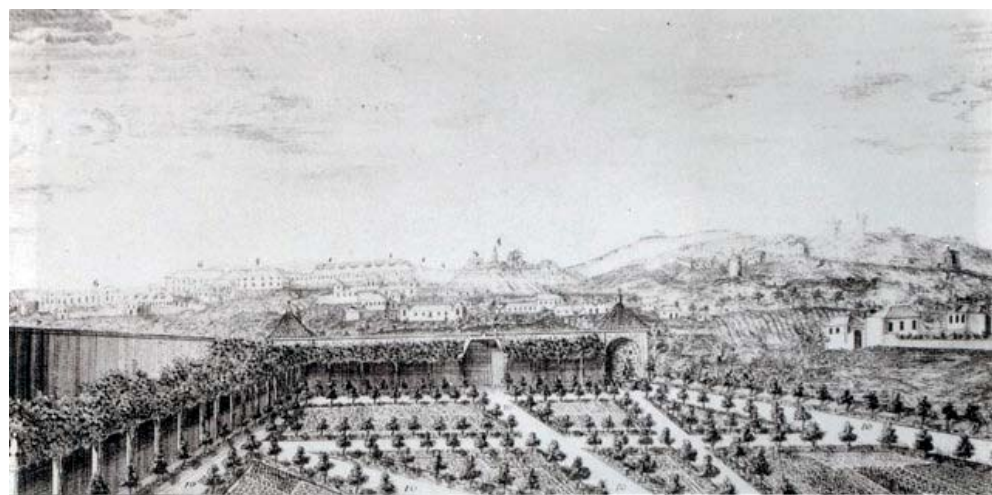
⁷ Leite, António dos Santos; Feliciano, Ana Marta - *A Casa Senhorial como Matriz da Territorialidade*. [s.l.]: Caleidoscópio, 2015. ISBN 9789896583354, p.22

⁸ Carita, Hélder - *A Casa Senhorial em Portugal, modelos, tipologias, programas interiores e equipamento*. 1ª Edição. [s.l.]: Leya, 2015. ISBN 9789896603939, p.16

⁹ Azevedo, Carlos de - *Solares Portugueses - Introdução ao Estudo da Casa Nobre*. [s.l.]: Livros Horizonte, 1988. ISBN 9789722401661, p.35

¹⁰ *Ibidem*

¹¹ *Ibidem*, p. 92



11 | "Horta da Quinta da Ilh. Sr.ª D. Lázaro" - A pérgola que delimita os dois lados da horta evidencia o agradável percurso em seu redor

te - o recreio -, provocada pelas mudanças na sua morfologia e no desenvolvimento da "*dimensão de ócio e vilegiatura*".

*"(...) no final do século XV em Portugal, sobretudo nos seus meios mais eruditos e mais ligados às influências exteriores, (começam a surgir) novos modelos de habitar e usufruir os territórios rurais das 'grandes quintas', associando a estas quintas de produção agrícola uma nova componente de ócio que será matricial para o entendimento futuro das diferentes dimensões fundamentais subjacentes a uma quinta de recreio."*¹²

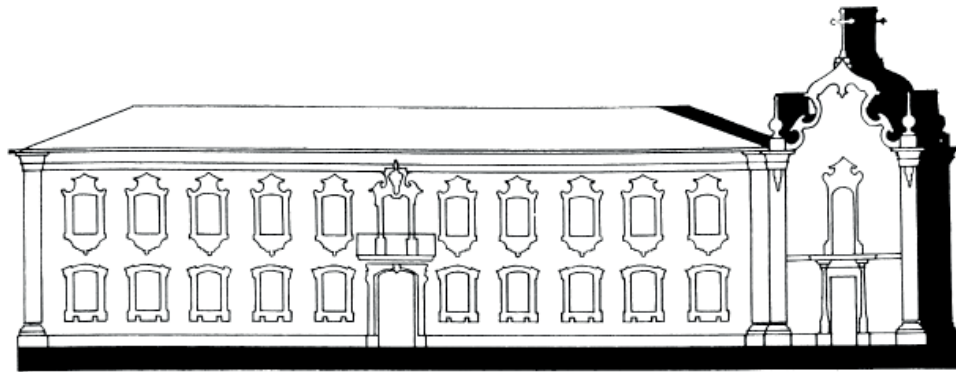
Tal como referido no excerto do livro "*A Casa Senhorial como Matriz da Territorialidade*", a fixação de pessoas nas regiões mais próximas dos centros de maior poder e, conseqüentemente, a expansão global do território, marcam o final progressivo da época medieval. Com a evolução da complexidade cultural e a conseqüente influência na organização territorial, surge uma maior procura dos produtos agrícolas e, naturalmente, a dispersão de quintas e casais que provocam um 'arroteamento' das áreas agrícolas e florestais.

A casa nobre fechada "*cede o lugar a uma nova concepção em que a mesma se abre para o exterior*"¹³, procurando um maior contacto com a natureza e a paisagem através da introdução da varanda e da multiplicação das aberturas. Verifica-se uma nova proporção da arquitectura doméstica, com aspecto mais monumental devido às novas divisões que se destinam a diferentes funções, assim como novos elementos que reforçam a ideia de proximidade com a envolvente natural. As casas de fresco junto aos lagos e tanques que se inserem em todo o conjunto são alguns dos elementos que começam a surgir na composição da Quinta de Recreio e lhe concedem um certo requinte. Posto isto, a natureza tende a ser valorizada como um elemento de fruição recreativa, pelo que a casa do Renascimento apresenta uma maior conjugação entre a arquitectura, os espaços exteriores e os jardins. O jardim ganha uma nova dimensão, assumindo-se como um espaço cercado por grandes muros, no qual os novos elementos arquitectónicos, como fontes, casas de fresco e espelhos de água se associam aos bancos e alegretes que o compõem.¹⁴

¹² Leite, António dos Santos; Feliciano, Ana Marta - *A Casa Senhorial como Matriz da Territorialidade*, [s.l.]: Caleidoscópio, 2015. ISBN 9789896583354, p.90

¹³ Azevedo, Carlos de - *Solares Portugueses, Introdução ao Estudo da Casa Nobre*, [s.l.]: Livros Horizonte, 1988. ISBN 9789722401661, p.53

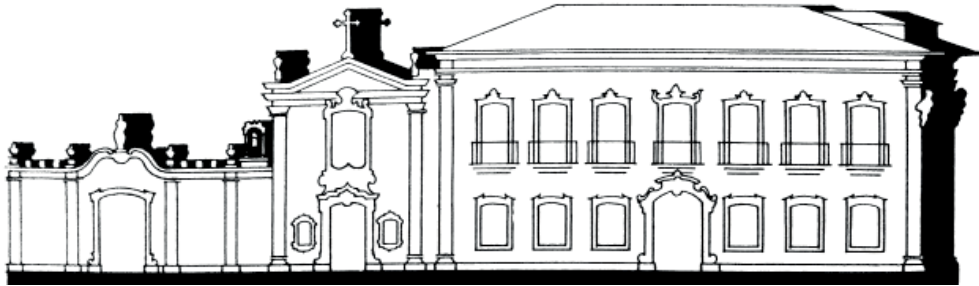
¹⁴ Carita, Helder - *A Casa Senhorial em Portugal, modelos, tipologias, programas interiores e equipamento*. 1ª Edição. [s.l.]: Leya, 2015. ISBN 9789896603939, p.106



12 | Desenho da Fachada Principal da Casa da Fidalga



13 | Desenho da Fachada Principal do Solar da Rede



14 | Desenho da Fachada Principal da Casa do Benfeito



15 | Casa da Fidalga



16 | Solar da Rede



17 | Casa do Benfeito

As novas condições económicas, sociais e culturais influenciam o aparecimento de novas estruturas de representação do poder, começando a surgir com mais frequência as Quintas de Recreio organizadas segundo novas vontades de imposição simbólica sobre o território, de inspiração renascentista. Começam, também, a aparecer novos elementos como capelas, muros, portais, painéis de azulejo, hortos, tanques, fontes, grutas e pombais e o desenho de elementos como alamedas de árvores, jardins, matas ou terrenos de cultivo,¹⁵ que dão maior complexidade ao conjunto das Quintas de Recreio e evidenciam a importância do espaço exterior.

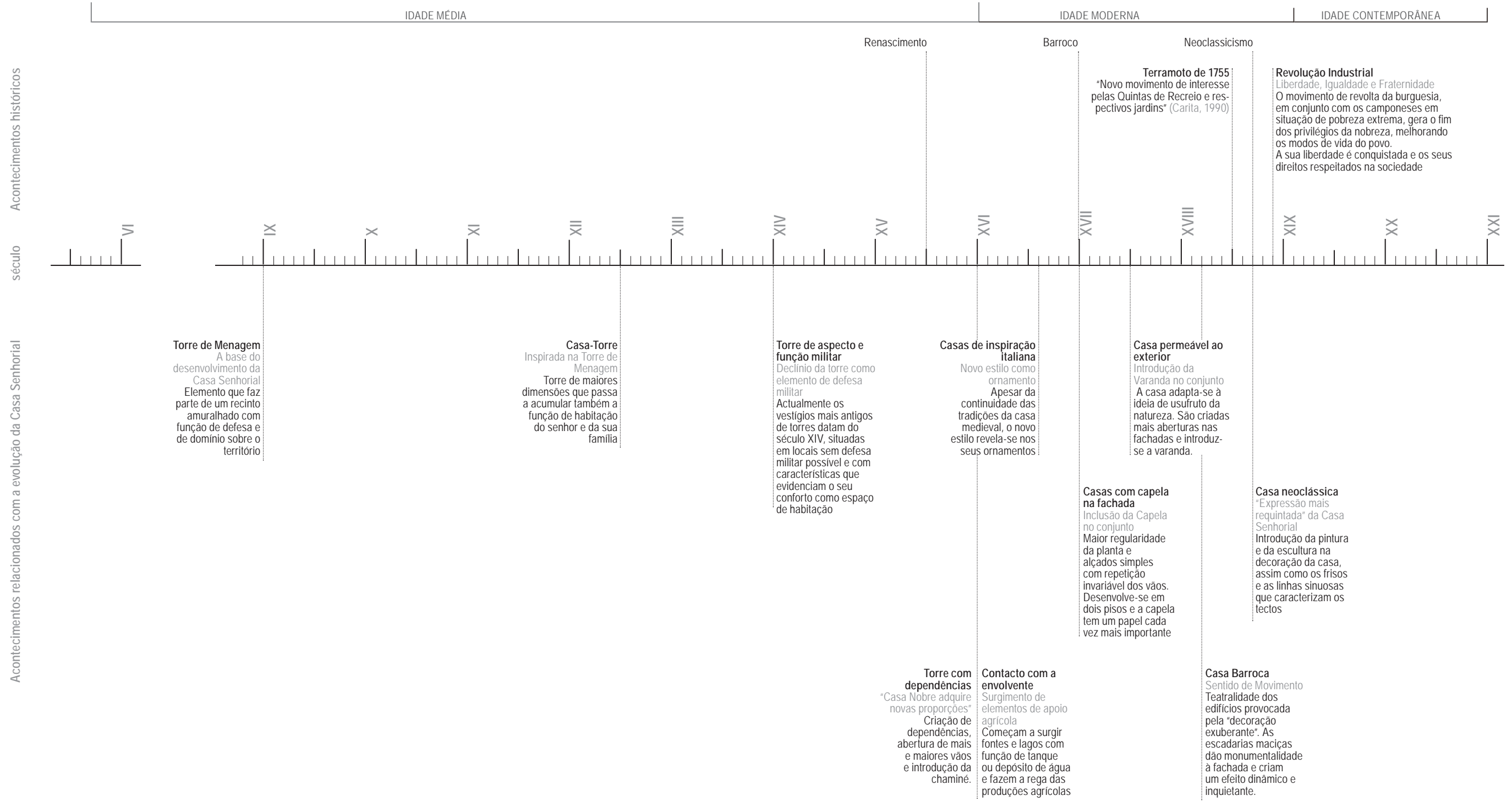
O Renascimento influencia, de certo modo, a criação das Quintas de Recreio, organizadas segundo uma propriedade agrícola *"auto-suficiente associada ao lazer"* que se pode encontrar em todo o território português, com características e regras semelhantes. A Quinta de Recreio surge então, como uma oportunidade de refúgio da cidade, onde o ócio e os momentos de descontração se tornam importantes na vida das pessoas desta época e o seu principal objectivo é o contacto com a vida no campo.

Assim como Hélder Carita refere no livro *"A Casa Senhorial em Portugal"* (2015), no século XVII *"A casa senhorial não era ainda um local de convívio social, como virá a manifestar com o avançar do séc. XVIII, afirmando-se mais como um elemento de representação do estatuto de uma família face à sociedade."*¹⁶ A Casa da Fidalga, em Alvarelos, o Solar da Rede em Mesão Frio, e a Casa do Benfeito em Barcelos, representam exemplos da incorporação da capela no conjunto da habitação nobre. A capela surge no desenho da fachada em todos os casos apresentados, como se pode observar na página anterior. No entanto, na Casa da Fidalga e na Casa do Benfeito, os elementos existentes na fachada da capela são diferentes dos elementos existentes na fachada da casa, destacando a sua presença no conjunto. Pelo contrário, na Casa da Rede são utilizados elementos idênticos aos das portas e janelas da fachada da casa na fachada da capela de modo a que esta se integre na sua composição e não se destaque do conjunto.

¹⁵ Leite, António dos Santos; Feliciano, Ana Marta - *A Casa Senhorial como Matriz da Territorialidade*. [s.l.]: Caleidoscópio, 2015. ISBN 9789896583354, p.147

¹⁶ Carita, Hélder - *A Casa Senhorial em Portugal, modelos, tipologias, programas interiores e equipamento*. 1ª Edição. [s.l.]: Leya, 2015. ISBN 9789896603939, p.152

Cronologia

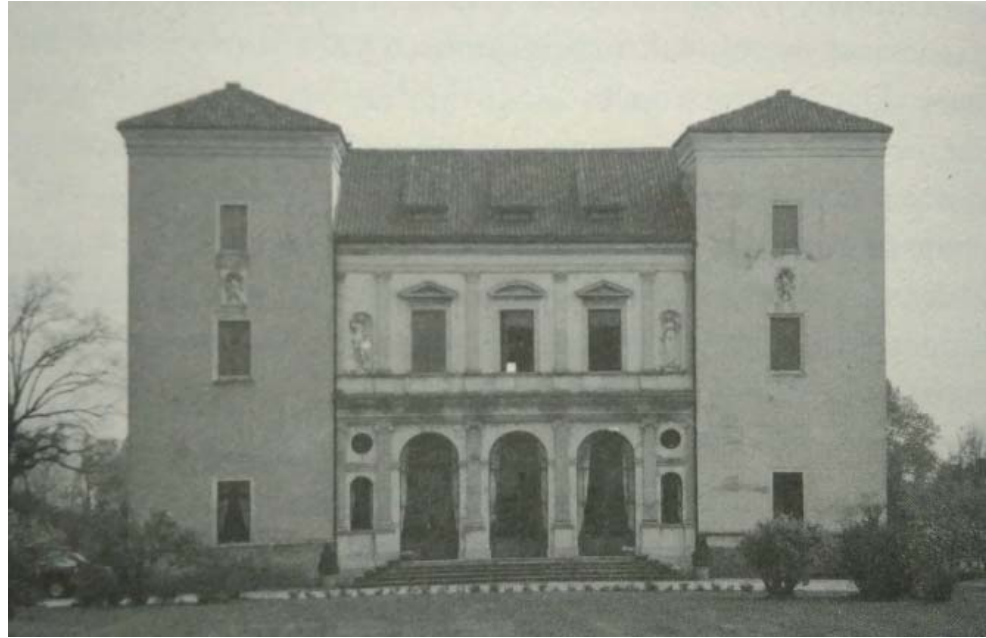


2.2. Evolução da Quinta de Recreio como Espaço de Lazer e Produção

No século XV e XVI, as "*novas condições sociais, económicas e culturais*" fazem surgir novas realidades de vivência do território rural e da casa, havendo por parte das famílias mais nobres, a vontade de desfrutar e gozar a calma da vida no campo, pelo que começam a aparecer novas matrizes associadas à matriz de uma Quinta de Recreio. O surgimento da Quinta de Recreio em Portugal é baseada na adaptação de edifícios pré-existentes de épocas anteriores, como são exemplo as estruturas existentes, tanto de torres que foram erguidas com função de defesa, como de paços medievais. No entanto, apesar de grande parte das quintas surgirem da adaptação de edifícios pré-existentes, algumas delas são construídas de raiz, sem qualquer adaptação a pré-existências.

A conversão da quinta enquanto espaço de produção de hortícolas, frutícolas e vinha para espaço de recreio surge nos finais do século XV e inícios do século XVI.¹ Na sua origem as quintas constituem espaços unicamente de produção, porém, é quando passam a ser propriedade de classes sociais superiores que adquirem também a função de recreio, mais evidente a partir do século XVI, como referido anteriormente, por influência do renascimento italiano. Para Aurora Carapinha (1995), esta alteração de proprietários tem grande influência no "*surgimento desta nova faceta de um espaço*

¹ Angela Beirante - *Santarém Medieval*, in Carapinha, Aurora - *Da Essência do Jardim Português*. Évora: Universidade de Évora, 1995. Vol. I, Tese de Doutoramento no ramo de Artes e Técnicas da Paisagem, p.25



18 | Fachada da Villa Trissino em Cricoli, Veneza



19 | Fachada do Palácio dos Marquês de Fronteira em Benfica, Lisboa

de produção”, uma vez que qualquer proprietário que lida diariamente com a terra, *“não olha a vida no campo como um estado idílico como lugar de evasão”*, esta visão pertence ao homem da cidade, que se serve da vida no campo para momentos de prazer e descontração.²

Enquanto a quinta como espaço unicamente dedicado à produção mantém os edifícios e espaços de produção com uma estrutura simples com formas tradicionais, a quinta como espaço de recreio *“responde a uma necessidade psicológica”*, permitindo o refúgio do movimento da cidade. A Quinta de Recreio surge como a conjugação entre edifícios, mata, horto de recreio e pomar/horta, tornando-o num ‘lugar versátil’ que engloba a produção e o recreio. As zonas de recreio resultam em espaços que dão lugar ao desfrute da vista sobre os terrenos agrícolas, decorados com caleiras, tanques e outros elementos arquitectónicos e escultóricos que compõem zonas de estar agradáveis nos quais a presença da *“sombra, luz, água, aromas e sons se conjugam para criar uma ambiência peculiar.”*³

A partir do início do século XVII, a arquitectura renascentista de origem italiana, de inspiração Palladiana, exerce grande importância no desenvolvimento da arquitectura da residência senhorial da quinta. À semelhança do que acontece nas obras de Palladio, as Casas Senhoriais em Portugal, nesta época, apresentam a imponência da simetria segundo um eixo evidente na fachada frontal e no acto de chegada à entrada principal da casa, feito por escadaria simétrica de dois lanços. A divisão da fachada em três⁴ partes, nas quais o módulo central se destaca dos restantes, evidencia o eixo de simetria e a organização dos espaços interiores, uma vez que a sala de entrada corresponde ao módulo que se destaca na fachada.⁵ Posto isto, a simetria da fachada é determinada a partir da organização dos compartimentos interiores, dispostas de modo a *“respeitar a hierarquia e correcta proporção entre as divisões principais, oferecendo evidência e centralidade aos átrios e salões.”*⁶

Ao nível do espaço exterior, o surgimento de elementos desenhados intencionalmente, como alamedas de árvores, jardins, matas ou terrenos de cultivo e de elementos complementares

² Carapinha, Aurora - Da Essência do Jardim Português. Évora: Universidade de Évora, 1995. Vol. I, Tese de Doutoramento no ramo de Artes e Técnicas da Paisagem, p.192 (nota de rodapé 2)

³ *Ibidem*, p. 23 e 24

⁴ A composição com três elementos é uma característica da cultura construtiva Italiana, que se pode verificar em algumas construções da mesma época em Portugal segundo Tavares, Domingos - *Andrea Palladio: A Grande Roma*. [s.l.]: Dafne, 2008. ISBN 9789898217011, p.48 e 49

⁵ Tavares, Domingos - *Andrea Palladio: A Grande Roma*. [s.l.]: Dafne, 2008. ISBN 9789898217011, p.46

⁶ *Ibidem*, p. 104

como capelas, muros e portais, painéis de azulejo, hortos, tanques, fontes e grutas marca a "*rápida transformação social e estética para um paradigma clássico "maneirista", contexto que abrirá as portas a um expressivo e absoluto entendimento de um esplendoroso mundo barroco*".⁷

A época do Barroco caracteriza-se pela simplicidade das formas, assumindo uma leitura monótona das fachadas, pontualmente marcadas por ornamentos de estilo barroco, como as pedras de armas que sobressaem nas cantarias e os painéis de azulejo de figura ou ornamento brutesco.⁸ Estas casas revelam-se também mais 'permeáveis' ao exterior, devido a um aumento da quantidade e dimensão das suas aberturas e à integração de elementos como *loggias* e varandas nas fachadas que privilegiam a relação com a natureza e a vista envolvente. As fontes e lagos que se começam a construir na área em redor da casa, "*mantêm a função de tanque/depósito de água para rega das áreas agrícolas*" e afirmam-se como "*elementos arquitectónicos determinantes para a definição ambiental dos jardins*"⁹, uma vez que passam a integrar a vertente do recreio, tornando possível a fruição dos jardins e pomares da quinta.

*"As quintas de recreio são, acima de tudo, espaços que conjugam o lazer, o ócio e o recreio, com o investimento, com o rendimento económico, determinando uma construção espacial muito particular e distinta – quer pelo edifício quer pelo espaço envolvente – da arquitectura tradicional da quinta de produção e da torre senhorial. O proprietário desta nova unidade agrícola não é já, o lavrador, o camponês, mas o cidadão que a habita, apenas, temporariamente e cujos requisitos de conforto determinavam novas linguagens arquitectónicas no edifício e cujo sentido de vilegiatura, que o leva à quinta, implica, também, transformações da propriedade rural e no próprio sistema produtivo."*¹⁰

De acordo com o excerto acima mencionado, a Quinta de Recreio surge como a casa de campo de nobres que viviam na capital, mas que se deslocavam às suas propriedades quando era necessário controlar as suas produções agrícolas, permitindo também o refúgio da cidade para momen-

⁷ Leite, António dos Santos; Feliciano, Ana Marta - *A Casa Senhorial como Matriz da Territorialidade*. [s.l.]: Caleidoscópio, 2015. ISBN 9789896583354, p.143

⁸ *Ibidem*, p. 163

⁹ Pires, Amílcar - *A Quinta de Recreio em Portugal: Vilegiatura, Lugar e Arquitectura*. [s.l.]: Caleidoscópio, 2014. ISBN 9789896582456, p. 264

¹⁰ Carapinha, Aurora - *Da Essência do Jardim Português*. Évora: Universidade de Évora, 1995. Vol. I, Tese de Doutoramento no ramo de Artes e Técnicas da Paisagem, p.197 e 198

tos de encontro com a natureza e passeio nas épocas de caça ou para protecção das epidemias que apareciam na cidade. As novas necessidades de conforto implicam a introdução de novos elementos arquitectónicos ao nível dos edifícios e novos métodos de produção ao nível dos terrenos agrícolas.

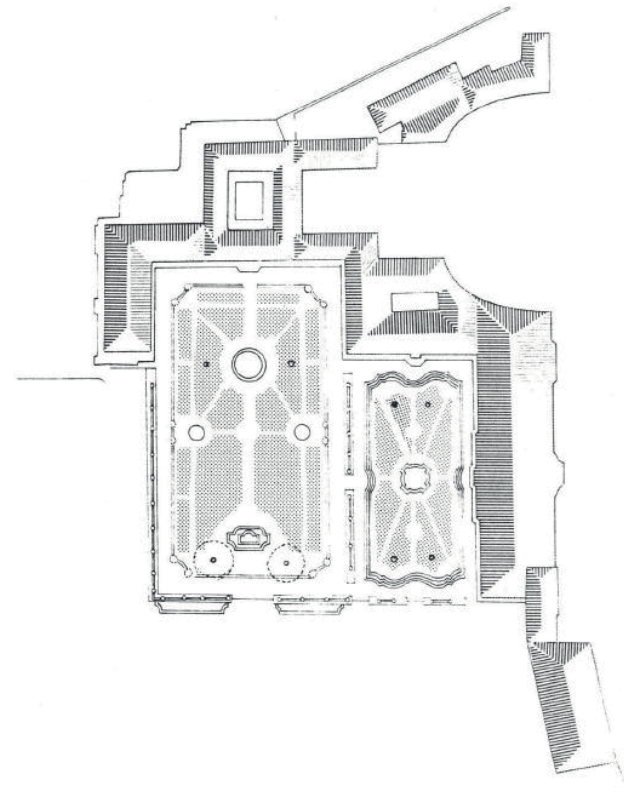
No reinado de D. João V (1689-1750), a chegada do 'ouro do brasil' provoca uma perda de interesse por parte dos senhorios "*nas suas fontes tradicionais de poder económico*", pelo que distribuem partes das suas propriedades a vários senhorios. Esta distribuição e divisão das propriedades origina a diminuição da extensão dos terrenos e parcelas de cultivo e a uma multiplicação de "*pequenos casais rurais e pequenas aldeias rurais*". Uma vez que as intervenções barrocas fazem-se, a partir de agora, em propriedades de menores dimensões e, por isso, de menor relevância senhorial, começa a ser mais correcto substituir o termo paço por solar, casa de quinta ou casal, conforme a dimensão dos edifícios e a origem social. A hierarquização territorial foi, em tempos, a maior inquietação dos antigos paços senhoriais, no entanto, com os novos proprietários da pequena nobreza, a grande necessidade volta a ser a garantia de lucro das suas safras. Começam a existir preocupações a nível funcional, que levam ao surgimento de novas construções de apoio à produção agrícola, como lagares, adegas e espaços destinados ao arrumo de alfaias. A implantação da casa principal e das estruturas edificadas de apoio à produção agrícola tendem a enquadrar-se de acordo com a necessidade de proximidade entre os edificadas, dando origem a novos aglomerados de construção, que mais tarde começam a ser considerados no mesmo edifício da casa principal.¹¹

Durante o período do reinado de D. João V existem outros aspectos importantes de evolução da residência senhorial, como é o caso da existência de maior número de compartimentos e a sua especificação, assim como a criação de divisões com decoração própria com o propósito de utilização em momentos de refúgio que possibilitam a leitura e a escrita. De um modo geral, o piso térreo é aproveitado para arrecadações nas casas de menor dimensão e, nas casas mais ricas, de maior dimensão, integra as adegas e celeiros e, em alguns casos, a cozinha. As divisões do piso superior, por sua vez, dão lugar aos espaços mais nobres da casa. Estas características denunciam o estilo da casa barroca, que idealmente se uniformiza numa casa de planta em "U" e procura um maior "*dinamismo espacial*" através dos seus elementos, como refere António Santos Leite em "*A Casa*

¹¹ Leite, António dos Santos; Feliciano, Ana Marta - *A Casa Senhorial como Matriz da Territorialidade*. [s.l.]: Caleidoscópio, 2015. ISBN 9789896583354, p.281



20 | Fachada da Casa Anadia em Mangualde com Pormenor da Escadaria de Acesso ao Piso Nobre



21 | "Jardim de Neptuno e de Malta da Quinta Real de Queluz". Jardim de estrutura biaxial e ortogonal com estrutura secundária oblíqua (século XVIII)

Senhorial como Matriz da Territorialidade:*

"(...) A procura de um maior dinamismo espacial será neste período afirmada, ao nível do espaço doméstico, essencialmente através de diferentes sequências rítmicas dos vãos da janela, que nas tipologias de planta em "U" tendem a contribuir para um acentuar do dinamismo de perspectivas em relação ao ponto central da fachada. Ainda no que diz respeito à procura de um dinamismo espacial, verifica-se a importância e ostentação do desenvolvimento das escadarias exteriores de acesso à casa, para um sentido mais dinâmico do espaço."¹²

Verifica-se nas casas desta época a vontade de testar diversos desenhos de escadarias, desafiando diferentes tipos de movimento e tridimensionalidade no acto de chegada ao piso nobre da casa. Por sua vez, nas casas localizadas em contexto urbano a escadaria é aplicada no interior, devido à falta de espaço no exterior, uma vez que é necessário adaptar os limites da propriedade aos traçados dos arruamentos.¹³ As estruturas como lagos e tanques continuam a aparecer como elementos de lazer dos jardins, mas começam a ser também associados à noção de movimento devido às suas qualidades estéticas e à sua ligação com a água. O jardim aparece como um complemento à casa, uma continuação do espaço interior, num esforço de relacionar os dois espaços, uma vez que surge normalmente dentro de limites físicos, materializados num muro ou vedação, o que o torna um lugar com características semelhantes a uma divisão da casa.

Nas Quintas de Recreio do século XVIII, os jardins "*surgem colocados lateralmente, ao nível do primeiro piso, na sequência de salas do andar nobre, apresentando para a rua um muro decorado interiormente com bancos e alegretes*".¹⁴ Mantêm uma organização segundo uma forma ortogonal, desenvolvida em dois eixos, geralmente centralizado até ao início do século XIX, momento em que são influenciados pelas formas do Romantismo. As linhas rectas são substituídas por um traçado mais orgânico caracterizado pelos caminhos e canteiros irregulares.¹⁵ A casa e o jardim tendem a fechar-se ao exterior, apresentando-se como espaços pertencentes a um restrito grupo social, sendo

¹² *Ibidem*, p.196

¹³ Azevedo, Carlos de - *Solares Portugueses, Introdução ao Estudo da Casa Nobre*. [s.l.]: Livros Horizonte, 1988. ISBN 9789722401661, p.75

¹⁴ Carita, Helder - *A Casa Senhorial em Portugal, modelos, tipologias, programas interiores e equipamento*. 1ª Edição. [s.l.]: Leya, 2015. ISBN 9789896603939, p.382

¹⁵ Carapinha, Aurora - *Da Essência do Jardim Português*. Évora: Universidade de Évora, 1995. Vol. I, Tese de Doutoramento no ramo de Artes e Técnicas da Paisagem, p.259

este o seu *"maior símbolo de requinte e riqueza"*. Eram espaços usualmente abertos a *"jantares, recepções e soireés musicais"*.¹⁶

2.3. Estrutura Espacial e Programática da Quinta de Recreio

*"Chama-se Quinta de Recreio à propriedade rústica que, independentemente da dimensão, inclui terrenos de cultivo, hortas e pomares, edifícios de apoio à exploração agrícola e pecuária, habitações de trabalhadores rurais e, junto à residência do proprietário, zonas de lazer, designadamente jardins, pavilhões, fontes, lagos, pombais e matas, variando em função do estatuto social dos moradores."*¹

A Quinta de Recreio usufrui de uma função de carácter recreativo, que permite um modo de habitar distinto do da cidade, através do contacto com as características próprias do lugar e que denunciam a sua identidade, como os *"cheiros, ambiente, água, sombras, relações visuais, pausas, pormenores, elementos da arquitectura"*.² Apesar do carácter recreativo, a produção de produtos hortícolas e frutícolas é a sua grande fonte de rendimento pelo que é necessária uma boa localização, sempre pensada junto de bons meios de comunicação e de bons recursos hídricos. A implantação da Quinta de Recreio reflecte a gestão de um conjunto de factores que permite a organização dos

¹⁶ Carita, Hélder - *Tratado de Grandeza dos Jardins em Portugal: ou da originalidade e desaires desta arte*. [s.l.]: Circulo de Leitores, 1990. ISBN 9789725643426, p.199

¹ Mesquita, Marieta Dá - História da Arquitectura, Uma Proposta de Investigação - *O Palácio dos Marquês de Fronteira como Situação Exemplar da Arquitectura Residencial Erudita em Portugal*, Tese de Doutoramento em História da Arquitectura, Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, 1992. in Pires, Amílcar - *A Quinta de Recreio em Portugal: Villegiatura, Lugar e Arquitectura*. [s.l.]: Caleidoscópio, 2014. ISBN 9789896582456, p.269

² Pires, Amílcar - *A Quinta de Recreio em Portugal: Villegiatura, Lugar e Arquitectura*. [s.l.]: Caleidoscópio, 2014. ISBN 9789896582456, p.10

diversos espaços: "edifício residencial, apoios agrícolas, arquitecturas de recreio e prazer, sistema hídrico, jardins formais, zona de produção e mata".³ A implantação do edifício principal tem sempre em consideração as vistas e os eixos existentes e a exposição solar, determinada consoante a altura do ano em que vai ser habitada. A localização da casa vai definir a organização dos compartimentos interiores, preferencialmente orientados para a paisagem e, a localização dos espaços exteriores.

As duas funções subjacentes à Quinta de Recreio (recreio e produção) deixam-se invadir uma à outra, criando espaços harmoniosos dedicados ao lazer. Nas zonas de cultivo, elementos arquitectónicos ou escultóricos que se materializam em 'arquitecturas de prazer', tornam o espaço acolhedor e sensível à permanência, porém, são também infra-estruturas necessárias à produção. A implantação da Quinta de Recreio é feita em pontos estratégicos com relações espaciais entre si, com a função de domínio de territórios não urbanizados, próxima de grandes centros urbanos. Apesar de estar sempre ligada à cidade, necessita de se afastar desta, implantando-se na sua periferia, onde predominam as vistas panorâmicas, os bons solos, a disponibilidade de água, a diversidade paisagística e as condições climáticas favoráveis à actividade.⁴

Posto isto, a Quinta de Recreio apresenta-se como um conjunto de espaços com características específicas e elementos próprios de ocupação que engloba três vertentes: a produção, a habitação e o recreio.

O espaço de produção abrange todos as áreas dedicadas a hortas, pomares, pastagem, vinhas, matas, adegas, lagares, armazéns e casas de trabalhadores e localiza-se em locais favoráveis ao desenvolvimento da prática agrícola. É normalmente organizado segundo uma malha que varia de acordo com a região onde se insere e é estruturado em função da disponibilidade e distribuição de água, em espaços com exposições solares favoráveis à produção agrícola.

O espaço dedicado à habitação assume um lugar de destaque em todo o conjunto e, apesar de ser um local de estadia temporária, tem dimensões superiores a uma habitação permanente, uma vez que permite a prática de actividades dedicadas ao convívio familiar e social em tempos de lazer. Segundo Leon Battista Alberti, em "A Villa Renascentista", a casa numa Villa deve ser implantada na zona menos fértil do terreno, numa zona horizontal elevada "para afirmação da arquitectura perante

³ Pires, Amílcar - *A Villa Renascentista: Arquitectura, Jardins e Paisagem*. Lisboa: Caleidoscópio, 2016. ISBN 9789896583774, p.191

⁴ Pires, Amílcar (2014) - *A Quinta de Recreio em Portugal. Villegiatura, Lugar e Arquitectura*. [s.l.]: Caleidoscópio, 2014. ISBN 9789896582456, p.269

a envolvente", com orientação a Nascente, protegida dos ventos dominantes. Em caso de se localizar numa encosta, é criado um embasamento no ponto mais elevado para implantação da casa, com os jardins nos diversos socalcos seguintes, sempre a uma cota inferior à da casa.⁵ Este tipo de organização espacial encontra-se também frequentemente nas Quintas de Recreio em Portugal, nas quais a casa assume uma posição de destaque em relação aos terrenos e jardins envolventes.

O espaço recreativo engloba as duas vertentes anteriores, transformando os espaços de carácter produtivo, como zonas de pomares e tanques que fazem a distribuição da água, em espaços de estar e de jardim. Os elementos como a casa de fresco, o lago e/ou o tanque são referências do jardim português dos séculos XVII e XVIII, que se mantêm até aos dias de hoje e são espaços fundamentais das zonas de repouso e contemplação. Os caminhos que delimitam e separam cada área de produção, as redes de aproveitamento hídrico e os sistemas naturais, tais como o próprio relevo do terreno e as linhas de água, suscitam o passeio e a fruição do espaço, tornando-o num lugar de recreio com actividades meramente contemplativas. No entanto, ao longo dos tempos, além destes tipos de recreio passivo, começa a ser adicionada a prática desportiva, pelo que é necessário criar novos núcleos, como zonas de picadeiro.

De um modo geral, a organização espacial do conjunto da quinta é definida pela geometria do edifício, principalmente no caso do jardim nobre, no qual se verifica uma organização axial segundo os alinhamentos da casa nobre, dando origem ao conceito de casa-jardim. "A simetria, a ordem, o ritmo e a harmonia" são conceitos base que estão na origem do plano arquitectónico da Quinta de Recreio e que têm como princípio as proporções do corpo humano, a proporção áurea e os módulos geométricos.⁶ São características que suportam os princípios da "Arquitectura do Humanismo" comprovados em vários exemplos, como expõe Amílcar Gil Pires:

"(...) permitem identificar uma ordem comum intemporal e uma regra inerente a esta tipologia arquitectónica, o que revela, por um lado, o nível de erudição das Quintas de Recreio renascentistas portuguesas e, por outro, a sua relevância patrimonial no contexto da História da Arquitectura Portuguesa."⁷

⁵ Alberti, Leon Battista in. Pires, Amílcar (2016) - *A Villa Renascentista: Villegiatura, Lugar e Arquitectura*. [s.l.]: Caleidoscópio, 2014. ISBN 9789896582456, p.177

⁶ Pires, Amílcar - *A Villa Renascentista: Arquitectura, Jardins e Paisagem*. Lisboa: Caleidoscópio, 2016. ISBN 9789896583774, p.176

⁷ *Ibidem*, p. 194



22 | Sucessão das Salas no Paço dos Duques de Bragança, em Vila Viçosa

A estrutura espacial da quinta organiza-se segundo a localização da casa do proprietário, que surge como o elemento mais central e mais importante da quinta de recreio com características arquitectónicas e programa funcional próprios. A casa estrutura-se segundo um eixo que evidencia a sua simetria e profundidade, tendo como características mais importantes de afirmação social, a simetria da fachada e da planta da casa, idealmente desenvolvida em "U", assim como o andar nobre, ponto de destaque do conjunto. O pátio de entrada, de honra ou terreiro e a capela são os espaços exteriores mais relevantes na estruturação da casa e antecedem a sala de entrada e a cozinha, que são considerados os espaços estruturantes do interior. Os restantes espaços da casa são complementares aos referidos anteriormente e distribuem-se em salas com carácter emblemático, quartos, câmaras e antecâmaras e eventuais corredores. A transição entre espaços é feita por uma sucessão de portas abertas, situadas num ponto central ou junto às paredes exteriores de cada sala, que dá origem a uma circulação de carácter teatral, provocada pela ausência de corredores, que se mantêm inexistentes até ao século XVIII.⁸ Esta configuração sugere uma organização de espaços consecutivos que permite visualizar os extremos da casa através das suas portas.

No exterior há outros elementos complementares, *"que variam de dimensão e quantidade consoante o peso desta função na quinta"*, uma vez necessários à actividade agrícola e produtiva da propriedade. Estes elementos são lagos, fontes e/ou tanques que fazem o transporte de água a estas áreas e distribuem-se ao longo do terreno da quinta, composto por áreas verdes de jardim e zonas de cultivo como pomares, horta, mata e jardim formal. A água é um importante elemento estruturante e organizador das diferentes áreas da quinta, uma vez que todas procuram a melhor localização de acordo com as necessidades de aproveitamento da água, assim como referido no seguinte excerto de *"Da Essência do Jardim Português"*

"A água, indispensável à produção e ao recreio, é o grande elemento ordenador e unificador, converte-se na essência viva e dinâmica do jardim português e é o seu principal meio de expressão. É ela que vai elegendo de certas zonas da quinta, construindo locais particulares, diluindo simetrias, definindo espaços autónomos e independentes que valem

⁸ *Ibidem*, p. 273

*por si.*⁹

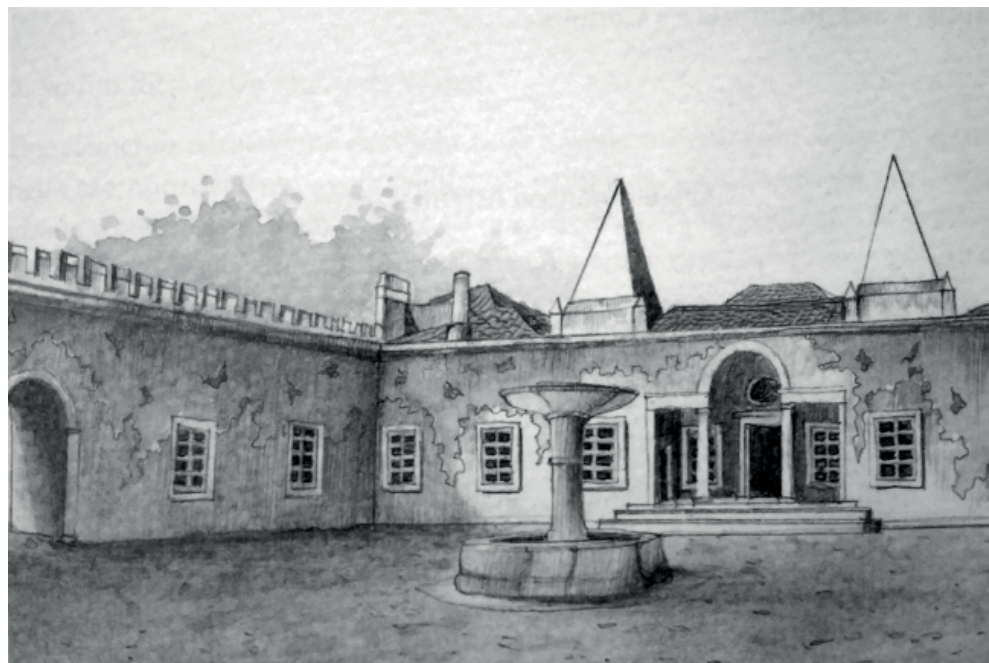
Os lagos e tanques, apesar das propriedades "*recreativas e ambientais*", surgem também como elementos utilitários, sendo importantes "*reservatórios de água integrados no complexo sistema de rega de toda a Quinta*" e vão sendo dispostos ao longo do terreno de acordo com a sua topografia, garantindo a distribuição de água a todas as zonas.

Aurora Carapinha (1995) considera que a "*mata, jardim formal ("Horto de Recreio") e horta são, em qualquer época histórica, os constituintes básicos da propriedade de todas as casas de campo*"¹⁰ e não são exclusivos da Quinta de Recreio, estando também presentes nas *villas* renascentistas. Amílcar Gil Pires, em *A Villa Renascentista*, considera o Pátio de Entrada, o Jardim Formal, o Pomar e Horta, a Mata, a Capela, a Sala de Entrada e a Cozinha como os principais elementos estruturantes de uma Quinta de Recreio, podendo encontrar-se na generalidade dos casos, pelo que é feita uma breve descrição de cada um destes espaços:

⁹ Carapinha, Aurora (1995) - *Da Essência do Jardim Português*, p. 353

¹⁰ *Ibidem*, p. 205

Pátio de Entrada ou de Honra



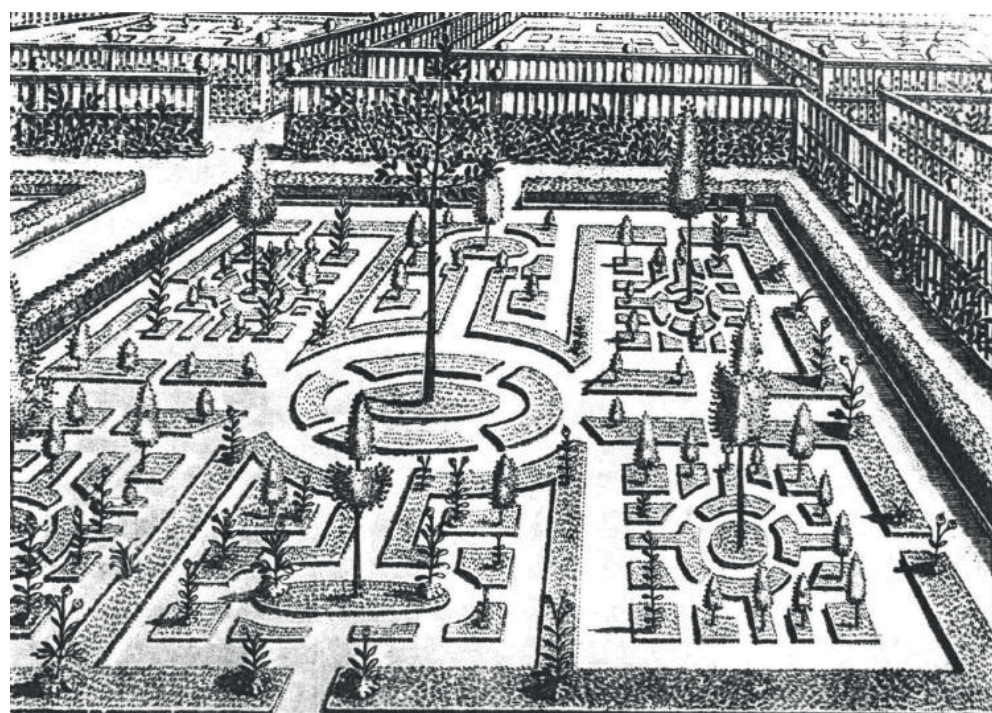
23 | Pátio de Entrada da Quinta das Torres

O Pátio de Entrada é o espaço que precede a entrada principal da casa e é onde se recebe os visitantes e convidados que chegam à casa, apresentando-se como uma antecâmara exterior com características dignas de espaço de recepção, o que o torna distinto dos restantes espaços exteriores.

O Pátio de Entrada desenvolve-se em frente à fachada principal da casa e da capela, podendo apresentar-se delimitado por muros e um portão quando existe uma maior necessidade de privacidade. No entanto, em alguns casos, encontra-se delimitado pela própria Casa Senhorial e os edifício anexos, perpendiculares a esta, como é o caso da Quinta das Torres, em Azeitão, em que o pátio assume uma posição central, delimitado em todos os seus lados.

Quando não existe pátio de entrada, existe normalmente uma área mais irregular, por vezes sem delimitação, junto à fachada principal da Casa Senhorial, à qual se dá a designação de terreiro, no entanto com a mesma função do Pátio de Entrada.

Jardim Formal ou Horto de Recreio



24 | Perspectiva de Jardim segundo a obra Hortorum Viridariorumque Elegantes et Multi Plicis Formae de Hans Vredeman de Vries Antuérpia (1585)

O Jardim Formal tem uma localização privilegiada em relação à casa, situando-se junto a uma das fachadas laterais de modo a poder ser apreciado das varandas ou *loggias* que a compõem, surgindo como um espaço que transmite a ideia de continuidade do interior para o exterior, com função unicamente recreativa. O limite feito com vegetação ou muros altos garante a privacidade do jardim, que se localiza normalmente em socacos ou terraços, na procura de locais preferencialmente planos. As plantações são organizadas segundo uma malha ortogonal, “reforçada pela plantação de árvores e localização de pérgulas na sua periferia, e polarizado por elementos de contenção e fluxo de água (tanques e fontes)”¹ que dão origem aos percursos por onde se pode caminhar. A escassez de água que resulta do tempo quente e seco do clima mediterrânico obriga a que as quintas deste território desenvolvam os seus jardins em socacos, os chamados terraços do jardim português, de diferentes cotas, adaptando os sistemas hídricos ao terreno para uma maior economia das águas. Nos pontos mais altos destacam-se os tanques e reservatórios que fazem o armazenamento e a distribuição de água aos restantes socacos, cada um com canalizações, tanques e fontes próprias, evitando sempre o desperdício de água.

¹ Pires, Amílcar - *A Quinta de Recreio em Portugal: Villegiatura, Lugar e Arquitectura*. [s.l.]: Caleidoscópio, 2014. ISBN 9789896582456, p.276

Pomar e Horta



25 | "Gravura do século XV representando um pomar"

Frey Miguel Agustín¹ afirma que o Pomar e a Horta devem localizar-se em encostas suaves, preferencialmente numa encosta entre a casa e a cota mais baixa, com orientação a nascente, para benefício da exposição solar e da disponibilidade de água necessária para rega. Esta localização oferece as condições necessárias ao desenvolvimento de árvores de fruto e de produtos hortícolas e possibilita a fruição do espaço e a contemplação dos diversos espaços, pelo que favorece tanto o lado estético como o lado produtivo e funcional da quinta. A localização em terrenos inclinados torna-se favorável à produção agrícola, uma vez que tem "*solos naturalmente bem drenados*", assim como garante maior exposição solar e, por isso, menor risco de formação de geada. No entanto, é necessário o nivelamento das terras, procedendo-se à criação de socalcos para facilitar o processo de plantação, colheita e rega dos produtos.² A produção de produtos hortícolas e frutos é um importante contributo para o sustento económico da Quinta de Recreio, uma vez que os produtos são comercializados, não só na própria cidade, mas são também exportados para outras cidades. As hortas e os pomares "*conferem à quinta o seu carácter de predominância agrícola*", permitindo a fruição do ambiente de jardim noutros espaços, e revela-se um atributo do jardim português, distinguindo-o dos jardins da típica *villa italiana*.

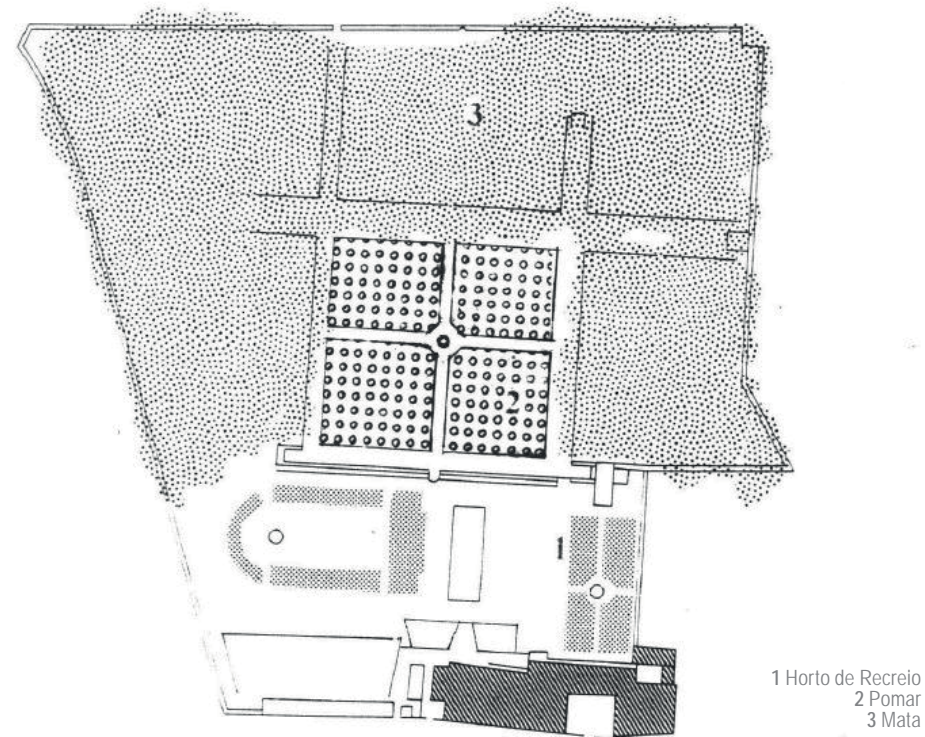
Neste caso, "*a presença de arquitecturas de prazer, como pérgulas, casas de fresco, caramanchões e grutas e de elementos escultóricos*", fogem da estrutura geométrica do jardim formal e distribuem-se de forma poética no espaço, relacionando-se com as diferentes áreas de cultivo, tanques e lagos da estrutura hídrica da quinta. São espaços que permitem contemplar o jardim e a natureza envolvente e servem de abrigo das condições climáticas adversas, encontrando-se junto de tanques e fontes, para usufruto das 'brisas frescas' em dias de maior calor. Estes pormenores conferem originalidade ao jardim português, que se apropria "*das águas agrícolas para efeitos recreativos, de contenção e gozo, juntando o útil ao agradável*".³

¹ Frey Miguel Agustín (1980) - *Libro de Los Secretos de Agricultura casa de campo y pastoril*, Tarragona in Carapinha, Aurora (1995) - *Da Essência do Jardim Português*, p. 269

² Carapinha, Aurora (2015) - *Da Essência do Jardim Português*, p. 279

³ Pires, Amílcar Gil - *A Quinta de Recreio em Portugal: Villegiatura, Lugar e Arquitectura*. [s.l.]: Caleidoscópio, 2014. ISBN 9789896582456, p.277

Mata



26 | Quinta do General Borba, século XVII

Localizada geralmente na zona mais inclinada da quinta, a Mata apresenta-se como a única parcela da quinta organizada segundo a topografia natural do terreno, sem significativas intervenções do Homem, encontrando-se num estado praticamente inato. A sua qualidade a nível topográfico origina percursos orgânicos entre os arbustos e as árvores, dispostos de forma quase aleatória e torna-o um importante espaço para actividades lúdicas e recreativas, nomeadamente, a realização de caçadas. Devido à sua organização e localização, este elemento assume uma função protectora, uma vez que permite o controlo da temperatura e dos ventos prejudiciais à *"produção agrícola e ao ambiente recreativo"*.¹ Apesar de resguardar a quinta das condições atmosféricas adversas, a Mata apresenta-se também como um elemento auto-suficiente, uma vez que incita a infiltração de água e, por isso, controla as erosões, funcionando como climatizador do conjunto da quinta. Assim como refere Aurora Carapinha, a Mata *"protege a quinta dos ventos frios, oferece amenidade climática necessária à produção e ao recreio"*,² abastecendo a casa de lenha para aquecimento no Inverno e madeira como matéria-prima para a construção.

¹ Pires, Amílcar - *A Villa Renascentista: Arquitectura, Jardins e Paisagem*. Lisboa: Caleidoscópio, 2016. ISBN 9789896583774, p.191

² Carapinha, Aurora- *Da Essência do Jardim Português*. Évora: Universidade de Évora, 1995. Vol. I, Tese de Doutoramento no ramo de Artes e Técnicas da Paisagem, p.207 e 208

Capela



27 | Capela da Nossa Senhora das Neves na Quinta de Atães, em Gondomar - 2012

A Capela é um elemento que surge integrado no conjunto da habitação senhorial nos finais do século XVII e vai ganhando importância com o avançar do século XVIII acabando por alcançar um lugar de destaque na composição arquitectónica da quinta. No entanto, enquanto na região do Norte do país esta é um elemento importante da tipologia da quinta, surgindo, muitas vezes, integrada no corpo da habitação, na região do Sul aparece como um corpo independente ao volume da casa. Apesar de ser um elemento estruturante com destaque no conjunto da habitação, a Capela não é um elemento frequentemente utilizado em todas as Quintas de Recreio.

Nas casas em que a Capela surge integrada no corpo da habitação, o acesso feito pelos visitantes externos e os proprietários é separado, pelo que usualmente são criadas tribunas privadas para os proprietários, a uma cota superior que abre directamente para a capela-mor.

Sala de Entrada ou Casa de Fora



28 | Sala de Entrada da Casa de Quintã, em Vila-Real

A Sala de Entrada corresponde ao espaço interior mais importante da Casa Senhorial, sendo aquele a partir do qual se faz o acesso ao interior, sendo antecedido pela escadaria de dois lanços junto à fachada. À semelhança do Pátio de Entrada, é na Sala de Entrada que se faz a recepção dos convidados e, por isso, onde melhor se revela o estatuto social e económico da família, havendo uma maior preocupação na caracterização e destaque deste espaço. A Sala de Entrada localiza-se normalmente no centro da casa, funcionando como eixo de simetria, visível principalmente em planta. Em alguns casos é possível determinar a sua localização a partir do exterior devido ao realce deste volume na fachada e/ou na cobertura. Este elemento central denuncia, assim, a porta principal de acesso à casa, materializando-se num volume que surge recuado ou avançado em relação ao plano da fachada.

Uma vez que esta é a sala que antecede os restantes espaços interiores da casa e, por isso, a que melhor demonstra a riqueza da família, existe um maior cuidado quanto à sua dimensão e localização relativamente às restantes divisões da casa.



29 | Cozinha do Paço dos Duques de Bragança em Vila Viçosa

A Cozinha é um espaço importante a nível funcional e vivencial que assume diferentes dimensões, organizações e posições consoante a importância e tamanho de cada casa. Pode encontrar-se integrada nos espaços interiores ou num espaço anexo junto ao edifício e com a particularidade de ter tectos em abóbada de canhão ou de arestas, quando é incluída no interior, ou com cobertura sobre estrutura em madeira, quando é anexa ao edifício da casa. Pode apresentar-se numa zona central, de fácil acesso a todos os outros espaços e, em casas com mais do que um piso, junto à escada principal.

A casa de jantar, exclusivamente para refeições é um espaço que surge apenas no final do século XVIII, uma vez que só a partir deste século começa a haver uma atribuição de funções específicas para cada divisão. Assim como Amílcar Gil Pires (2014) refere: "*Um compartimento tanto podia servir de sala como de quarto e o acto de dormir era feito na "câmara", espaço que servia igualmente para a escrita, trabalhos domésticos e até para tomar refeições.*"¹

¹ Pires, Amílcar Gil - *A Quinta de Recreio em Portugal: Villegiatura, Lugar e Arquitectura*. [s.l.]: Caleidoscópio, 2014. ISBN 9789896582456, p.273

3

A REABILITAÇÃO EM PATRIMÓNIO ARQUITECTÓNICO

- 3.1. Definição e Evolução do Conceito de Património
- 3.2. A Reabilitação como Processo de Intervenção no Património
- 3.3. Casos de Referência de Projectos de Reabilitação

3.1. Definição e Evolução do Conceito de Património

Este capítulo pretende definir o conceito de património, tendo como base de referência diversas cartas e convenções internacionais que permitem conhecer a evolução deste conceito ao longo dos anos, partindo da generalidade do termo para a própria distinção entre património natural e cultural.

O património cultural subdivide-se em móvel, imaterial e construído ou imóvel, sendo que este último engloba ainda o património vernáculo, industrial, arqueológico, paisagístico, urbano e arquitectónico. No entanto, tendo em conta o contexto da investigação, é feita uma análise mais aprofundada do conceito de património arquitectónico.

Em 1982 o ICOMOS – *Canada French Speaking Committee*, define o conceito de património, como:

“(...) a conjugação das ‘criações e dos produtos da natureza e do homem que, na sua integridade constituem, no espaço e no tempo, o ambiente em que vivemos. O património é uma realidade, um bem da comunidade e uma valiosa herança que pode ser legada e que convida ao nosso reconhecimento e à nossa participação.’

(...) O património não se limita a um tempo, nem passado nem futuro. Usamos o património

*de ontem para construirmos o património de amanhã, porque a cultura é, por natureza, dinâmica e está em constante renovação e enriquecimento.*¹

Como se constata no excerto acima referido, o conceito de património não engloba apenas edifícios construídos, engloba todos os bens reconhecidos por uma comunidade, dividindo-se em diversas áreas de interesse que se distribuem entre património cultural e património natural. Assim como a cultura é continuamente enriquecida, o próprio conceito de património acompanha a sua evolução, o que permite reunir tanto bens do passado como bens do presente. Ao longo dos tempos são adquiridos diferentes e mais abrangentes significados de património conforme a evolução e o interesse pelos monumentos, uma vez que a sua *“tripla extensão – tipológica, cronológica e geográfica – (...) é acompanhada pelo crescimento exponencial do seu público”*, assim como menciona Françoise Choay.

Segundo Françoise Choay (2000), a primeira noção de património refere-se às estruturas pertencentes a famílias de poder e espaços económicos ou jurídicos com um importante papel na sociedade, no entanto esta definição limita-se a um pequeno grupo dos edifícios que se devem preservar. Posto isto, na década de 70 surgem novas teorias e conceitos que englobam todos os elementos edificados e ‘elementos humanizados’, assim como centros históricos, conjuntos rurais e património de interesse técnico e industrial.³ Estes espaços remetem a acontecimentos e vivências do passado e englobam também as *“obras e obras-primas das belas-artes e das artes aplicadas, trabalhos e produtos de todos os saberes e conhecimentos humanos”*.⁴ Hoje em dia já existe um vasto conjunto de bens de valor patrimonial, uma vez que se evidencia a necessidade da sua preservação para conhecimento das gerações futuras, como é o caso dos *“aglomerados de casas e bairros, aldeias, cidades inteiras e conjuntos de cidades”*.⁵

Segundo o artigo 2º da Convenção de Faro (2015) que Helena Barranha transcreve, o património cultural engloba todos os elementos do passado, com *“valores, crenças, saberes e tradições*

¹ ICOMOS – Canada French-Speaking Committee (1982) *Charter for the preservation of Quebec’s Heritage* (Deschambault Declaration) – *Definition of Heritage and Preservation*. In Barranha, Helena – *Património Cultural: conceitos e critérios fundamentais*. 1ª Edição. Lisboa: IST Press e ICOMOS-Portugal, 2016. ISBN 9789898481511, p.26

² Choay, Françoise – *A Alegoria do Património*. [Trad.] Teresa Castro. Lisboa: Edições 70, 2000. ISBN 9724410374, p.14

³ Lopes, Flávio (1996) – *Património Arquitectónico e Arqueológico - Informar para Proteger - Cartas e Convenções Internacionais*. Lisboa: IPPAR, 1994. ISBN 9728087136, p.12

⁴ Choay, Françoise (2000) – *A Alegoria do Património*. [Trad.] Teresa Castro. Lisboa: Edições 70, 2000. ISBN 9724410374, p.11

⁵ *Ibidem*, p.12

*em permanente evolução*⁶ pertinentes na vida das pessoas nos dias de hoje. Já em 1972, a UNESCO considera como património todos os monumentos, conjuntos e sítios valorizados universalmente de acordo com a história, a arte, a ciência a estética ou a antropologia.⁷ Por sua vez, o património natural é constituído pelas áreas naturais de valor singular de beleza natural, de acordo com a estética e a ciência.

Posto isto, o património construído, incluído no conjunto do património cultural, abrange todas as estruturas e elementos criados pelo homem, com valor histórico, artístico e técnico, que se podem apresentar em estruturas isoladas ou de conjunto, como é o caso dos *“monumentos, conjuntos arquitectónicos e sítios construídos”*⁸ localizados quer em meio rural, quer em meio urbano.

O património arquitectónico encontra-se no contexto do património construído e, segundo a Declaração de Amsterdão do Conselho da Europa (1975) apesar de compreender edifícios de valor singular, as suas envolventes também se apresentam como locais de valor histórico ou cultural, como é o caso de algumas *“cidades, vilas e aldeias”*.⁹

No entanto, em 2010, o IGESPAR acrescenta à definição de património arquitectónico, todos *“os edifícios ou estruturas construídas e seus componentes, os núcleos urbanos e seus componentes, as paisagens e seus componentes”*¹⁰ com características construtivas, técnicas ou funcionais particulares de valor arquitectónico, histórico, simbólico e identitário e que se apresentam eloquentes no meio e época em que se desenvolveram. Além dos edifícios de aspecto monumental, o património arquitectónico compreende também todos os edifícios de carácter singular, relevantes na área em que se inserem e na época em que se desenvolveram.

É neste contexto que se parece inserir a Quinta de Recreio, uma vez que esta engloba, não só os elementos construídos, mas também a sua área envolvente, que corresponde às áreas de terrenos dedicadas a produção agrícola, assim como às áreas de lazer e a sua evolução ao longo de vários séculos.

⁶ Conselho da Europa (2015) *Convenção de Faro, Artigo 2º*. In Barranha, Helena – *Património Cultural: conceitos e critérios fundamentais*. 1ª Edição. Lisboa: IST Press e ICOMOS-Portugal, 2016. ISBN 9789898481511, p.29

⁷ UNESCO (1972) - *Convenção sobre a Protecção do Património Mundial, Cultural e Natural*, Artigo 1º. In Barranha, Helena – *Património Cultural: conceitos e critérios fundamentais*. 1ª Edição. Lisboa: IST Press e ICOMOS-Portugal, 2016. ISBN 9789898481511, p.28

⁸ Pereira, P. (1997) - *Os conceitos operativos*. In Barranha, Helena – *Património Cultural: conceitos e critérios fundamentais*. 1ª Edição. Lisboa: IST Press e ICOMOS-Portugal, 2016. ISBN 9789898481511, p. 31

⁹ Conselho da Europa (1985) - *Convenção de Granada - Convenção para a Salvaguarda do Património Arquitectónico da Europa*, Artigo 1º. In Barranha, Helena – *Património Cultural: conceitos e critérios fundamentais*. 1ª Edição. Lisboa: IST Press e ICOMOS-Portugal, 2016. ISBN 9789898481511, p. 36

¹⁰ IHRU, IGESPAR (2010) - *Património Arquitectónico - Geral (kits património nº1, versão 2.0)*, in Barranha, Helena – *Património Cultural: conceitos e critérios fundamentais*. 1ª Edição. Lisboa: IST Press e ICOMOS-Portugal, 2016. ISBN 9789898481511, p. 36

3.2. A Reabilitação como Processo de Intervenção no Património

*(As Quintas de Recreio) (...) são espaços peculiares de significativa dimensão no tecido urbano ou no território -, é um ambiente que suspende o tempo e o stress do quotidiano, um lugar onde se marca o encontro connosco próprios, com arquitectura e com a altura, com as coisas da Natureza e com a natureza das coisas, com a arte e com os amigos. (...) Neste contexto, as Quintas de Recreio constituem 'unidades de paisagem' que é necessário preservar, recuperar, dinamizar, inserir numa lógica de manutenção de lugares que são únicos e irrepetíveis.*¹

A reabilitação surge como um método de intervenção que permite atribuir um novo uso a um espaço ou edifício em estado de degradação, uma vez que a sua função inicial não se adequa às necessidades actuais. Estes elementos podem, assim, sofrer uma intervenção de reabilitação, na medida em que lhes é atribuída uma nova função de modo a serem integrados na contemporaneidade.

Desde a viragem do século XIX que se evidencia a importância das acções de defesa do património e são apresentadas diversas perspectivas e teorias sobre o tema da preservação e intervenção em monumentos arquitectónicos de valor patrimonial, tal como o fazem Ruskin, Morris,

¹ Pires, Amílcar - *A Quinta de Recreio em Portugal: Villegatura, Lugar e Arquitectura*. [s.l.]: Caleidoscópio, 2014. ISBN 9789896582456, p.10 e 11

Viollet-le-Duc, Mérimée e Vitet e Camillo de Boito.

Ruskin e Morris revelam-se pouco tolerantes quanto aos métodos de intervenção e prevenção de monumentos do passado, acreditando que estes edifícios se devem manter autênticos, uma vez que a autenticidade é o estado que define o seu sentido. Ruskin e Morris defendem que os monumentos *“pertencem, em parte, aos que os edificaram, e em parte ao conjunto de gerações humanas que nos seguirão”*.² Pelo contrário, Viollet-le-Duc mostra um ponto de vista mais radical e abusivo e assume que o restauro de um edifício permite fazê-lo chegar a um ponto completamente distinto do estado em que se encontrava em determinado momento, admitindo que qualquer intervenção é benéfica ao monumento. Mérimée e Vitet têm uma perspectiva mais prudente do que Viollet-le-Duc na medida em que defendem que a intervenção no monumento deve ser reduzida ao mínimo, de modo a obter o menor impacto possível no edificado existente, sempre que este o permita.³ Enquanto Viollet-le-Duc censura a importância da preservação das várias alterações que vão ocorrendo num edifício ao longo dos anos, Camillo de Boito apresenta uma solução mais ponderada, no entanto mais inquietante, uma vez que assume as várias intervenções como camadas de sucessivas alterações provocados pelo tempo, afirmando que todas devem ser preservadas, dando preferência ao *“presente sobre o presente”*.⁴

A UNESCO, na *Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural, Artigo 7º* (2001) salienta a importância de preservar e valorizar o património, do modo a transmitir às gerações que se seguem um *“testemunho da experiência e das aspirações humanas, de forma a fomentar a criatividade em toda a sua diversidade e a inspirar um diálogo genuíno entre as culturas.”*⁵

Sabendo que a reabilitação é a *“modificação de um recurso segundo padrões funcionais contemporâneos, envolvendo a eventual adaptação a um novo uso”*,⁶ é essencial pensar na integração dos *“monumentos, conjuntos e sítios da vida social”*, através da atribuição de novas funções a estes espaços, adaptando-os às necessidades e exigências da actualidade. A reabilitação do pa-

² Choay, Françoise – *A Alegoria do Património*. [Trad.] Teresa Castro. Lisboa: Edições 70, 2000. ISBN 9724410374, p.130 e 131

³ *Ibidem*, p.132 e 133

⁴ *Ibidem*, p.137

⁵ UNESCO (2001) - *Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural, Artigo 7º*. in Barranha, Helena - *Património Cultural: Conceitos e Critérios Fundamentais*. 1ª Edição. Lisboa: IST Press e ICOMOS-Portugal, 2016. ISBN 9789898481511, p.27

⁶ ICOMOS Canada (1983) - *Appleton Charter - The Appleton Charter for the Protection and Enhancement of the Built Environment*, “B. Framework” [trad.]. in Barranha, Helena - *Património Cultural: Conceitos e Critérios Fundamentais*. 1ª Edição. Lisboa: IST Press e ICOMOS-Portugal, 2016. ISBN 9789898481511, p.85

trimónio arquitectónico permite tirar o melhor partido dos terrenos, infra-estruturas e materiais e, ao mesmo tempo, possibilita uma melhor gestão dos gastos de energia, trazendo assim vantagens a nível económico.⁷

O Documento de Madrid – *Critérios para a Conservação do Património Arquitectónico do séc. XX* do ICOMOS – ISC20C (2011), declara que antes de fazer qualquer tipo de intervenção no património, é importante *“avaliar o seu significado cultural”*, incorporando todos os seus constituintes e perceber a relação que existe entre estes e a implantação. Deve avaliar-se o impacto da intervenção no *“significado cultural do património”*, evitando impactos negativos que alterem a sua génese.

Para intervir em espaços com relevante importância no património arquitectónico é essencial avaliar as diferentes formas de adicionar um novo elemento arquitectónico a outro pré-existente. Francisco Gracia em *“Construir en lo Construido”* (1992), aborda as diversas maneiras de renovar um edificado antigo, atribuindo-lhe novas funções ou mesmo significados, sem lhe retirar o devido valor. Deste modo, revela-se imprescindível fazer o reconhecimento do local em estudo antes de fazer qualquer intervenção, através do conhecimento das características construtivas e técnicas do edifício no contexto da sua evolução, assim como da sua área envolvente. Tal como Gracia (1992) afirma, é necessário conhecer e especificar os limites de influência da zona afecta ao projecto e definir os pontos de incidência da operação, que definem a matriz estruturante da área de intervenção.⁸ Um edifício não é um elemento que se fecha sobre si mesmo, relaciona-se com outros elementos da cidade, pelo que é importante definir métodos que definam a intervenção em contexto urbano.

Francisco Gracia enfatiza a oposição entre moderno e histórico e identifica *“este último termo como um passado mais ou menos remoto”*, no qual se revela a dificuldade de integração de um elemento contemporâneo. A intervenção contemporânea numa estrutura pré-existente deve adaptar-se às formas e carácter do passado que definem o elemento em causa, garantindo uma leitura harmoniosa do conjunto.

Com a realização da análise histórica e morfológica do lugar, no contexto da sua evolução,

⁷ Council of Europe (1976) - *Resolution (76) 28 concerning the Adaptation of Laws and Regulations to the Requirements of Integrated Conservation of the Architectural Heritage*, II. Principles of integrated conservation policy, III. National integrated conservation policies [trad. e adaptado]. in Barranha, Helena - *Património Cultural: Conceitos e Critérios Fundamentais*. 1ª Edição. Lisboa: IST Press e ICOMOS-Portugal, 2016. ISBN 9789898481511, p.85

⁸ Traduzido e adaptado pela autora, do original: *“Las técnicas de intervención en la ciudad, consideradas dentro del proyecto de arquitectura, han de empezar por reconocer y precisar los límites de influencia de la operación e incorporar como datos de primer rango – por encima de los datos funcionales, desde luego – los que definen la matriz estructural del área de intervención”* in Gracia, Francisco - *Construir en lo Construido: Arquitectura como Modificación*. Madrid: Editorial Nerea, S.A., 1992. ISBN 8486763657, p. 243

é possível conhecer as suas características de construção e com base neste conhecimento reunir as ferramentas necessárias ao desenvolvimento de uma proposta de intervenção que permite a harmonia entre os dois edificados sem descaracterizar o existente. Esta análise contribui para uma melhor compreensão da matriz e da génese das estruturas pré-existentes, o que permite que haja maior coerência na proposta de um elemento arquitectónico contemporâneo que se adapte às necessidades actuais, uma vez que se relaciona com as ideias e características do passado. Ao intervir no património deve haver uma preocupação em manter ou mesmo reforçar a importância do edificado existente através da integração da construção nova na pré-existência.

3.3. Casos de Referência de Projectos de Reabilitação

De modo a aprofundar o conhecimento sobre a intervenção em património arquitectónico, são estudados dois projectos de reabilitação que compreendem a inserção de edifícios contemporâneos em estruturas pré-existentes, pela necessidade de ampliação do espaço para dar resposta às novas funções. Os casos escolhidos são a Pousada do Palácio de Estoi, em Faro, de Gonçalo Byrne e a Pousada de Santa Marinha da Costa, em Guimarães, de Fernando Távora, devido à subtilidade com que incorporam elementos contemporâneos no conjunto, valorizando as estruturas do passado.

Tanto Gonçalo Byrne como Fernando Távora respeitam e valorizam os elementos arquitectónicos do passado, adaptando-os conforme as características das envolventes com a finalidade de dar lugar às funções necessárias dos novos programas. Quanto ao novo edificado, ambos o integram na envolvente do terreno, a uma cota inferior à cota de entrada no Palácio e no Mosteiro, não interferindo com as vistas que se podem usufruir a partir destes.

No entanto, enquanto Byrne destaca a centralidade do Palácio ao desenvolver o edificado contemporâneo lateralmente, com coberturas ajardinadas que transmitam a ideia de jardim, Távora assume a sua intervenção como uma continuidade dos edifícios existentes, incorporando-a na estrutura e organização do Mosteiro.

3.3.1. Pousada do Palácio de Estoi

Estoi, Faro, Portugal

Gonçalo Byrne Arquitectos, 2003 - 2009



30 | Fachada principal do Palácio de Estoi em Faro

O Palácio de Estói localiza-se no Algarve, na localidade de Estói, em Faro e foi erguido no século XVIII. O edifício principal, correspondente à casa senhorial, situado na cota mais alta do terreno, assenta sobre um embasamento construído no terreno e apresenta-se como o elemento estruturante da organização e composição dos espaços da envolvente que se desenvolvem entre jardins e pomares, de inspiração italiana.

O projecto desenvolvido por Gonçalo Byrne consiste na conversão do Palácio numa pousada de requinte e conforto com 60 quartos.

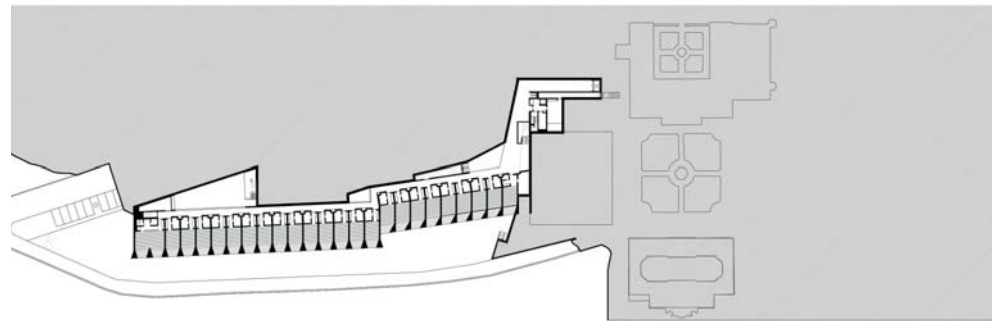
Uma vez que os edifícios pré-existentes são insuficientes para a dimensão da proposta e programa pretendidos, Gonçalo Byrne propõe a construção de um edifício contemporâneo, a Oeste do Palácio, distribuído em três socalcos, que se desenvolvem a partir do patamar do 'jardim suspenso'. Os muros de suporte dos socalcos dão forma às fachadas dos volumes dos quartos, que "*surgem como buracos escavados*" no terreno.

Este gesto pretende dar destaque ao Palácio, reforçando a ideia de espaço central estruturante de todo o conjunto, mantendo a sua relação com os jardins. No edifício principal desenvolvem-se os espaços de estar da pousada, assim como salões, restaurantes e acessos principais aos terraços exteriores, dando lugar aos espaços mais públicos do programa. O novo volume distribuído em socalcos redefine os terrenos a Oeste do Palácio e apresenta-se como um conjunto de muros habitados com aspecto simplesmente paisagístico quando observados do Palácio, devido às suas coberturas ajardinadas. O principal propósito desta intervenção é a integração do edifício da pousada no conjunto dos edifícios pré-existentes, valorizando todo o conjunto através da harmonia entre os diferentes elementos arquitectónicos de épocas distintas. ¹

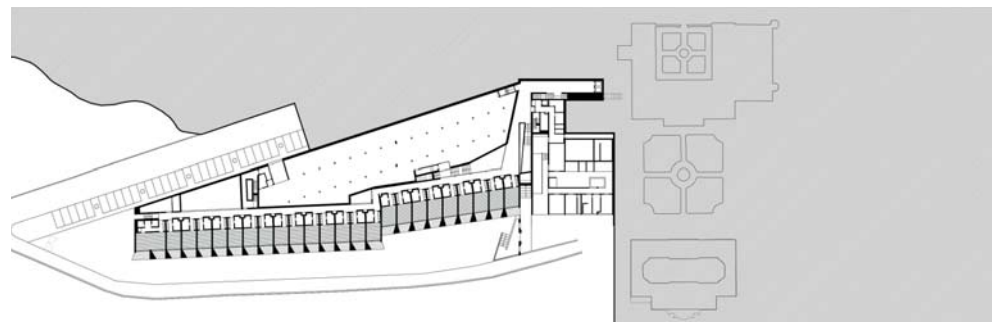
¹ Segundo a descrição do projecto disponível em: <https://www.goncalobynearquitectos.com/estoi-palace-home>

Pousada do Palácio de Estoi

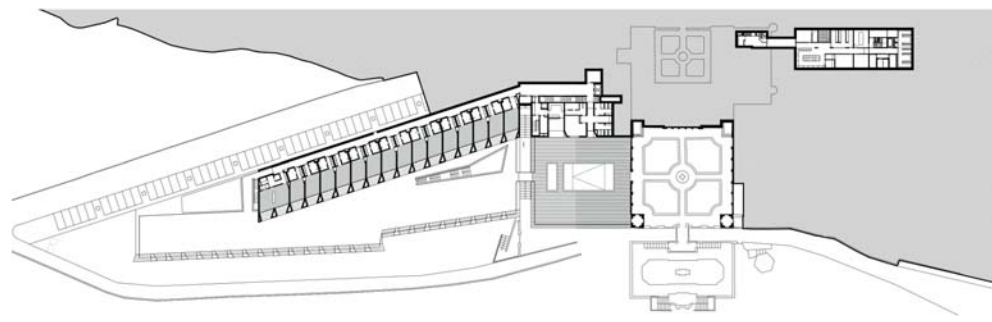
Desenhos



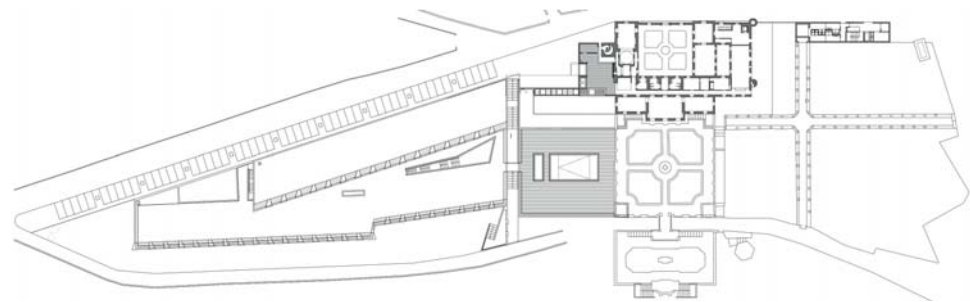
31 | Planta do piso 0



32 | Planta do piso 1



33 | Planta do piso 2



34 | Planta do piso 3



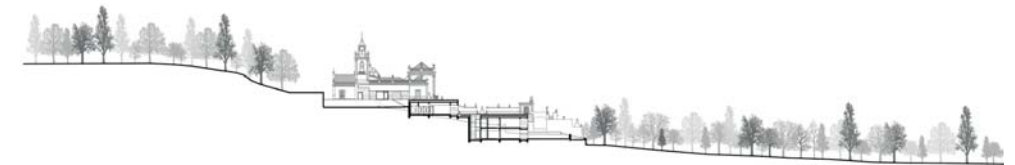
35 | Planta de implantação



36 | Alçado principal da pousada



37 | Corte transversal pela escadaria principal



38 | Corte transversal pelo edifício da pousada



39 | Cobertura da zona dos quartos com espaço ajardinado



40 | Vista da cobertura para o palácio



41 | Vista do topo da escadaria



42 | Recepção da pousada, junto à torre sineira



43 | Coberturas ajardinadas do edifício dos quartos



44 | Vista inferior da escada



45 | Pátio visto do corredor de acesso aos quartos



46 | Relação entre a zona da piscina e o pátio de entrada do palácio



47 | Vista do edifício proposto por Gonçalo Byrne, correspondente à zona dos quartos



48 | Acesso aos quartos a partir da recepção



49 | Pormenor de elemento reabilitado



50 | Junção entre o existente e o novo



51 | Relação entre platibanda e pórtico existente

3.3.2. Pousada de Santa Marinha

Penha, Guimarães, Portugal

Fernando Távora, 1985



52 | Vista da fachada principal da Pousada de Santa Marinha da Costa, Penha, Guimarães

A Pousada de Santa Marinha da Costa localiza-se na encosta da Penha, em Guimarães, e integra-se no antigo Convento de Santa Marinha da Costa, com origem no século IX quando tinha apenas função de basílica. No século X adquire a função de Mosteiro e vai evoluindo e mudando de funções até ao século XVIII. Em 1834, com a Revolução Liberal, o edifício deixa de ter função de mosteiro, pelo que é utilizado para habitação particular, momento a partir do qual começa a ser notável a sua degradação. Quando passa para a posse do Estado, é proposto o programa da pousada, evitando assim a evolução do estado de degradação em que o convento se encontrava.

O projecto da pousada, desenvolvido por Fernando Távora, incide sobre a conservação dos espaços existentes, atribuindo-lhes novas funções de acordo com as necessidades programáticas e a inclusão de um novo edifício que completa o conjunto e engloba o espaço dos quartos.¹

Távora considera que a introdução de um elemento arquitectónico novo não deve ser assumida como a última intervenção num edifício, deve, pelo contrário, assumi-la como *"mais uma etapa de um processo e futuro abertos"*.²

O novo edifício, correspondente ao volume dos quartos, situa-se a uma cota inferior à cota de entrada no convento e assume-se como uma continuidade dos edifícios existentes, dialogando com estes sem assumir significativo destaque no conjunto. Távora afirma que a sua intervenção é uma inspiração da *"arquitectura popular minhota"*.³ A sua estratégia de intervenção é complementada pelo reconhecimento da evolução e dos valores do convento através dos vestígios históricos e arqueológicos existentes, o que permite trabalhar com a pré-existência de acordo com as intervenções feitas no passado, de modo a garantir que a leitura do edifício não se altera.⁴

¹ Trigueiros, Luiz - *"Fernando Távora"*. Lisboa: Editorial Blau, 1993. pp.112 a 118

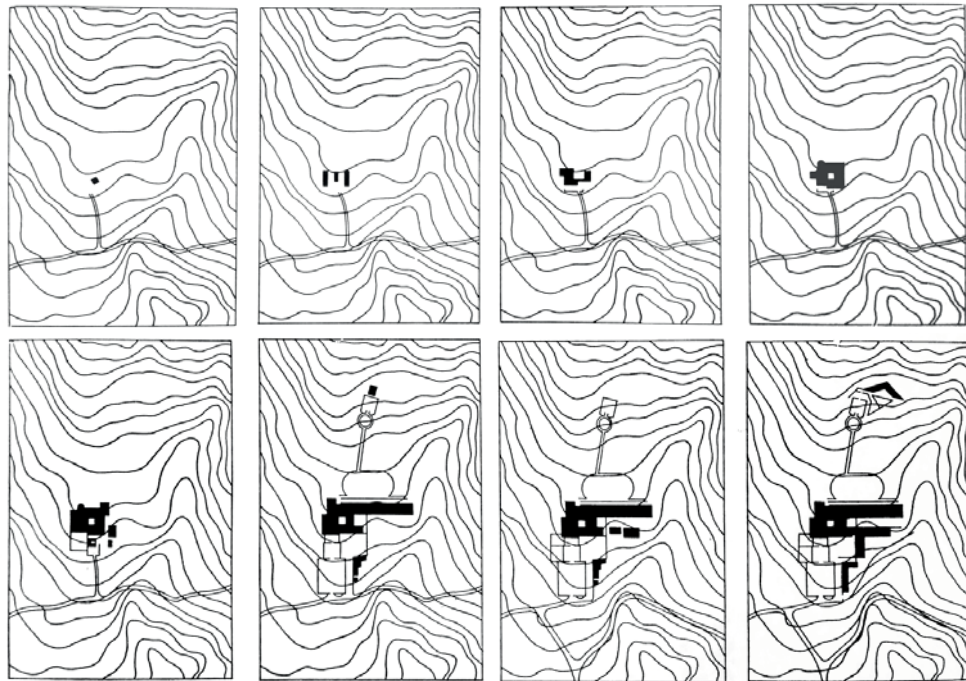
² Segundo a descrição do projecto disponível em: <http://home.fa.ulisboa.pt/~al005687/pousada.html>

³ Coelho, Paulo - *"Fernando Távora"*. Colecção Arquitectos Portugueses, nº 6, Vila do Conde: Quidnovi Edição e Conteúdos S.A., 2011. ISBN 9789895549009, p. 56

⁴ *Ibidem*, p.58

Pousada de Santa Marinha

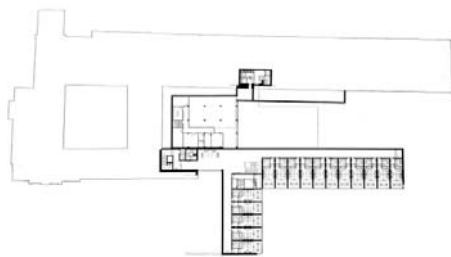
Desenhos



53 | Plantas da evolução do convento até ao estado actual - século III a V, século IX, século X, século XII, século XVI, século XVIII, 1972 e 1985 (da esquerda para a direita, de cima para baixo)



54 | Planta do piso 1



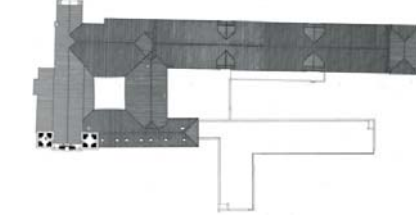
55 | Planta do piso 2



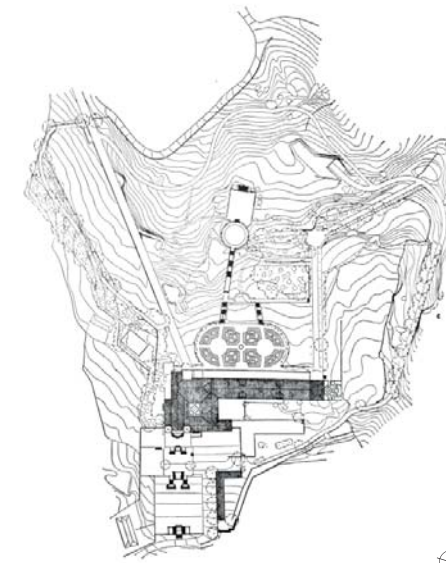
56 | Planta do piso 3



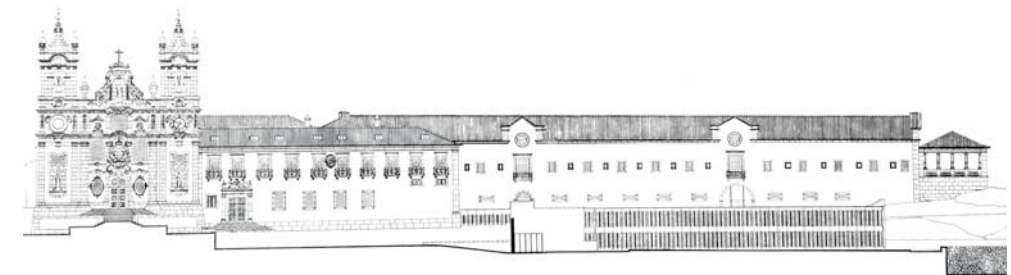
57 | Planta do piso 4



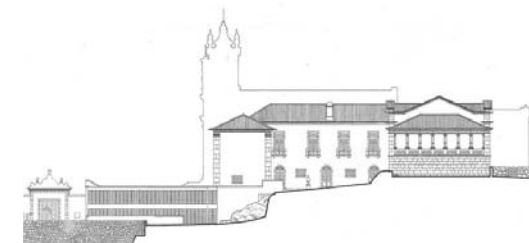
58 | Planta de coberturas



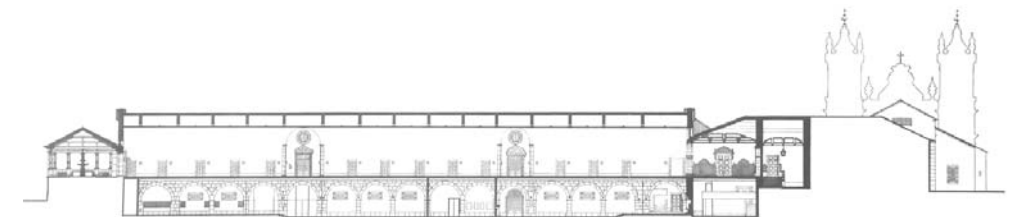
59 | Planta de implantação da pousada



60 | Alçado frontal da pousada



61 | Corte transversal



62 | Corte longitudinal pelo edifício



63 | Escadaria de acesso ao Mosteiro



64 | Pormenor da junção entre o edifício novo e o existente



65 | Vista do edifício novo correspondente aos quartos



66 | Relação entre a cobertura do edifício novo e o existente



67 | Jardim junto à fachada dos quartos



68 | Pormenor da fachada do edifício novo



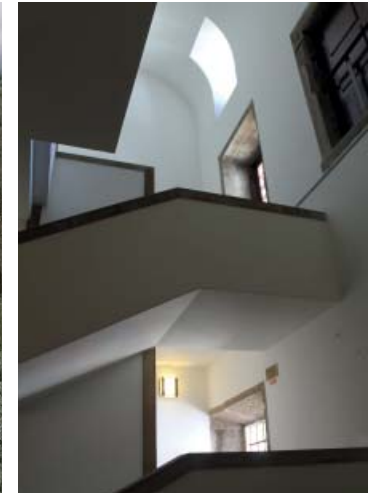
69 | Fachada posterior do mosteiro



70 | Recepção da Pousada



71 | Vista geral do conjunto



72 | Escadas de acesso ao piso dos quartos



73 | Sala de refeições



74 | Corredor de acesso aos quartos no edifício existente

4

A QUINTA DAS GLICÍNIAS EM ÉVORA

- 4.1. Enquadramento Histórico da Quinta de Recreio em Évora
- 4.2. Enquadramento Geográfico da Quinta das Glicínias em Évora
- 4.3. Análise do Lugar

4.1. Enquadramento Histórico da Quinta de Recreio em Évora

Ao longo de vários séculos, povos de origens diferentes assumiram o domínio da cidade de Évora, deixando vestígios que marcam a ocupação e a evolução do território. Estes povos de origens romana, goda e muçulmana eram provenientes do Mediterrâneo, do Norte da Europa e do Norte de África, respectivamente. No entanto, apesar das ocupações, existem também provas de ocupações antecedentes a estes povos, que se fazem afirmar pelos vestígios arqueológicos da época da pré-história, que se conhecem actualmente. É o caso do Cromleque dos Almendres em Nossa Senhora de Guadalupe ou a Anta Grande do Zambujeiro, em Valverde, exemplares das várias construções megalíticas que se distribuem entre antas, menires e cromeleques presentes nos concelhos confinantes.¹

Manuel Carvalho Moniz afirma que o primeiro perímetro urbano da cidade de Évora, definido pela estrutura amuralhada erguida pelos romanos manteve-se praticamente inalterado, não só durante o domínio deste povo, como também dos povos godos, árabes e durante a Reconquista Cristã por Geraldo sem Pavor.² No entanto, com o crescimento da população, a ocupação desta cidade foi

¹ Almeida, Álvaro Duarte: Belo, Duarte - *Portugal Património: Guia Inventário, Portalegre e Évora*. Rio de Mouro: Círculo de Leitores, 2008, Vol. VIII. ISBN (coleção) 9789724239170

² Moniz, Manuel Carvalho - *Os Subúrbios de Évora nos princípios do século XIX*. Casa de Sarmento, Centro de Estudos do Património [Online] 1998. [cit: 26 de Abril de 2019.] http://www.csarmento.uminho.pt/docs/nda/rg/RG105_12.pdf. p.4

crescendo, em direcção extramuros, dando origem aos arrabaldes.³ Com a construção da segunda cintura de muralhas, de origem medieval ou Fernandina estes arrabaldes “*são absorvidos e ficam dentro da cerca nova*”⁴

Ao longo de vários séculos a área de aglomerado urbano vai crescendo, ocupando toda a zona intramuros. Surge assim uma nova zona extramuros, distinta da zona habitacional, que se caracteriza por ser uma área circular “*num raio de seis mil passos de distância*”⁵ uma região com terreno fértil onde se instalam os espaços sagrados de diferentes ordens religiosas e onde famílias nobres tinham as suas residências de campo para “*exploração intensiva de produtos hortícolas*”⁶

No aro suburbano, encontram-se duas zonas distintas: uma primeira definida pela ocupação junto à muralha, onde se encontram as hortas, pomares, vergéis e ferrajiais⁷; uma segunda, seguida da anterior que dá lugar à zona das vinhas e dos olivais. De acordo com Maria do Carmo Trindade e Jorge Gaspar em “*Da essência do Jardim Português*” de Aurora Carapinha, só depois do aro suburbano se localizam então, “*os casais, as herdades, as quintas, as granjas, onde predominava a produção de cereais, a criação de gados e dos seus derivados*”⁸. É neste contexto geológico e temporal que se situa a Quinta das Glicínias.

Durante as várias épocas e ocupações por diferentes povos vão sendo criados os elementos estruturadores que influenciam e definem o crescimento da cidade e da malha urbana, configurando estruturas físicas que se mantêm reconhecíveis até aos dias de hoje.

A ocupação romana vem reforçar a fortificação da cidade e tem grande influência na definição da malha urbana originando dois eixos principais, *Cardus* e *Decumanus*, sendo que o Templo Romano e o *Forum* (zona envolvente ao templo) estariam localizados na intercepção destes eixos. A presença romana vem também definir outros espaços característicos da cidade, como é o exemplo do Largo das Portas de Moura e a Praça do Giraldo, junto ao já demolido Arco do Triunfo. Os arruamen-

³ Segundo o Novo Dicionário Lello da Língua Portuguesa, Arrabalde é o lugar ou localidade que fica no aro de uma povoação. || PL Proximidades, subúrbios, arredores.

⁴ Moniz, Manuel Carvalho - *Os Subúrbios de Évora nos princípios do século XIX*. Casa de Sarmento, Centro de Estudos do Património [Online] 1998. [cit: 26 de Abril de 2019.] http://www.csarmento.uminho.pt/docs/ndat/rg/RG105_12.pdf, p.5

⁵ Segundo a medida que Manuel Carvalho Moniz descreve, o “passo” equivalia a 82 centímetros, pelo que esta área circular tem cerca de cinco mil metros de distância.

⁶ Moniz, Manuel Carvalho - *Os Subúrbios de Évora nos princípios do século XIX*. Casa de Sarmento, Centro de Estudos do Património [Online] 1998. [cit: 26 de Abril de 2019.] http://www.csarmento.uminho.pt/docs/ndat/rg/RG105_12.pdf, p.5

⁷ Segundo o Novo Dicionário Lello da Língua Portuguesa, Ferrajial é um campo de cereais; campo de ferrã; pastagem.

⁸ Op. Cit. Maria do Carmo Trindade e Jorge Gaspar - “*A utilização agrícola do solo em torno de Lisboa, na Idade Média e a Teoria de Von Thunen*” in. Carapinha, Aurora - *Da Essência do Jardim Português*. Évora: Universidade de Évora, 1995. Vol. 1, Tese de Doutoramento no ramo de Artes e Técnicas da Paisagem p. 40

tos definidos pelas quatro portas da cerca romana que ligam a cidade aos principais centros urbanos mais próximos, influenciam as futuras organizações e expansões urbanas.

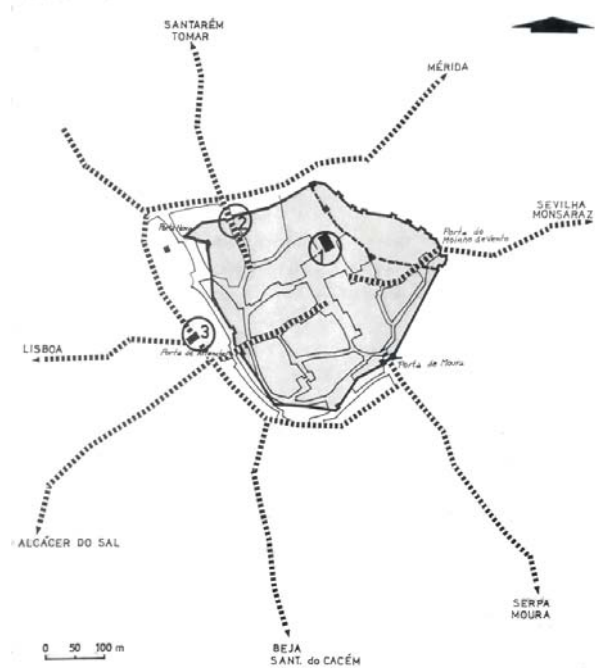
Durante a ocupação visigótica não houve alterações significativas na cidade, uma vez que os mouros encontraram a cerca romana intacta, tendo apenas consolidado a divisão do espaço da zona intra-muros entre as zonas da medina (cidade) e da alcáçova (castelo), e consolidado a cerca velha, assim como uma mesquita entretanto destruída. A cerca medieval que configura o segundo perímetro muralhado, começa a ser erguida no século XIV, no reinado de D. Afonso IV, a sua construção prolonga-se até ao reinado de D. Fernando I e termina no século XV, momento em que começam a surgir os primeiros movimentos de expansão do perímetro urbano. Segundo o cônego Diogo Mendes Vasconcelos, em 1593 a cidade teria “*dez portas, nenhuns arrabaldes afora um dos oleiros e quase cem hortas perto das muralhas, nas quais tem os hortelões pousadas altas convenientes*”⁹. Em 1785, Bento José de Sousa Farinha menciona que “*a área em redor de Évora, com um raio de 5 quilómetros, era ocupada por hortas e quintas, cuja actividade principal era a exploração agrícola e pecuária*”¹⁰, tratando-se da zona extra-muros na qual se insere a Quinta do Palha, actualmente denominada Quinta das Glicínias. Estas quintas, além da função de produção, que as sustentava, tinham também função de lazer. Esta característica levava a que as estradas de acesso próximas a estes espaços fossem limitadas por altos muros que escondem as quintas e restringem o acesso do público a estes espaços de fruição, tal como acontece com a estrada de acesso ao Alto de São Bento, a Noroeste da cidade. Algumas destas quintas, devido à falta de rendimento das produções agrícolas e por se situarem em zonas de terreno acidentado, vão sendo utilizadas para novos usos, ou destruídas, dando lugar a novos bairros, contudo, as que se localizam em áreas mais planas e, por isso, mais produtivas, vão sendo mantidas.

No período do domínio romano, Évora era já uma “*cidade de gente fina, (...) que não vivia principalmente na cidade, mas que vivia em quintas, «villas rústicas», ou sejam herdades, com a parte residencial e a parte de exploração agrícola*”¹¹. Em 1983 Jorge Alarcão esclarece que “*Ebora era a cidade da Lusitânia onde habitava maior número de famílias de origem romana*” e que uma delas tinha

⁹ Moniz, Manuel Carvalho - *Os Subúrbios de Évora nos princípios do século XIX*. Casa de Sarmento, Centro de Estudos do Património [Online] 1998. [cit: 26 de Abril de 2019.] http://www.csarmento.uminho.pt/docs/ndat/rg/RG105_12.pdf, p.5

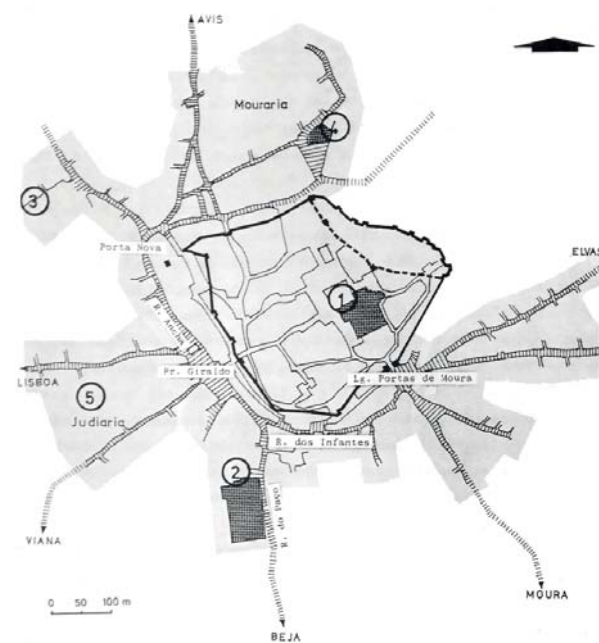
¹⁰ *Ibidem*, p.5

¹¹ Ribeiro, Orlando - *Évora. Origem, Evolução e Função de uma cidade*, [autor do livro] Raquel Soeiro de Brito. *Estudos em Homenagem a Mariana Feio*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1986, p.380



75 | A cidade romana

- 1 Templo Romano
- 2 Arco de D. Isabel
- 3 Arco do Triunfo (demolido)



76 | A cidade no século XIV

- Cerca Velha
- 1 Sé
- 2 Convento de São Francisco
- 3 Convento de São Domingos
- 4 São Mamede
- 5 Sinagoga Grande



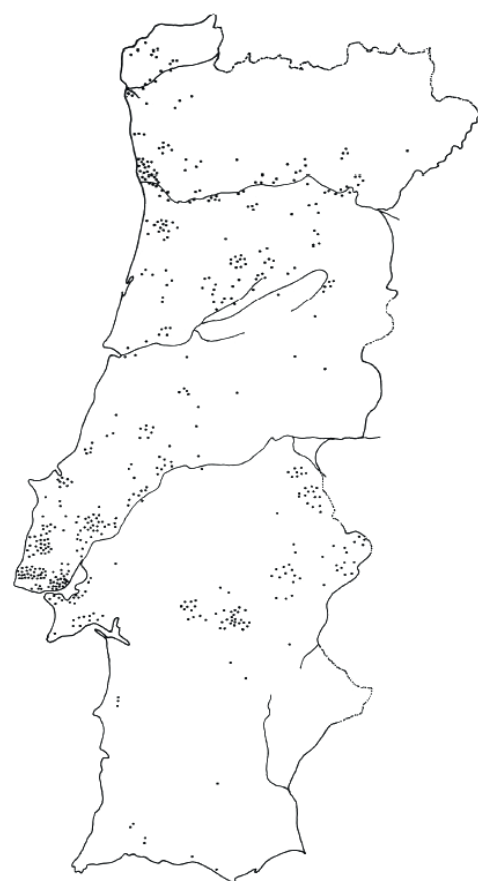
77 | A cidade no século XVI

- Edifícios cuja existência era conhecida no século XVI
- Área onde mais se fez sentir a construção de palácios e solares na zona intra-muros



78 | A cidade no século XVIII

- Edifícios cuja existência era conhecida no século XVIII
- Muralha abaluartada
- - - Cerca nova



79 | Distribuição Geográfica das Quintas de Recreio segundo Inventário de 1986



80 | "Ataque das forças de D. Maria II à cidade de Évora. Vista de Évora de noroeste, sendo clara a separação do tecido urbano do território exterior, no qual é perceptível um "monte" em primeiro plano e o aqueduto da água de prata à esquerda"

na sua posse uma *"villa rustica a três léguas da cidade"*, ainda assim, estas famílias tinham também residência na cidade, à semelhança do que acontece nos anos 80, em que as famílias abastadas vivem *"em montes elegantes e confortáveis ou em quintas afidalgadas"*.¹²

Em 1986 o centro histórico de Évora é reconhecido como Património da Humanidade pela UNESCO devido ao seu extenso conjunto patrimonial, uma vez que a evolução do seu povoamento ao longo de vários séculos testemunha todas as fases da história, nomeadamente a presença dos povos romanos e mouros, a época da reconquista cristã, a idade moderna de expressão renascentista e barroca e a chegada da era industrial.¹³

É, porém, com a instalação do caminho de ferro (1863) e a construção da Fábrica dos Leões (1919) que começa a haver um maior desenvolvimento no crescimento da malha urbana para fora do limite da cerca medieval.¹⁴ É criada uma avenida que liga a cidade à estação dos Caminhos-de-Ferro e é criado um bairro junto à Fábrica dos Leões designado a habitação dos trabalhadores, fazendo surgir novos planos de urbanização. De entre os vários motivos que levam à construção dos novos bairros, estão o parcelamento das herdades, a ocupação de pequenas propriedades como hortas e o aparecimento de bairros clandestinos, que manifestam a oposição entre a cidade intramuros e os subúrbios que se vão criando na zona extramuros.

*"Em volta de cada localidade existe uma zona demarcada de pequenas explorações que servem as plantações e culturas dos habitantes. O resto do território é dividido em grandes herdades. Nas extremidades dos territórios existem uma ou duas defezas, territórios bastante extensos que pertencem à localidade ou a um senhor."*¹⁵

Segundo o excerto, acima referido, existiam à volta de Évora duas zonas circulares exteriores à cidade intramuros. Uma primeira zona, junto à muralha fernandina, com terrenos para produção de *"hortícolas, frutos, legumes, vinhas e olivais"*, para usufruto da população, às quais

¹² *Ibidem.*, p.380

¹³ Traduzido e adaptado da justificação da atribuição da categoria de Património da Humanidade pelo ICOMOS, disponível em: <http://whc.unesco.org/en/list/361/documents/>

¹⁴ Almeida, Álvaro Duarte; Belo, Duarte - *Portugal Património: Guia Inventário, Portalegre e Évora*. Rio de Mouro: Círculo de Leitores, 2008, Vol. VIII. ISBN (coleção) 9789724239170

¹⁵ Autor desconhecido - *Memórias da Academia*, Tomo X. in Moniz, Manuel Carvalho - *Os Subúrbios de Évora nos princípios do século XIX*. Casa de Sarmento, Centro de Estudos do Património [Online] 1998. [cit: 26 de Abril de 2019.] http://www.csarmento.uminho.pt/docs/nda/rg/RG105_12.pdf, p.1



81 | "Quinta das Glicínias" - 1920



82 | Fachada da Casa Senhorial



83 | "Fonte na Quinta das Glicínias" - 1950/1960

se dava o nome de 'Quintas de Évora' por possuírem, além dos terrenos agrícolas, uma zona urbana, destinada a habitação do proprietário e da sua família nos meses de Verão. Para a população eborense, a Quinta era símbolo de *"distinção e maior posição social e prestígio financeiro"*.¹⁶ No seguimento desta zona que envolve a cidade amuralhada, mas mais distante da cidade, encontrava-se uma segunda zona, com terrenos de produção agrícola intensiva, as chamadas 'grandes herdades' ou 'latifúndios alentejanos', que necessitavam de maior *"investimento em maquinaria, gados, instalações agrícolas"*,¹⁷ devido à dimensão das áreas de cultivo.

Évora é uma das cidades portuguesas, além de Lisboa e Sintra, onde começaram a surgir as primeiras Quintas de Recreio, devido à frequência da actividade política e da necessidade de criar segundas habitações nobres. No entanto, as condições paisagísticas e geográficas, são também factores importantes para a implantação da Quinta de Recreio. Na região de Évora a Quinta de Recreio apresenta-se adaptada a edifícios pré-existentes, nas quais é visível a sucessão de camadas de construção que denunciam as diversas épocas em que foram alvo de intervenções. A qualidade arquitectónica e construtiva destes lugares, apesar de terem função de residência temporária, permite que sirvam de residência às várias gerações de uma família.¹⁸

Devido à fraca produtividade de algumas quintas, pela sua localização menos privilegiada e com o avançar do tempo, estas perdem a sua função inicial e dão nome e lugar a novos "bairros periféricos", como resposta à necessidade de expansão da malha urbana, o que dá origem à urbanização do campo e à dissipação da cidade. Apesar da rápida expansão da malha urbana algumas quintas mantêm a sua função até aos dias de hoje, como é o caso da Quinta das Glicínias, que ainda hoje mantém a função de quinta de produção, embora num contexto diferente do passado.

Com a construção do Convento de Mafra, começam a surgir casas nobres que tomam este edifício como inspiração e se apropriam de elementos com inspiração nesta grande obra. De certa maneira é este gesto que se reflecte na Quinta das Glicínias, em que a par da regularidade e simetria que observamos na fachada, característica das obras de arquitectura do renascimento, também se verifica a conjugação de elementos pontuais de maior riqueza e ornamento, como as pedras de cantaria e as pedras de armas, denunciando o carácter da casa barroca em Portugal.

¹⁶ Moniz, Manuel Carvalho (1999) - *Os Subúrbios de Évora nos princípios do século XIX*. Casa de Sarmento, Centro de Estudos do Património [Online] 1998. [cit: 26 de Abril de 2019.] http://www.csarmento.uminho.pt/docs/nda/rg/RG105_12.pdf. p.3

¹⁷ Ibidem., p.3

¹⁸ Pires, Amílcar - *A Villa Renascentista: Arquitectura, Jardins e Paisagem*. Lisboa: Caleidoscópio, 2016. ISBN 9789896583774, p.206

4.2. Enquadramento Geográfico da Quinta das Glicínias em Évora

Na análise de Orlando Ribeiro à forma como as cidades do Mediterrâneo estão implantadas no território lê-se:

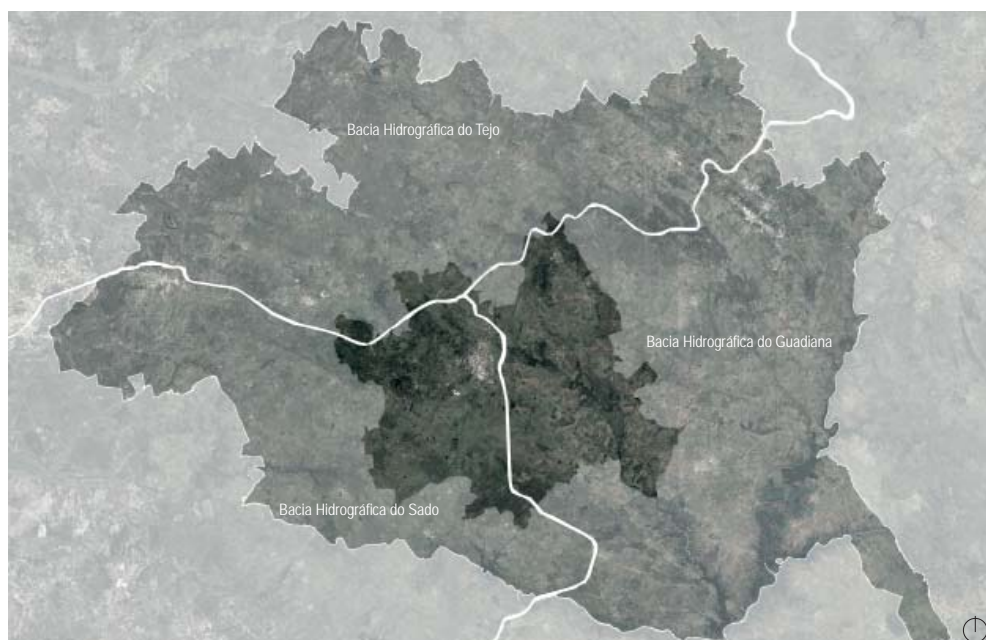
“... grande número de povoações antigas ergue-se no alto dos montes, em cabeços fáceis de defender, donde se dominam os campos e os caminhos... “e para as cidades” ... aqui com mais forte razão, primou na escolha do sítio: lugar alto, acrópole, fortaleza, coração da vida urbana, residência dos deuses, domina arrabaldes industriais, abertos ao comércio, próximos das vias de trânsito, e avista o agro que alimenta a cidade.”¹

É este carácter de acrópole, descrito por Orlando Ribeiro, que melhor descreve a situação da cidade de Évora. Verifica-se quer a olho nu quer através de cartografia que a cidade se situa numa colina ligeiramente acentuada, a trezentos metros de altitude em relação ao nível do mar, num importante, *“ponto alto de separação de três bacias hidrográficas importantes (no sul de Portugal) e*

¹ op. cit. Ribeiro, Orlando - *Portugal - O Mediterrâneo e o Atlântico*, Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1991, 6ª edição in. Abel, António Borges - *Os Limites da Cidade*. Évora: Universidade de Évora, 2008. Tese de Doutoramento em Arquitectura, p.46



84 | Localização do distrito de Évora no território de Portugal Continental



85 | Limite do distrito de Évora com localização da cidade de Évora

*simultaneamente no cruzamento de várias estradas militares...*² As bacias hidrográficas do Tejo, do Guadiana e do Sado, tal como mostra a figura 85, interceptam-se dentro do limite Norte do concelho de Évora.

A planta da cidade organiza-se segundo uma malha radio-concêntrica com origem no topo da colina, onde se situam os vestígios das ocupações romana e islâmica referidas no capítulo anterior. Esta é definida pelas estradas que ligam o centro da cidade de Évora a outras cidades e pelas três muralhas que estruturam a cidade: a muralha romana, a muralha medieval da época de D. Fernando I e a "muralha do século XVII, (caracterizada pelos) seus baluartes, que permitiam, uma vez que já se usava a artilharia, não um ataque apenas numa única linha, mas o ataque e defesa em diversas linhas."³

Na zona extramuros, a cidade desenvolve-se em bairros, nos terrenos onde anteriormente se situavam as quintas e hortas da cidade, e exibe alguns edifícios de valor histórico e arquitectónico, onde se inserem os conventos da Cartuxa, Espinheiro, São Bento de Cástris e do Bom Jesus, os Moinhos de vento do Alto de São Bento, o Aqueduto da Água de Prata e algumas quintas agrícolas e de recreio⁴. Estas últimas formam o contexto no qual se enquadra a Quinta das Glicínias.

À semelhança de outras cidades, Évora é envolvida por várias 'casas de campo' ou quintas de recreio, como têm vindo a ser definidas ao longo do texto, e distinguem-se das 'casas rústicas' de actividades dedicadas unicamente à produção de produtos hortícolas e frutícolas e da "torre senhorial, símbolo de poder económico e político."⁵ As 'casas de campo' distinguem-se das 'casas rústicas' na medida em que além da função produtiva para sustento da quinta, presente em ambas, a primeira engloba também espaços decorados com elementos arquitectónicos e decorativos que permitem o desfrute de momentos de lazer junto às áreas de cultivo.

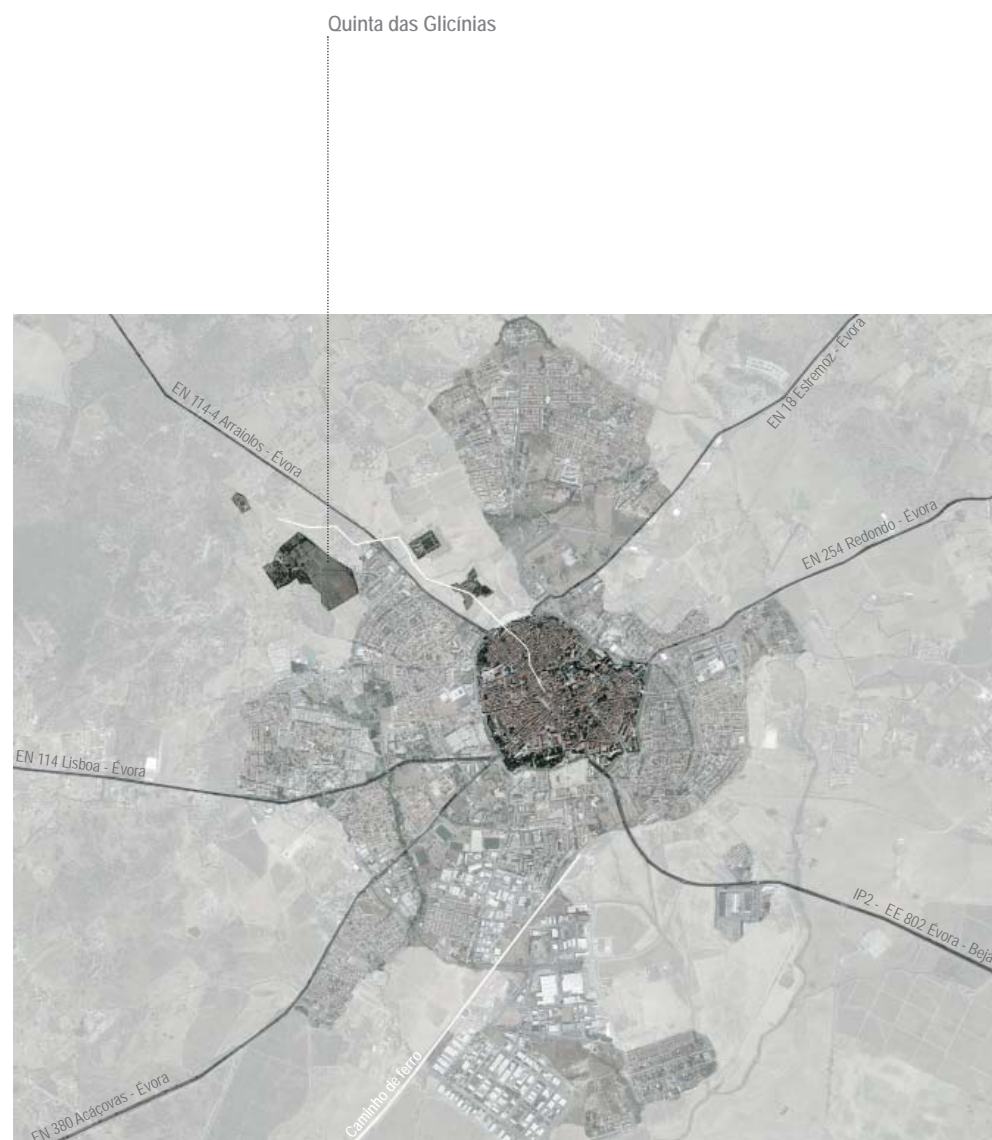
No livro Património Artístico do Concelho de Évora, de Túlio Espanca, sobre a Quinta das Glicínias pode ler-se:

² Évora: *Origem e Evolução de uma cidade Medieval*. Simplicio, Maria Domingas. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2003, Revista da Faculdade de Letras - Geografia, Vol. XIX. ISSN 0871166, p. 1

³ Ribeiro, Orlando (1986) - *Évora. Origem, Evolução e Função de uma cidade*, [autor do livro] Raquel Soeiro de Brito. *Estudos em Homenagem a Mariana Feio*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1986, p.380

⁴ Abreu, Alexandre Cancela; Pinto-Correia, Teresa; Oliveira, R. (2004) - *Contributos para a Identificação e Caracterização das Unidades de Paisagem em Portugal Continental*. Évora: DGOTDU, 2004. Vol.V

⁵ Carapinha, Aurora (1995) - *Da Essência do Jardim Português*. Évora: Universidade de Évora, 1995. Vol. I, Tese de Doutoramento no ramo de Artes e Técnicas da Paisagem, p.197



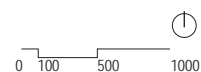
86 | Fotografia aérea da cidade de Évora - Localização da Quinta das Glicínias

(...)casa solarenga, construída na lombada de um dos suaves planaltos de São Bento de Cástris, sobranceiro ao convento cisterciense deste nome, é muito bela e cómoda e o panorama que dos seus terraços se toma relativamente à cidade, não encontra igual em todo o aro suburbano de Évora.⁶

Túlio Espanca descreve a quinta como um espaço que desfruta de uma localização privilegiada em relação a Évora, a Noroeste dessa cidade. Localiza-se junto à estrada que liga Évora a Arraiolos, entre o Alto de São Bento e o Convento da Cartuxa, de onde se podem avistar espaços distintos e notáveis da cidade, como a zona intramuros, o Convento da Cartuxa e o Aqueduto da Água de Prata.

A quinta inclui uma extensão de terreno agrícola com cerca de 180 000 m² e um núcleo edificado que engloba a Casa Senhorial e anexos, organizada segundo os socalcos do terreno conforme os diferentes tipos de produção agrícola. A Casa Senhorial encontra-se a uma cota elevada, sobre um embasamento construído no terreno lembrando a base de um templo grego, o que lhe confere uma posição de destaque e domínio em relação aos terrenos que a quinta engloba e está alinhada a eixo segundo a entrada principal da quinta.

A antiga entrada principal fazia-se então pela Rua São Bento de Cástris, por um portão em ferro forjado no alinhamento da fachada principal da casa senhorial, a Nordeste do conjunto da quinta, enquanto que a actual entrada principal faz-se junto ao Bairro da Torralva na união entre a Avenida de São Bento e a Estrada de São Bento de Cástris, a Este do conjunto da quinta. Além das entradas principais, existe ainda uma entrada secundária, a Noroeste da quinta, através de um portão que abre directamente para a Quinta Flor do Convento, com lugar entre o Convento de São Bento de Cástris e a Quinta das Glicínias.

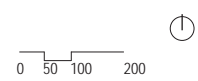


⁶ Espanca, Túlio (1957) - *Património Artístico do Concelho de Évora - Arrolamento das freguesias rurais*. Évora, Câmara Municipal de Évora, 1957, p.34

Convento de São Bento de Cástris
 Quinta Flor do Convento
 Convento da Cartuxa



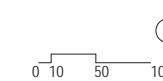
87 | Fotografia aérea da Quinta das Glicínias e envolvente



Entrada Secundária
 Entrada Principal Antiga
 Entrada Principal Actual



88 | Acessos e caminhos da Quinta das Glicínias



4.3. Análise do Lugar

A Quinta das Glicínias, com origem espectável no início do século XVIII, da época de D. João V, surge como quinta de produção e de lazer. À semelhança de outras quintas de recreio da mesma época contém espaços exteriores organizados em torno da Casa Senhorial, de acordo com os diferentes tipos de produção agrícola.

No exterior identificam-se sistemas hídricos de distribuição e armazenamento de água que serviam para irrigação dos terrenos, acumulando pontualmente uma função recreativa que permitia a fruição do espaço. A função recreativa destes elementos construídos entende-se também pelo desenvolvimento de carácter decorativo que estas construções apresentam face aos equipamentos destinados à função agrícola.

Os elementos construtivos presentes na Quinta das Glicínias apresentam características reconhecíveis em edifícios da época do Barroco, dos quais se destacam as longas fachadas que hierarquizam o conjunto dos vãos de acordo com a importância do espaço interior a que correspondem. Os vãos são decorados com ferragens e pedras de cantaria mais elegantes e cuidadas. A escadaria exterior ocupa uma posição central e constitui um importante elemento na organização da casa, conferindo ao momento de chegada um aspecto teatral.



89 | Nora junto à antiga entrada principal da quinta, com o aqueduto atrás



90 | Tanque rectangular junto ao muro de contenção dos socalcos



91 | Aqueduto junto ao muro que delimita a quinta

A Quinta das Glicínias localiza-se numa encosta orientada a Nordeste com vista para a cidade, para o Aqueduto da Água de Prata e para o Convento da Cartuxa.

Através da interpretação da planta com origem no levantamento apresentado nas figuras 94 e 95, é possível identificar os vários elementos que configuram a quinta. O antigo acesso principal da quinta faz-se a partir do portão junto à Estrada de São Bento de Cástris, através de uma alameda ortogonal à fachada principal da Casa Senhorial, ladeada por grandes árvores que concedem ao percurso um aspecto monumental. Esta alameda culmina junto à casa nobre e acompanha as várias zonas de jardim compostas por árvores de fruto e zonas de horta que se organizam em pequenos socalcos que vencem o desnível entre a entrada da quinta e a casa.

Ao longo destas zonas de jardim encontram-se alguns dos elementos arquitectónicos que fazem parte do sistema hídrico da quinta, transportando a água até aos vários campos de cultivo.

Num primeiro plano, à direita do portão de entrada, na zona de produção e lazer (Zona B) que se distribui em dois socalcos, encontra-se uma das duas noras existentes na propriedade, bastante elevada em relação ao terreno e delimitada por paredes altas organizadas segundo a forma octogonal, à qual se acede através de uma escadaria. Com origem numa das paredes da nora, junto à escadaria, surge o aqueduto, que se desenvolve ao longo do muro que delimita a quinta e distribui água pelos vários pontos de armazenamento.

Num segundo plano, na zona de recreio e lazer (zona A) que antecede o pátio de acesso à casa encontra-se um tanque de forma rectangular, paralelo aos socalcos do jardim, ocupando a extensão total destes muros de suporte. Este patamar, elevado em relação aos anteriores permite desfrutar da vista sobre as zonas de produção e lazer.

À esquerda da alameda encontra-se uma zona de produção intensiva (zona C), distribuída em dois socalcos, sendo que o primeiro, junto ao portão de entrada, configura-se num espaço de pomar e o segundo, junto ao pátio de entrada, configura-se num espaço de vinha. Entre os diferentes patamares surgem caminhos secundários que permitem deambular pelo terreno da quinta.

O Pátio de Entrada, onde culmina o antigo caminho principal de acesso à quinta configura-se numa forma rectangular, sendo delimitado pelo embasamento da casa e por um muro de alvenaria. Ao centro, uma fonte de forma circular surge como o ponto de cruzamento entre o antigo caminho principal e o caminho com origem na entrada secundária da quinta.



92 | Fachada principal da casa e fonte do pátio de entrada



93 | Muro que delimita o embasamento da casa, composto por bancos e alegretes.



94 | Nora junto ao muro de contenção

À direita do embasamento da casa encontra-se outra zona de recreio e lazer (zona A), delimitada por muros de contenção e pela cerca da quinta, que lhe conferem um ambiente mais acolhedor que os restantes espaços e distribui-se em dois socalcos unidos por um acesso de 3 degraus, que se configuram num jardim com árvores de fruto e um pequeno tanque circular. À esquerda do embasamento da casa localiza-se outra zona de produção e lazer (zona B), com um espaço de fresco central, constituído por um tanque e uma nora envolvida por paredes altas que resultam numa planta octogonal, à semelhança da nora referida anteriormente.

O acesso desde a actual entrada principal, junto ao Bairro da Torralva, no cruzamento entre a Avenida de São Bento de Cástris e a Estrada de São Bento de Cástris, é feito através de um caminho ladeado por uma sucessão de oliveiras de onde se avista a Casa Senhorial a meio da encosta, numa posição enviesada. Junto a esta entrada localizam-se áreas de produção intensiva, estas correspondentes à zona de sequeiro onde se cultiva o centeio.

Na zona onde o declive do terreno começa a ser mais acentuado, localiza-se uma extensa área de olival, entre a estrada proveniente da actual entrada principal e o muro que delimita a quinta. Na zona mais inclinada da quinta, nas traseiras da Casa Senhorial localiza-se uma área de montado composta por oliveiras e sobreiros dispostos de forma aleatória que corresponde à área da mata.

O embasamento da Casa Senhorial dá lugar aos espaços de apoio das áreas de produção da quinta e divide-se entre lagar e adega, ambos com acesso a partir do pátio de entrada. Entre o lagar e a adega localiza-se uma escaria simétrica de dois lanços que faz o acesso ao topo do embasamento, correspondente à cota de entrada na casa. O embasamento configura-se numa forma rectangular, de dimensões e proporção semelhantes às do pátio de entrada, sendo delimitado por um muro, decorado interiormente com bancos e alegretes.

Sobre o embasamento localiza-se a Casa Senhorial, distribuída em dois pisos que se organizam a partir do espaço central. A Sala de Entrada assume uma posição central e uma planta octogonal, alongada no sentido da largura do edifício, pelo que determina a distribuição e o acesso às restantes divisões interiores. Caracteriza-se por ser o primeiro espaço de entrada na casa, de maior dimensão que os restantes, tendo como função a recepção dos convidados.

Apesar do corredor começar a aparecer na estrutura das casas a partir do início do século XVIII, a transição entre espaços na Casa Senhorial da Quinta das Glicínias ainda é feita através de



95 | Actual entrada principal da quinta



96 | Antigo acesso principal da quinta, visto do pátio



97 | Caminho secundário de acesso à quinta, visto do pátio

uma sucessão de portas abertas junto às fachadas.

A fachada principal da casa divide-se em três partes, das quais se destaca o núcleo central, de menor largura que os restantes, evidenciando a forma octogonal da sala de entrada, assim como o piso nobre, no qual se enquadra uma varanda.

Na tentativa de localizar a Quinta das Glicínias ou Quinta do Palha no espaço temporal da evolução da cidade de Évora percebeu-se, através de uma nota de Túlio Espanca, que esta foi propriedade dos Morgados Palha.¹

Em 1862, no processo referente ao inventário orfanológico por óbito de António José de Santa Margarida pode ler-se que este tinha morada na Quinta do Palha, freguesia da Sé e tinha deixado quatro herdeiros menores, pelo que a sua esposa, Antónia Maria, fica como cabeça de casal.²

No livro "*Património Artístico do Concelho de Évora - arrolamento das freguesias rurais*", Túlio Espanca refere também que em 1957 a Quinta das Glicínias pertencia a D. Mariana de Soure³, descendente de Joaquim Filipe de Soure, amigo de Alexandre Herculano.⁴ Esta foi a proprietária da quinta até 1980, como comprovam alguns artigos de jornais⁵ da década de oitenta que mencionam a aquisição da propriedade por parte do Ministério do Trabalho.

A partir dos anos oitenta do século XX, a quinta passa a ser propriedade do IEFP - Instituto do Emprego e Formação Profissional - Delegação Regional do Alentejo, onde se passam a realizar as formações dedicadas ao sector primário e que se mantêm até aos dias de hoje, apesar de serem realizadas com menor frequência. Pela mão deste proprietário, em 1981, a quinta sofre algumas intervenções, que no interior da casa senhorial, passam pela adaptação dos espaços existentes, entre sala de entrada, quartos e outros, a salas de formação, reunião e gabinetes administrativos e nos espaços exteriores, adaptam os anexos existentes que haviam tido a função de habitação de trabalhadores e zonas de arrumos, em espaços de apoio e arquivo, bem como a construção de edifícios para guardar

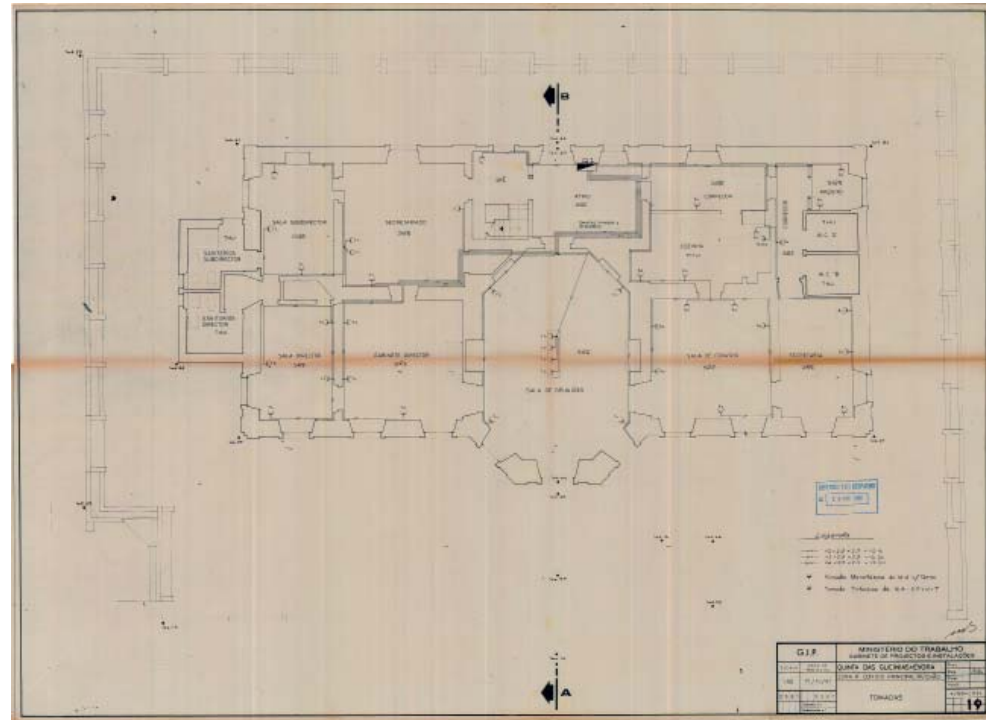
¹ Espanca, Túlio - *Património Artístico do Concelho de Évora: arrolamento das freguesias rurais*. Évora: Câmara Municipal de Évora, 1957. p.34 e 35

² Inventário Orfanológico de António José de Santa Margarida, presente no Arquivo Distrital de Évora no Fundo do Tribunal da Comarca de Évora, Secção:Cível; Série:001-Inventários obrigatórios; Cx:118; Dc: 1449 (transcrição do documento em Anexo)

³ Segundo documentos relativos a testamento de Joaquim Filipe de Soure (falecido em 1882) e a inventário orfanológico por óbito de Tiago Eleutério de Soure (falecido em 1915), D. Mariana de Soure era filha ilegítima de Tiago Eleutério de Soure e que este era filho do sobrinho de Joaquim Filipe de Soure.

⁴ Espanca, Túlio - *Património Artístico do Concelho de Évora: arrolamento das freguesias rurais*. Évora: Câmara Municipal de Évora, 1957. p.34 e 35

⁵ ver artigos em anexo

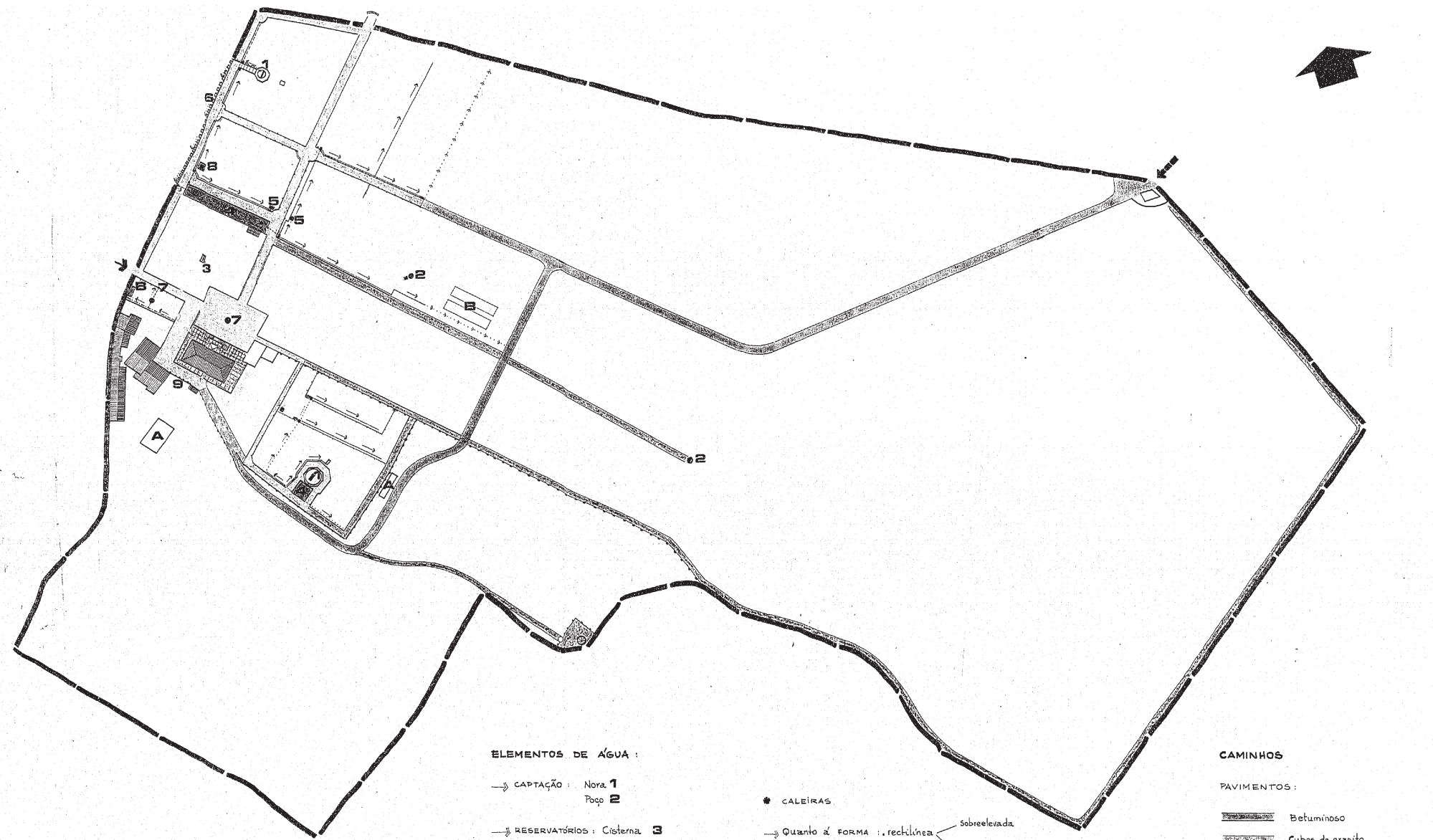


98 | Planta da Casa Senhorial com alterações feitas pelo Ministério do Trabalho

as alfaias agrícolas. Mais tarde, face às necessidades de expansão das salas de formação e devido à impossibilidade de readaptar o espaço da casa senhorial às carências encontradas, é construído um edifício de dois pisos, na zona posterior da casa, com espaço para abrigo de utensílios e viaturas da lavoura no piso inferior e salas de formação no piso superior.

As novas intervenções levaram ao alienamento das actividades no interior da casa senhorial, desprovendo o seu interior de qualquer tipo de função, a não ser uma meramente arquivística que leva a que a casa deixe de ser frequentada diariamente. Os espaços exteriores, apesar de servirem de base de trabalho a algumas formações encontram-se descaracterizados, principalmente as zonas de recreio e lazer, junto aos tanques e fontes que faziam parte do sistema de rega da quinta.

Estas características levam ao abandono da Casa Senhorial e da sua envolvente, acelerando assim o processo de degradação dos edifícios e espaços exteriores da quinta, tornando necessária a sua reabilitação.



ELEMENTOS CONSTRUÍDOS :

- A** - Armazéns
- B** - Estufas
- ⊙ - Torreão
- Muros com mais de 1m de altura.
- Muros de suporte
- Muretes
- Degraus (Escadões)
- Bancos
- ➡ ANTIGA ENTRADA PRINCIPAL
- ➡ ACTUAL ENTRADA PRINCIPAL
- ➡ ENTRADA SECUNDÁRIA

ELEMENTOS DE ÁGUA :

- ➡ CAPTAÇÃO : Nora **1**
Poço **2**
- ➡ RESERVATÓRIOS : Cisterna **3**
Tanque **4**
Tanqueta **5**
- ➡ CIRCULAÇÃO : Aqueduto **6**
Caleiras *
- ➡ ORNAMENTAIS : Fontes **7**
Tanque **4**
Lavadouro **8**
- ➡ COM OUTRAS FUNÇÕES : Tanque **4**
Bebedouro **9**
Lavadouro **8**

* CALEIRAS

- ➡ Quanto à FORMA : .rectilínea — Sobreelevada
.circular — à superfície

- ➡ Quanto à FUNÇÃO : .condutora e/ou para rega.

- caleira existente em forma de U
- caleira existente em forma côncava
- ligação entre caleiras por baixo de zonas pavimentadas
- ligação entre caleiras por baixo de zonas cultivadas
- caleiras que possivelmente terão existido
- sentido de circulação da água

CAMINHOS

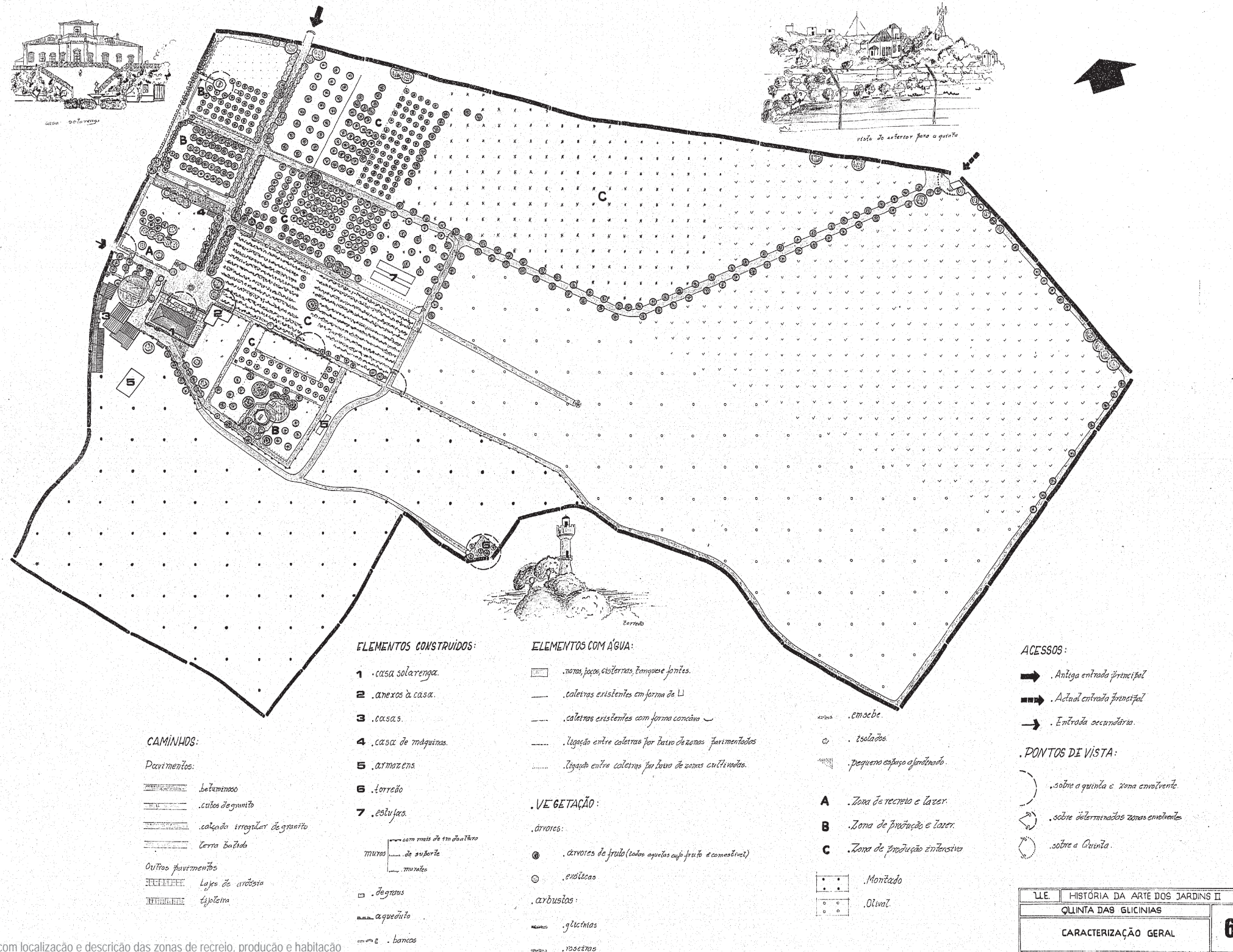
PAVIMENTOS :

- Betuminoso
- Cubos de granito
- Calçada irregular de granito
- Terra batida.

OUTROS PAVIMENTOS :

- Lajes de ardósia
- Tijoleira

II.E	HISTÓRIA DA ARTE DOS JARDINS II
QUINTA DAS GLICÍNIAS	
LEVANTAMENTO DE ELEMENTOS CONSTRUÍDOS CIRCULAÇÃO DE ÁGUA CAMINHOS	4



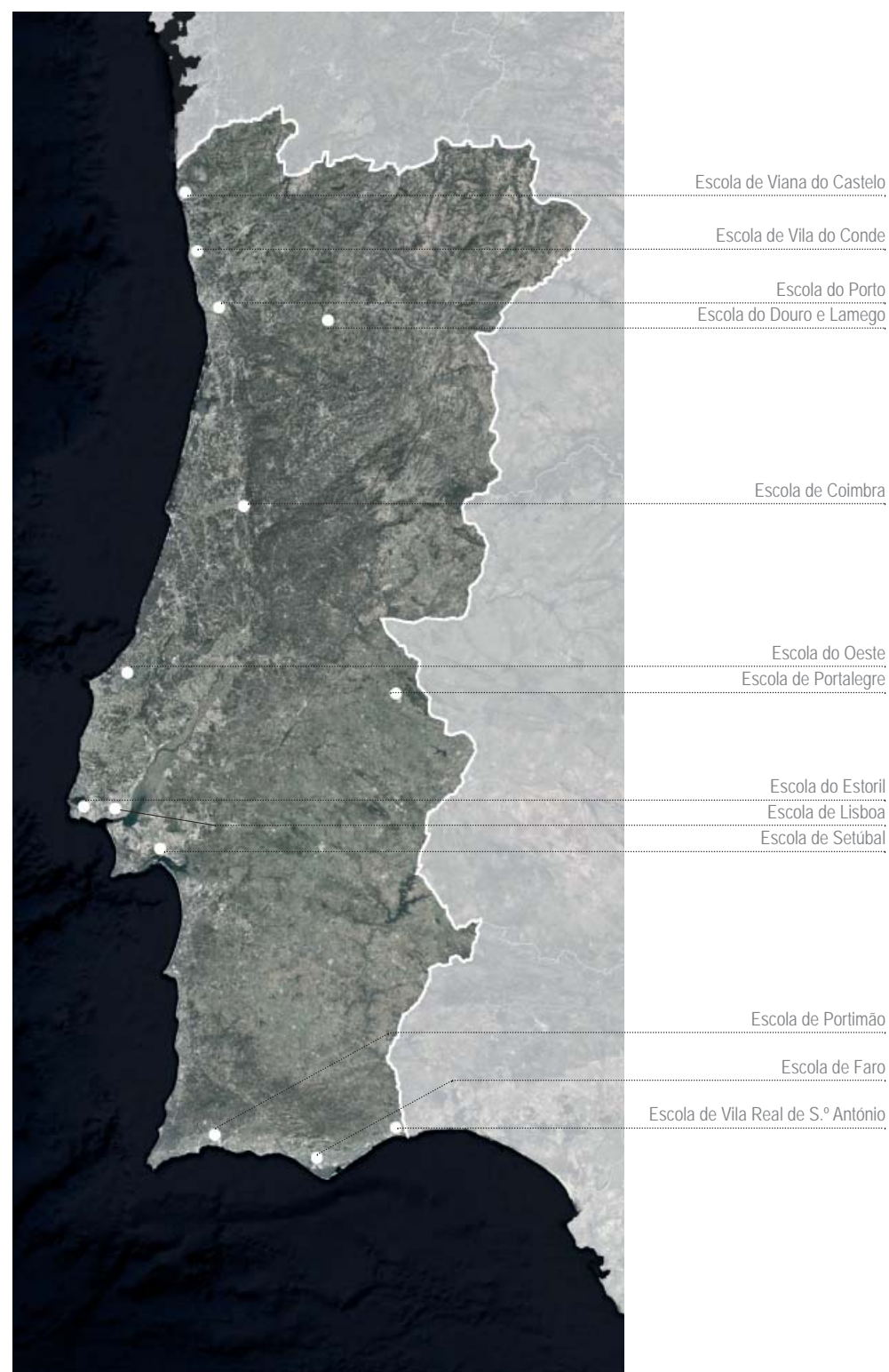
5

A HOTELARIA E O TURISMO COMO PROGRAMA DA INTERVENÇÃO

5.1. Justificação da Escolha do Programa

5.2. Casos de Referência de Escolas de Hotelaria e Turismo

5.1. Justificação da Escolha do Programa



101 | Fotografia aérea com localização das Escolas de Hotelaria e Turismo em Portugal

“A oferta hoteleira cresceu consideravelmente nos últimos anos, ao que não são alheios os fundos comunitários e programas nacionais de incentivo ao investimento colocados à disposição do sector, em simultâneo com uma maior divulgação de Évora cidade Património Mundial.”¹

A cidade de Évora tem assistido ao crescimento do número de unidades hoteleiras tal como referido pela Câmara Municipal de Évora no excerto acima mencionado. Este aumento da oferta hoteleira é proveniente da necessidade de dar resposta à procura, uma vez que o turismo se tem tornado num dos aspectos mais relevantes para a economia da cidade com a sua crescente evolução nos últimos anos.²

O Instituto Nacional de Estatística e o Turismo de Portugal, I.P. definem o turismo como o conjunto das “actividades realizadas pelos visitantes durante as suas viagens e estadas em lugares distintos do seu ambiente habitual, (...), com fins de lazer, negócios ou outros motivos não relaciona-

¹ Câmara Municipal de Évora. -. “Plano Director Municipal, Relatório de Ponderação da Discussão Pública do Plano” (Anexo C10 - Proposta de Alterações ao Relatório). Évora: Câmara Municipal. 2007 disponível em: http://www2.cm-evora.pt/PDME/RPDPPDME/documentos/Anexo_C10.pdf

² INE. (2011).- “Estatísticas do Turismo 2010”. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística, I.P. Obtido em 28 de Outubro de 2018, de https://www.ine.pt/ngt_server/attachfileu.jsp?look_parentBoui=122845058&att_display=n&att_download=y

dos com o exercício de uma actividade remunerada no local visitado³, no entanto não existe uma definição geral e única deste conceito.

A cidade de Évora é caracterizada pela sua rica evolução histórica, comprovada actualmente pelas estruturas do passado existentes na cidade, o que lhe confere um elevado valor patrimonial. Como reconhecimento do "valor histórico e urbanístico de grande relevância"⁴, a UNESCO concedeu, em 1986, a distinção de Património Cultural da Humanidade ao centro histórico da cidade. Esta distinção deu início ao rápido crescimento do turismo na cidade, uma vez que se torna um ponto de atracção de turistas, revelando ser um lugar de "prestígio e qualidade para os turistas internacionais"⁵, o que justifica o investimento no desenvolvimento do turismo na cidade.

Segundo os dados do Instituto Nacional de Estatística - INE, referidos na base de dados da PORDATA (Base de Dados de Portugal Contemporâneo), como se pode verificar nas tabelas e gráficos das páginas seguintes, a cidade de Évora tem presenciado um aumento do número de hóspedes nos alojamentos turísticos, o que demonstra a necessidade de construção de novas unidades hoteleiras e outros alojamentos turísticos. Em 2009, a cidade compreendia um total de dezasseis alojamentos turísticos, dos quais sete eram hotéis e, oito anos depois, em 2017, a cidade contava já com quarenta e dois alojamentos turísticos, dos quais dezassete eram hotéis.

Esta evolução do turismo é um factor positivo para a economia da cidade, no entanto a existência de pessoas formadas nas áreas de hotelaria e turismo constitui uma das carências do concelho.⁶

Tendo em conta os factos recolhidos e analisados anteriormente, considera-se pertinente a instalação de uma instituição de ensino que possa formar pessoas nestas áreas, para que estas possam ocupar os postos de trabalho nas novas estruturas hoteleiras da cidade. A proposta centra-se, então, na reabilitação da Quinta das Glicínias, em Évora, adaptando-lhe um programa de Escola de Hotelaria e Turismo, onde se propõe também um Hotel de Aplicação.

A instalação de uma instituição de ensino em edifícios de carácter patrimonial permite, além

da preservação do edificado e dos conhecimentos construtivos e técnicos, a divulgação do lugar e, assim, o seu reconhecimento por parte da população. O programa da Escola de Hotelaria e Turismo pretende ser um espaço destinado não só à formação de pessoas, tornando-as aptas a laborar nestas áreas, como também um espaço aberto ao público, onde qualquer entidade pode usufruir dos espaços do edifício. O hotel de aplicação associado ao programa da escola admite a presença de turistas na quinta, dando a conhecer a história deste local.

Esta proposta possibilita também o combate à falta de profissionais nestas áreas e, consequentemente gera novos empregos, envolvendo assim a população com o espaço, o que permite a sua preservação, prevenindo-a da iminente degradação.

³ Simplício, Maria Domingas e Camelo, Nuno Sobral. 2015. "O reforço do turismo como setor estruturante em Évora". Coimbra : Imprensa da Universidade de Coimbra, 2015. ISSN 2183-4016 disponível em <https://digitalis-dsp.uc.pt/jspui/handle/10316.2/38315>, p.43

⁴ *Ibidem*, p. 44

⁵ Estêvão, M.R. e Marques, A.S. - "Turismo, Património Mundial e Cultural em Évora" - II Congresso Internacional de Verão da Escola de Ciências Sociais, Cooperação, Território e Rede de Actores: Olhares de Futuro, Universidade de Évora, 7 e 8 de setembro. in. Simplício, Maria Domingas e Camelo, Nuno Sobral. 2015. "O reforço do turismo como setor estruturante em Évora". Coimbra : Imprensa da Universidade de Coimbra, 2015. ISSN 2183-4016 disponível em <https://digitalis-dsp.uc.pt/jspui/handle/10316.2/38315>, p.43

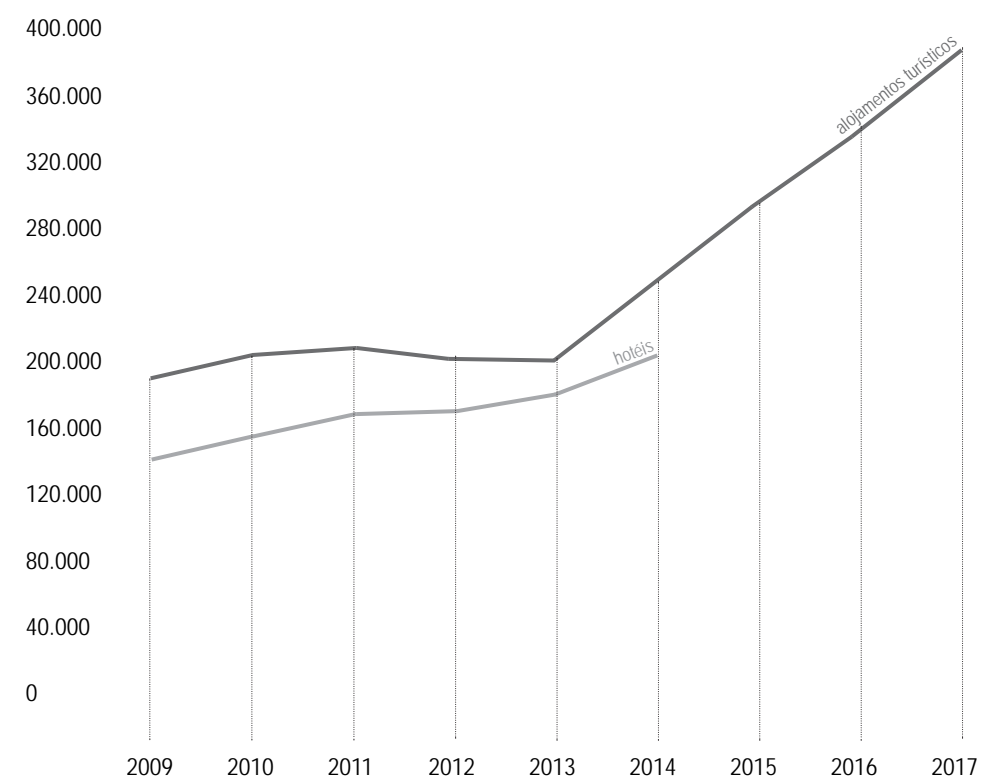
⁶ Câmara Municipal de Évora. - "Plano Director Municipal, Relatório de Ponderação da Discussão Pública do Plano" (Anexo C10 - Proposta de Alterações ao Relatório). Évora: Câmara Municipal. 2007 disponível em: http://www2.cm-evora.pt/PDME/RPDPPDME/documentos/Anexo_C10.pdf

Ano	Número de Hóspedes	
	Alojamentos Turísticos	Hotéis
2009	185.797	142.433
2010	199.451	157.178
2011	204.179	169.670
2012	198.407	171.268
2013	197.641	181.477
2014	241.406	204.627
2015	292.361	valores confidenciais
2016	334.472	valores confidenciais
2017	383.765	valores confidenciais

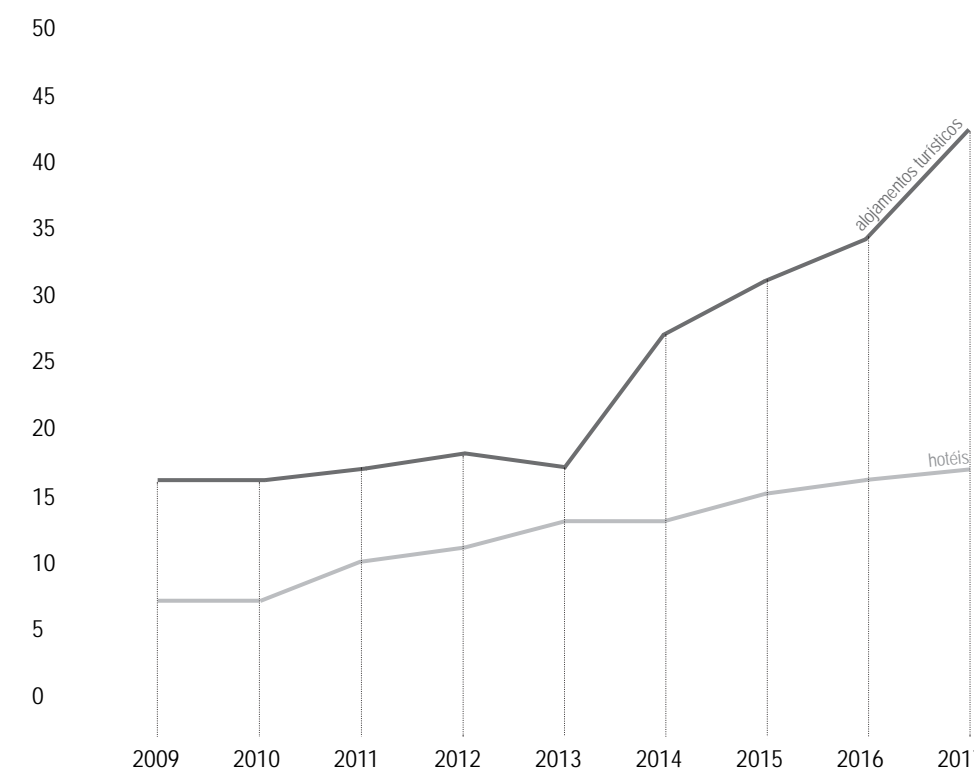
102 | Tabela com número de hóspedes por hotel e outros alojamentos turísticos entre 2009 e 2017

Ano	Número de Estabelecimentos Turísticos	
	Alojamentos Turísticos	Hotéis
2009	16	7
2010	16	7
2011	17	10
2012	18	11
2013	17	13
2014	27	13
2015	31	15
2016	34	16
2017	42	17

104 | Tabela com número de hotéis e outros alojamentos turísticos entre 2009 e 2017



103 | Tabela com número de hóspedes por hotel e outros alojamentos turísticos entre 2009 e 2017



105 | Gráfico representativo da evolução do número de hotéis e outros alojamentos turísticos entre 2009 e 2017

5.2. Casos de Referência de Escolas de Hotelaria e Turismo

Uma vez investigado o tema da Hotelaria e Turismo no contexto da cidade, é importante o reconhecimento de casos de referência de projectos com o mesmo programa funcional, de onde se possa recolher a informação necessária relativamente aos espaços imprescindíveis ao funcionamento de uma Escola de Hotelaria e Turismo. Para isso, foram estudadas as Escolas de Hotelaria e Turismo de Lisboa, Faro e Portalegre, projectos de Teresa Nunes da Ponte, João Luís Carrilho da Graça e Eduardo Souto de Moura, respectivamente, uma vez que além de englobarem o programa mencionado, constituem também casos de reabilitação em diferentes contextos geográficos.

A Escola de Hotelaria e Turismo do Algarve situa-se no Convento de São Francisco, em Faro e resulta na reabilitação dos edifícios existentes, adaptando os espaços interiores para dar lugar às salas necessárias ao funcionamento da escola, assim como a inclusão de um edifício novo onde se localizam as salas de aula.

A Escola de Hotelaria e Turismo de Lisboa localiza-se no espaço da antiga Escola Industrial Machado de Castro, resultando na reabilitação dos espaços interiores adaptado-os às necessidades actuais, mantendo a monumentalidade da sua fachada.

A Escola de Hotelaria e Turismo de Portalegre situa-se no espaço da Antiga Fábrica Robinson e resulta na construção de um edifício contemporâneo que dialoga, não só, com a malha urbana que se encontra na envolvente, mas também com as restantes infraestruturas pré-existentes, encerrando o conjunto da fábrica.

5.2.1. Escola de Hotelaria e Turismo do Algarve

Faro, Portugal

João Luís Carrilho da Graça, 1995



106 | Escadaria em anfiteatro do claustro da Escola de Hotelaria e Turismo do Algarve

O Projecto de João Luís Carrilho da Graça, em Faro, consiste na recuperação e adaptação do Convento de São Francisco em Escola de Hotelaria e Turismo.

O Convento de São Francisco data do século XVI e situa-se na zona exterior das muralhas da cidade, a Nascente, destacando-se pelo claustro fechado composto por quatro torres em cada um dos cantos.

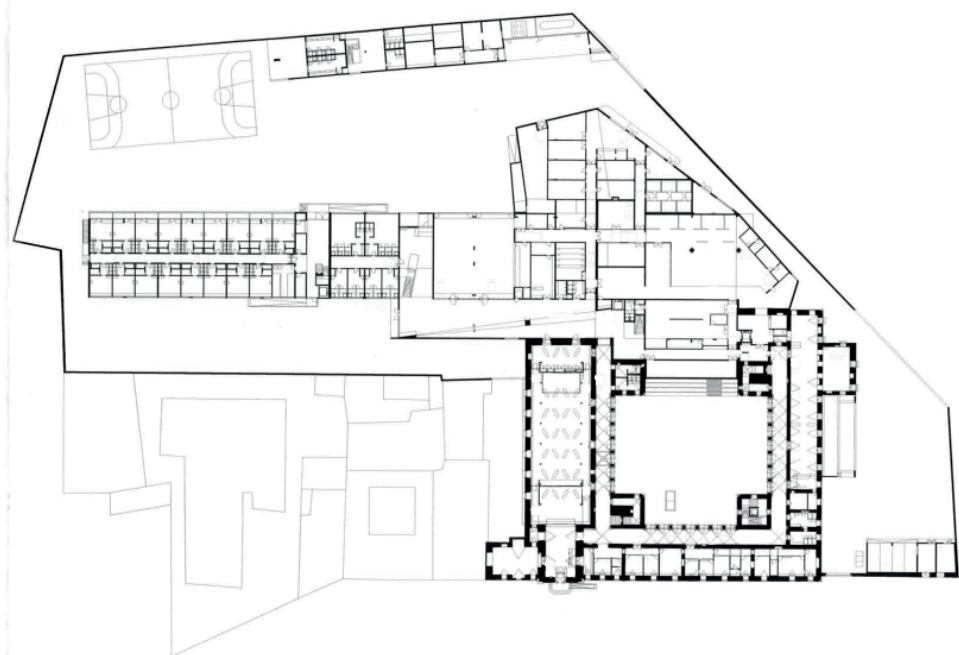
O objectivo da proposta incide sobre a introdução do programa nos espaços existentes, reforçando as suas características arquitectónicas e evitando ao máximo a sua alteração.¹ No entanto, a exigência do programa relativamente às dimensões das salas de aula teóricas, práticas e pedagógicas obriga à introdução de um novo edifício de dois pisos, de forma paralelepipedica que se relaciona delicadamente com os edifícios existentes e que se divide em dois programas. Próximo aos edifícios pré-existentes, encontram-se parte das salas de aula da escola, as cozinhas, a cantina e a biblioteca. No lado oposto do edifício encontra-se a residência de estudantes ou internato com trinta e cinco quartos e um apartamento. Uma vez necessário unir as duas alas do claustro, é criada uma escadaria que vence o desnível entre o claustro e o bar dos estudantes e resulta num espaço em anfiteatro onde os alunos fazem alguns eventos.

A construção nova, construída em betão com cimento branco bujardado é acompanhado de elementos de cor que evidenciam os pontos de ligação entre o existente e o contemporâneo.²

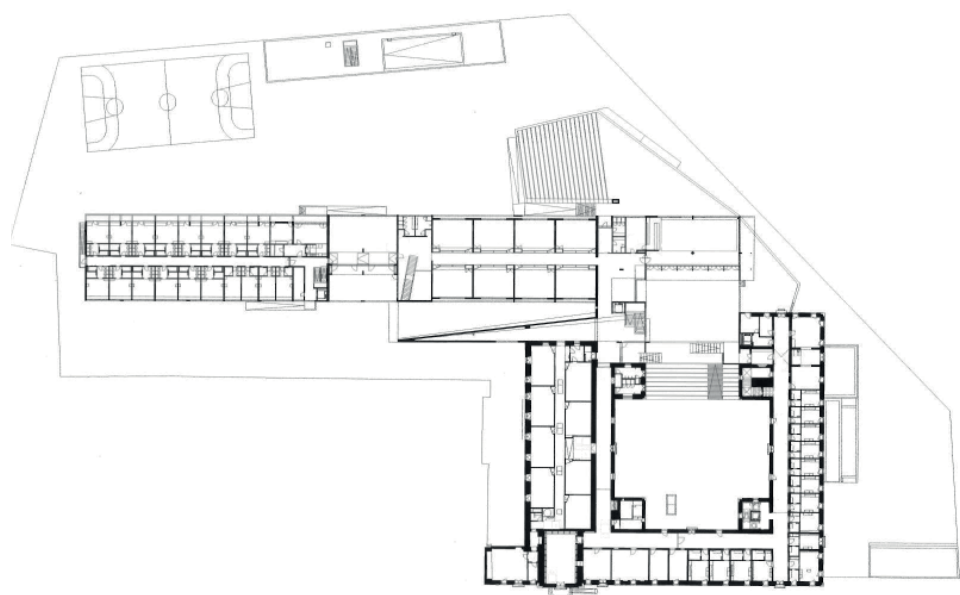
¹ Byrne, Gonçalo. *Carrilho da Graça*. Lisboa: Editorial Blau lda. ISBN 9728311028., p.88

² traduzido e adaptado pela autora do original: "il principio di dualità, presente nell'intero progetto si riversa anche nell'uso di materiali e colori: a un esterno in cemento armato trattato con cemento bianco bocciardato, si accompagna l'uso del colore, atto a rivelare i punti di contatto tra vecchio e nuovo" in. Albierto, Roberta e Simone, Rita. 2003. *Opere e Progetti João Luís Carrilho da Graça*. Milão: Mondadori Electa spa, 2003, p.88

Escola de Hotelaria e Turismo do Algarve
Desenhos



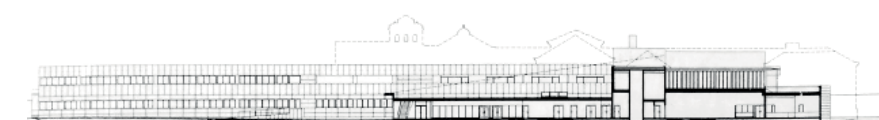
107 | Planta do piso térreo



108 | Planta do primeiro piso



109 | Corte pelo claustro com vista para o anfiteatro



110 | Corte longitudinal pelo espaço intermédio entre o existente e o novo edifício, paralelo a este



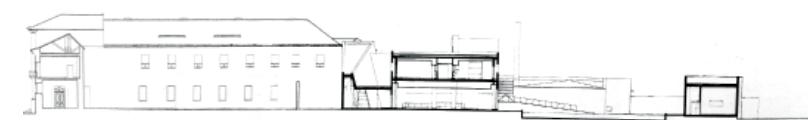
111 | Corte longitudinal pelo edifício novo



112 | Alçado Posterior



113 | Corte Transversal



114 | Corte transversal pelo edifício



115 | Vista para fonte do claustro



116 | Entrada para a residência da escola



117 | Corredor que dá acesso à zona das salas de aula no edifício existente



118 | Átrio entre edifício novo e existente



119 | Acesso ao restaurante aplicação



120 | Bar de aplicação, por onde se faz a entrada para o restaurante de aplicação



121 | Zona de salas de aula



122 | Zona de salas de aula no edifício novo



123 | Cozinha de produção



124 | Átrio de entrada da escola



125 | Quarto do hotel de aplicação



126 | Cozinha fria

5.2.2. Escola de Hotelaria e Turismo de Lisboa

Lisboa, Portugal

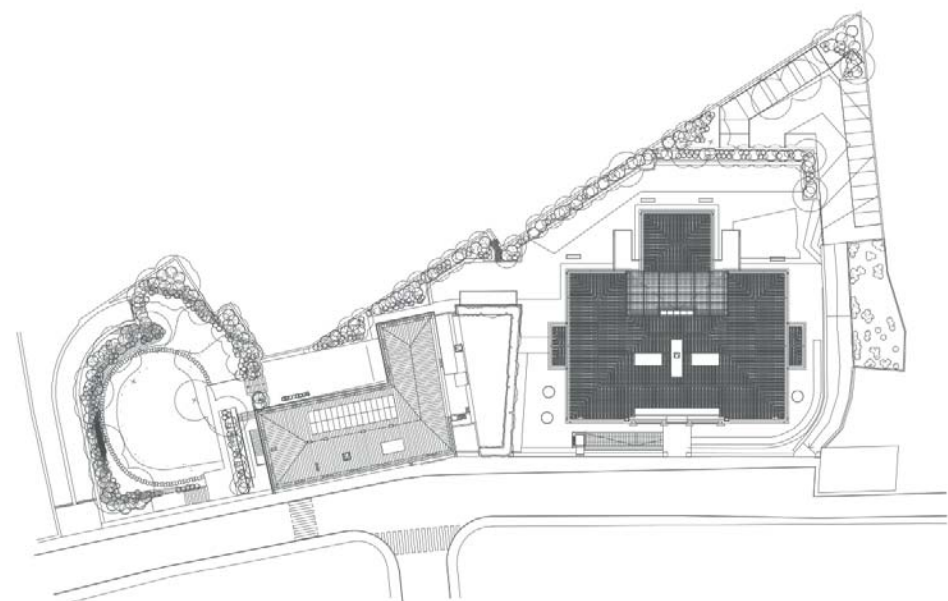
Teresa Nunes da Ponte, 2009



127 | Fachada do edifício da Escola de Hotelaria e Turismo de Lisboa

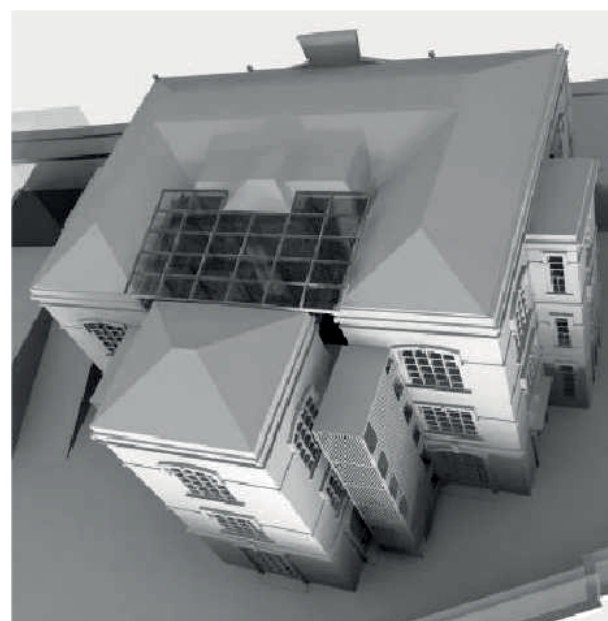
O projecto de Teresa Nunes da Ponte, em Lisboa, consiste no restauro, reabilitação e ampliação das antigas instalações da Escola Industrial Machado de Castro no bairro de Campo de Ourique. Além deste espaço, a escola engloba também um hotel de aplicação com lugar num antigo palacete.

No espaço da antiga escola industrial localiza-se o programa da escola com as várias salas de aula teóricas e práticas, assim como os serviços administrativos e a biblioteca. O hotel de aplicação, restaurante e salas de reunião localizam-se no palacete. Numa zona intermédia localizam-se os espaços e serviços comuns à escola e ao hotel e o auditório partilhado, num edifício que faz a ligação entre a escola e o hotel. No edifício da escola foram mantidos alguns dos altos pé-direitos que caracterizavam o antigo edifício e foram criados pisos intermédios no eixo longitudinal do edifício, fazendo a ligação a todos os pisos do palacete e permitindo a criação de mezaninos sobre as salas. O pátio interior foi coberto com uma cobertura envidraçada de modo a criar uma zona de convívio no centro da escola.



128 | Planta de Coberturas

Escola de Hotelaria e Turismo de Lisboa
Desenhos



129 | Maquete do projecto vista de cima, com pormenor da cobertura em vidro



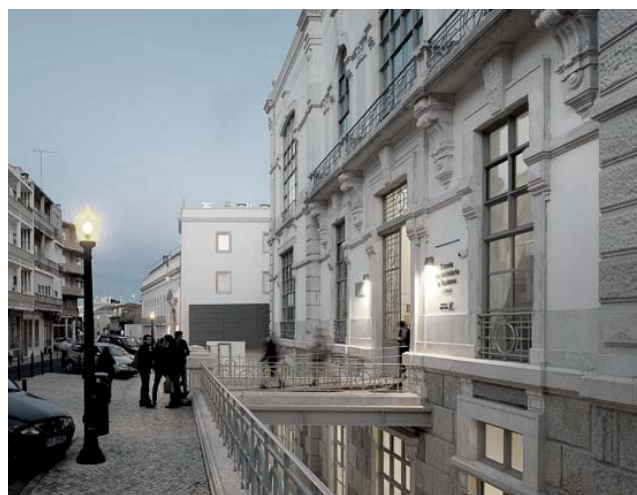
130 | Escada exterior - pormenor da maquete



131 | imagem 3D da vista do alçado posterior



132 | Imagem 3D da vista do alçado principal



133 | Ponte de acesso à recepção da escola



134 | Edifício entre a escola e o hotel



138 | Restaurante de aplicação



139 | Auditório comum à escola e ao hotel



135 | Sala de aula com mezanino



136 | Anfiteatro de cozinha e bar



140 | Cozinha de produção



141 | Bar de aplicação



137 | Sala de enologia



142 | Biblioteca com mezanino



143 | Cantina da escola

5.2.3. Escola de Hotelaria e Turismo de Portalegre

Portalegre, Portugal

Arquitecto Eduardo Souto de Moura, 2011

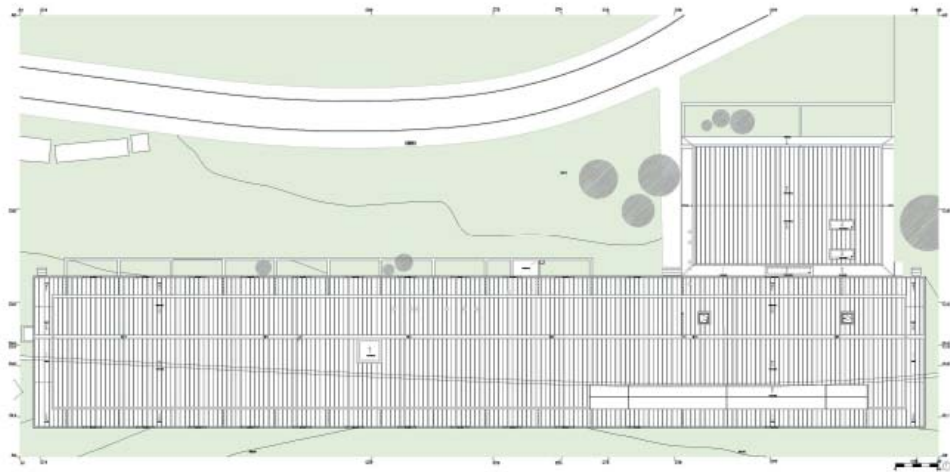


144 | Fachada Principal do Edifício da Escola de Hotelaria e Turismo

O edifício da Escola de Hotelaria e Turismo de Portalegre encontra-se no espaço da antiga Fábrica Robinson e cria uma nova rua que se torna num importante elemento que redefine e estrutura a área da antiga fábrica. Esta intervenção, apesar de integrar o plano de reabilitação da Antiga Fábrica Robinson funciona como ponto de ligação entre os edifícios existentes e a malha urbana e promove a *"conservação da memória histórica através do património"*, uma vez que se mantém a implantação original da pré-existência.

O projecto de Eduardo Souto de Moura surge, a Sul, como um volume suspenso no terreno, aproveitando o desnível existente. Esta solução resulta num plano aberto para a paisagem, para onde se abrem os principais espaços da escola, como as salas de aula, restaurante, bar e biblioteca. A Norte a fachada resulta num plano fechado que se divide em dois corpos distintos. O corpo azul é composto pelo conjunto das cozinhas, self-service e espaços de apoio ao restaurante e bar, destacando-se do restante edifício pela sua própria dimensão dimensão e dos lanternins-chaminés que denunciam a presença das cozinhas. A cor azul é usualmente utilizada em locais onde sejam exigidas condições especiais de higiene, pelo que esta foi a cor aplicada neste volume No corpo de cor amarelo ocre, em frente às salas de aula e orientados a Norte, encontram-se os gabinetes e espaços de trabalho que se abrem para um pequeno pátio privado com as paredes em consola, uma vez que esta fachada apresenta uma relação directa com a rua.¹

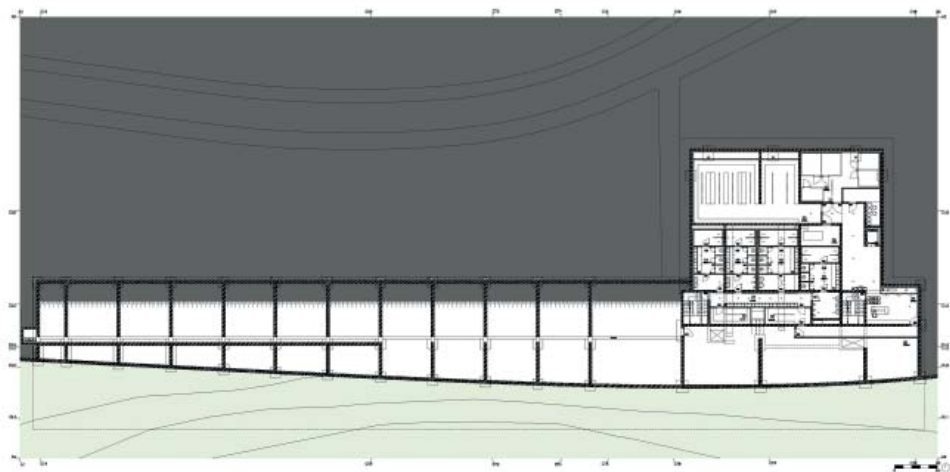
¹ Texto adaptado da descrição enviada pela equipa de projecto, em <https://www.archdaily.com.br/br/01-82659/hotel-and-catering-school-slash-eduardo-souto-de-moura-plus-graca-correia>



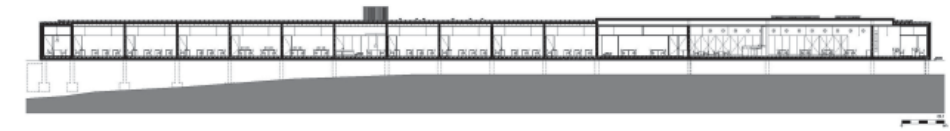
145 | Planta de coberturas



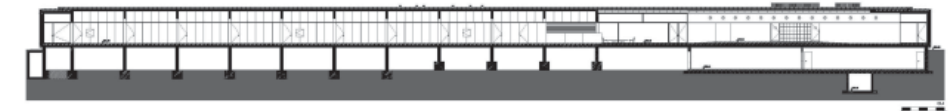
146 | Planta piso térreo



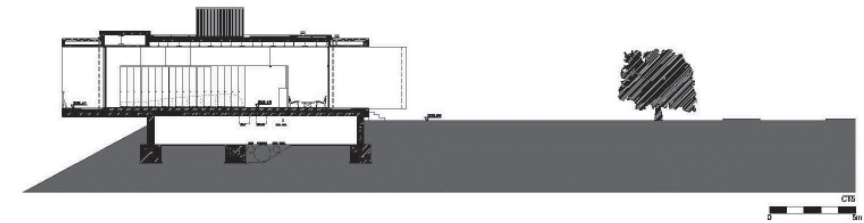
147 | Planta piso -1



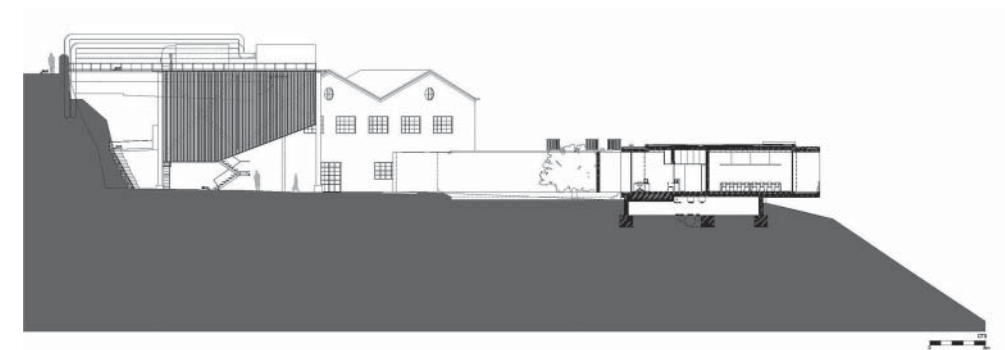
148 | Corte longitudinal pelas salas de aula



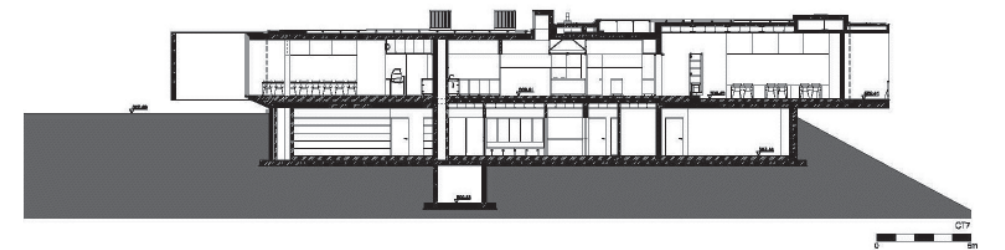
149 | Corte longitudinal pelo corredor de acesso às salas de aula



150 | Corte transversal pelo átrio de entrada



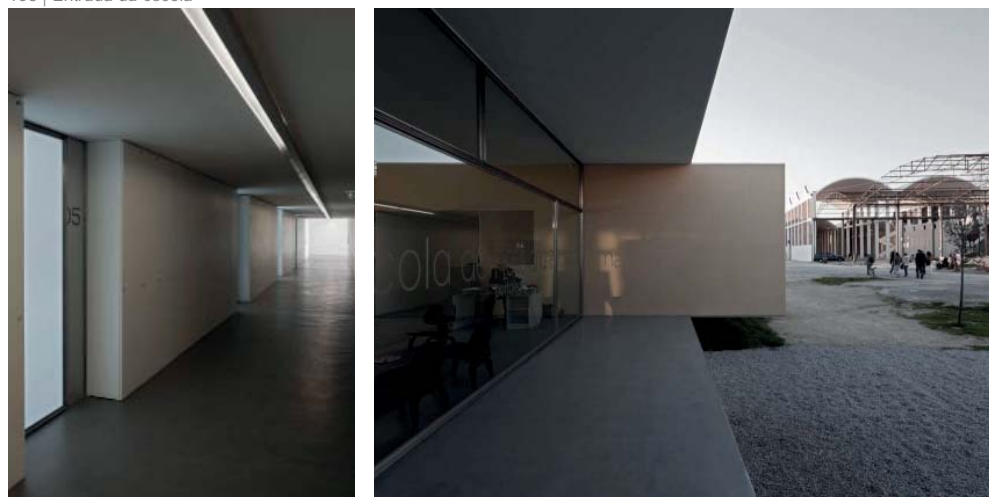
151 | Corte transversal pelo volume das salas de aula



152 | Corte transversal pelo volume das cozinhas



153 | Entrada da escola



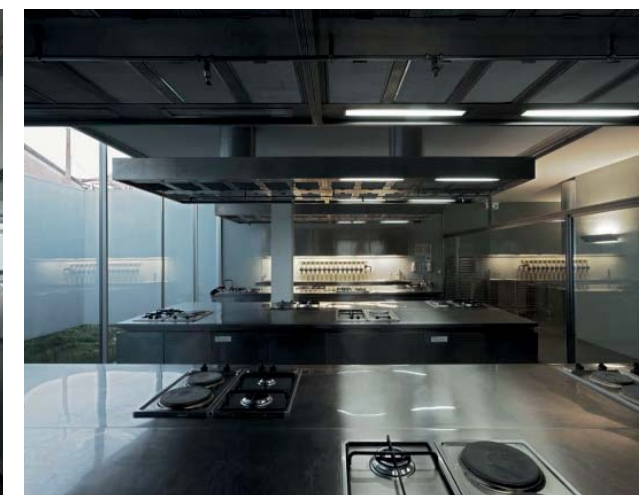
154 | Corredor de acesso às salas de aula 155 | Pormenor do volume das salas de aula vista da entrada



156 | Recepção com pormenor da vista para o pátio privado



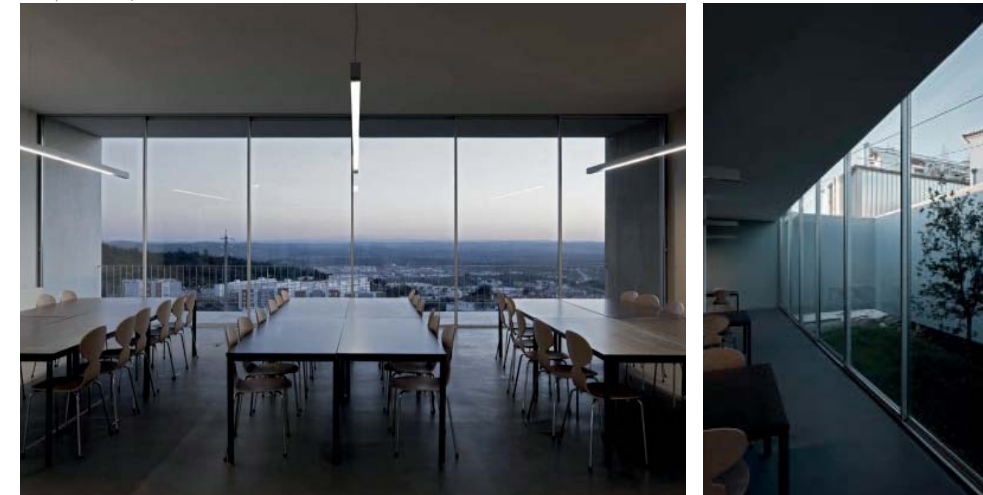
157 | Corredor das cozinhas



158 | Cozinha pedagógica



159 | Bar de aplicação



160 | Átrio de entrada com vista para a cidade

161 | Pátio privado da cantina

6

PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PARA A QUINTA DAS GLICÍNIAS EM ÉVORA

- 6.1. O Conceito
- 6.2. A Escola de Hotelaria e Turismo
- 6.3. O Hotel de Aplicação
- 6.4. Materialidades

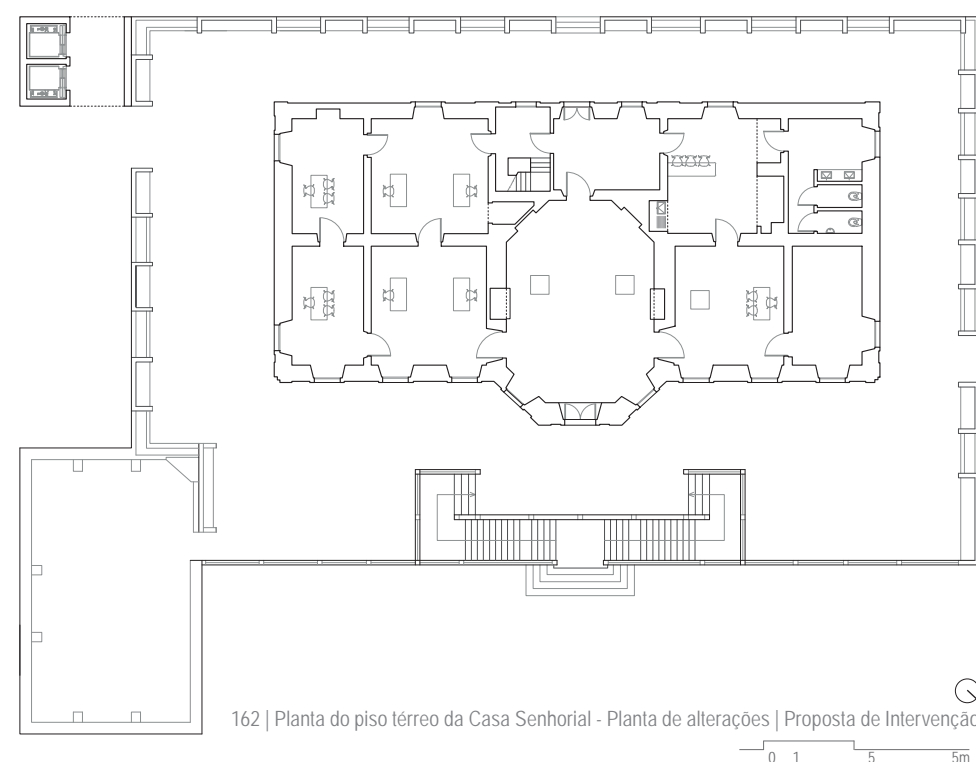
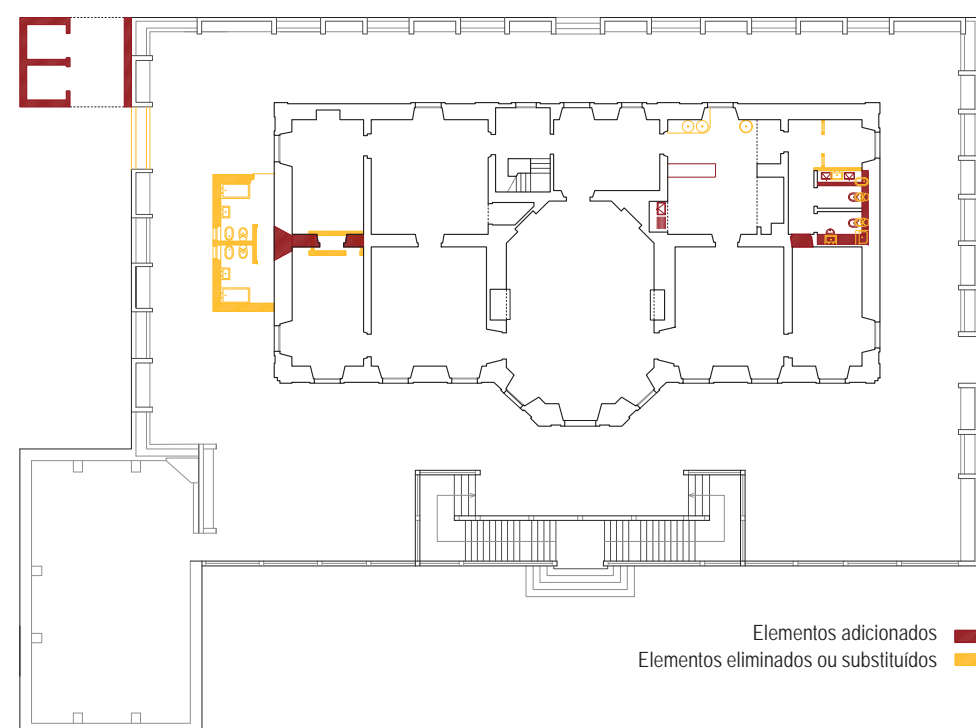
6.1. Conceito

A proposta de intervenção consiste na integração dos programas de escola de hotelaria e turismo com hotel de aplicação na área da quinta de modo a que não se imponham sobre os elementos arquitectónicos existentes, pelo que se propõe a sua implantação a um nível inferior ao da cota de entrada da Casa Senhorial.

Os espaços exteriores que compõem o espaço da quinta são preservados, mantendo a localização original dos pomares e zonas de cultivo. Os percursos que atravessam os diferentes espaços de produção e lazer são limpos e recuperados, permitindo aos visitantes e utilizadores da instituição de ensino percorrer as diferentes áreas de cultivo. A actual entrada da quinta mantém-se enquanto acesso aos utilizadores da escola, por outro lado a entrada principal, actualmente encerrada, é recuperada para acesso ao hotel de aplicação.

A exploração dos espaços exteriores de produção agrícola continua a ser feita pelo IEFP, dispondo de uma das antigas pré-existências para o arrumo de alfaias e o espaço da escola utilizado para as aulas teóricas das formações.

No espaço da Casa Senhorial pretende-se instalar serviços administrativos da instituição de ensino pelo que é necessária a adaptação do espaço às novas funções. Propõe-se em primeiro lugar



162 | Planta do piso térreo da Casa Senhorial - Planta de alterações | Proposta de Intervenção

0 1 5 5m

a recuperação do aspecto inicial dos espaços, retirando elementos adicionados posteriormente à sua época de construção, nomeadamente o volume anexo à fachada Sudeste da casa e algumas divisões interiores, bem como o preenchimento de vãos que foram abertos na intervenção mais recente. Em segundo lugar propõe-se a repavimentação dos espaços interiores através da colocação de mosaico hidráulico nas divisões junto à fachada posterior, que haviam sido substituídos por azulejo anti-derrapante industrial e a substituição do pavimento flutuante existente nas divisões junto à fachada principal por soalho de madeira. Uma vez que nas últimas intervenções uma das divisões da casa foi adaptada para instalações sanitárias, esse espaço é redesenhado, mantendo a mesma função e aproveitando parte das infraestruturas existentes.

A área destinada ao programa da escola localiza-se a Sudeste da casa e adapta-se ao terreno, tornando a cobertura num espaço percorível, estando esta à mesma cota do patamar de acesso da casa senhorial. O programa é distribuído segundo um edifício de dois pisos, que se organiza de acordo com as condições do lugar, tirando o maior proveito da incidência solar. O piso inferior acompanha o alinhamento da casa senhorial, fazendo a união entre o muro que tem início no pátio de entrada e o muro que surge junto ao actual caminho de acesso à quinta e contempla o traçado do aqueduto da Água de Prata. O piso superior, orientado paralelamente a um muro pré-existente, assume uma torção diferente do piso abaixo dando forma a um pátio marcado pela presença de um espaço de fresco central, constituído por um tanque e uma nora envolvida por paredes altas rasgadas por vãos em arco de volta perfeita.

O hotel de aplicação localiza-se a Oeste da Casa Senhorial e adapta-se ao declive do terreno desenhado por socalcos. Desenvolve-se em dois pisos a partir do embasamento da casa até ao limite de um tanque pré-existente e configura-se a partir dos mesmos alinhamentos que definem o edifício da escola.



Legenda dos espaços agrícolas e de recreio existentes: 1.Forragem 2.Prado 3.Olival 4.Montado 5.Vinha 6.Pomar de Citrinos 7.Pomar de maceiras, pereiras e ameixeiras 8.Nora elevada 9.Aqueduto 10.Tanque rectangular 11.Nora de planta octogonal e tanque 12.Torreão

Arrumo de alfaias agrícolas

Área de Estacionamento

Anexos (IEFP)

Escola de Hotelaria e Turismo

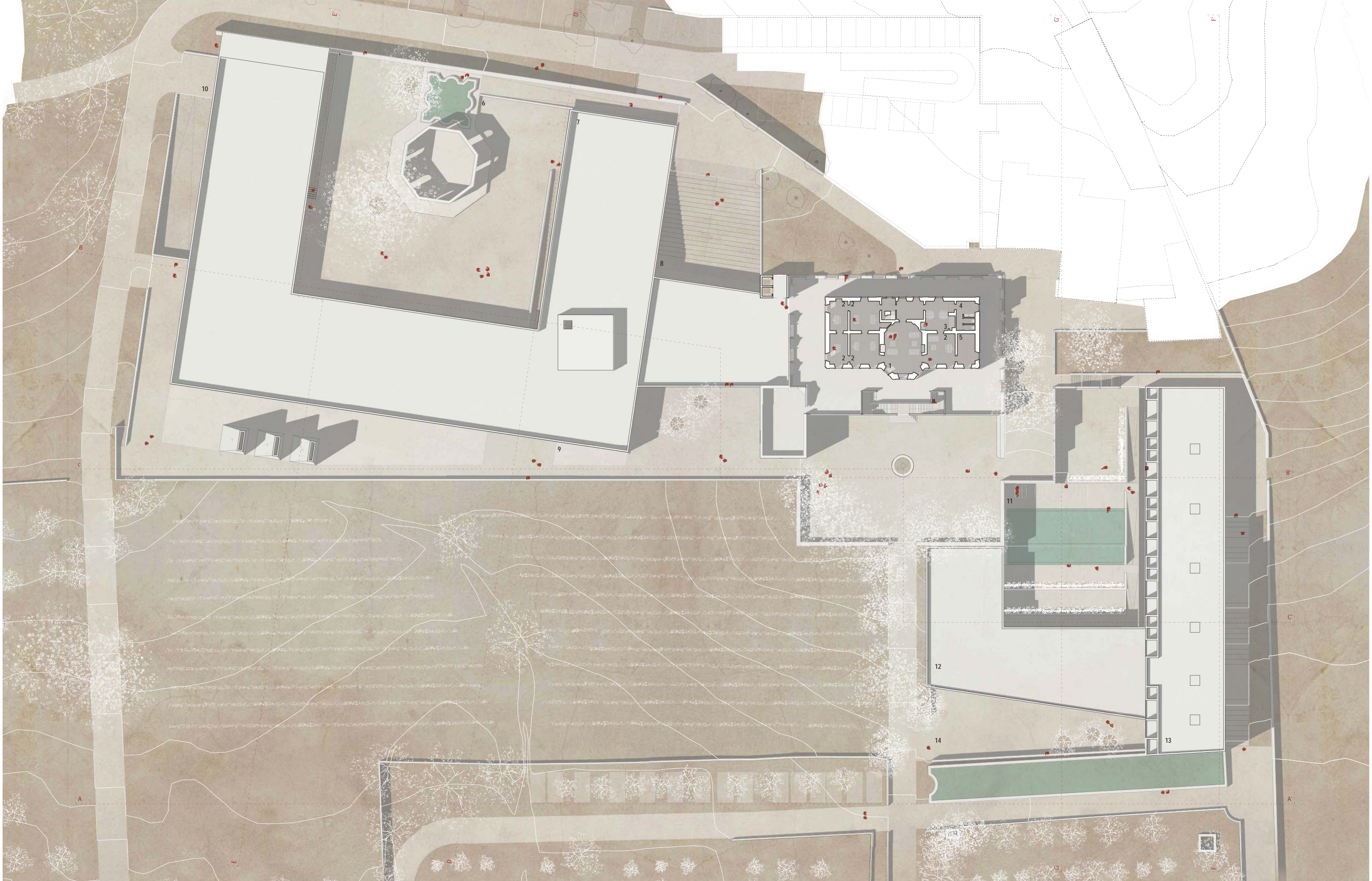
Serviços Administrativos

Hotel de Aplicação

Área de Estacionamento

Acesso a utilizadores do hotel

Acesso a utilizadores da escola



Área Administrativa: 1.Sala de Espera e Recepção 2.Gabinetes 3.Copa 4.Instalações Sanitárias 5.Arquivo Escola: 6.Pátio 7.Cobertura piso térreo 8.Área de chegada 9.Cobertura piso -1 10.Acesso de cargas e descargas Hotel de Aplicação: 11.Pátio 12.Cobertura piso térreo 13.Cobertura piso 1 14.Área de chegada

Piso inferior da escola
(Salas de aula práticas)

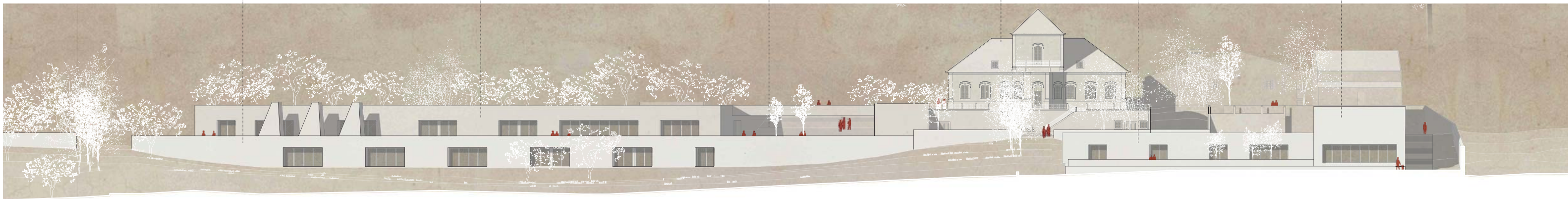
Primeiro piso da escola
(Piso de entrada, onde se encontram as salas de aula teóricas)

Escadaria de acesso

Casa Senhorial
(Serviços administrativos da escola e do hotel)

Piso inferior do hotel
(Áreas mais públicas do hotel)

Piso superior do hotel
(Área mais privada do hotel - zona de quartos)



6.2. A Escola de Hotelaria e Turismo

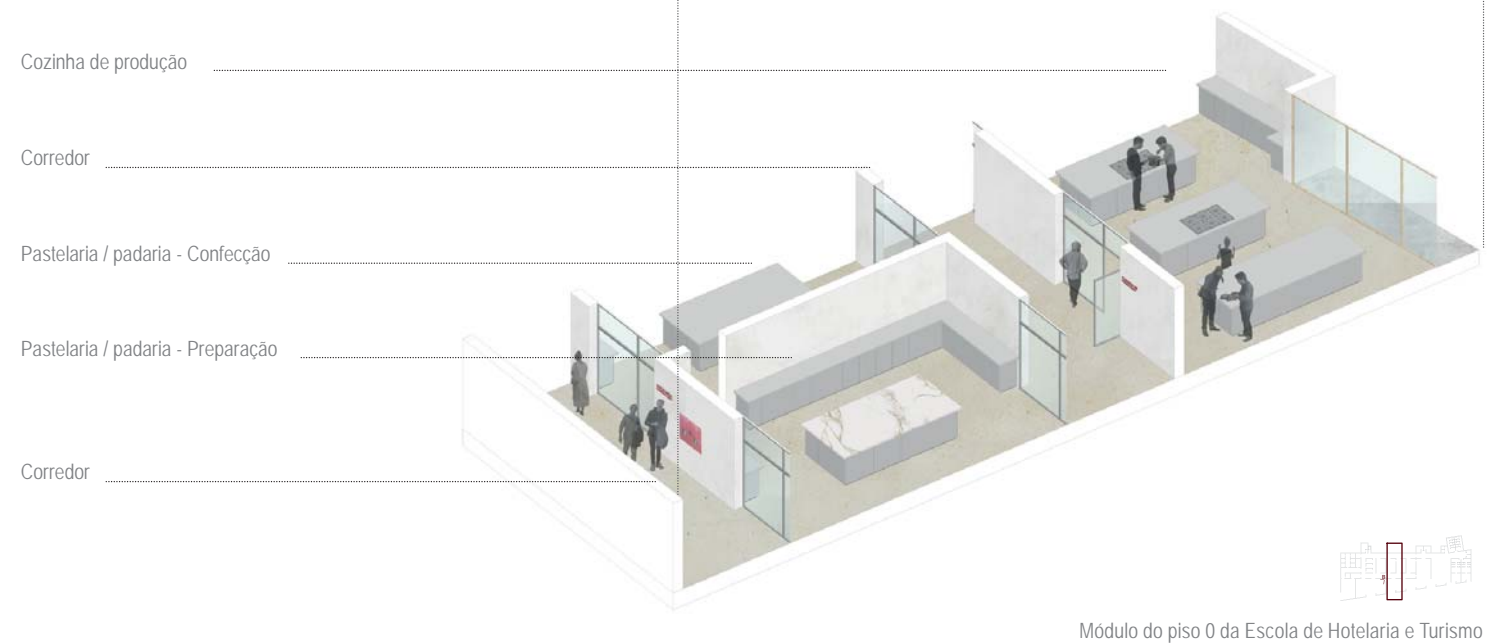
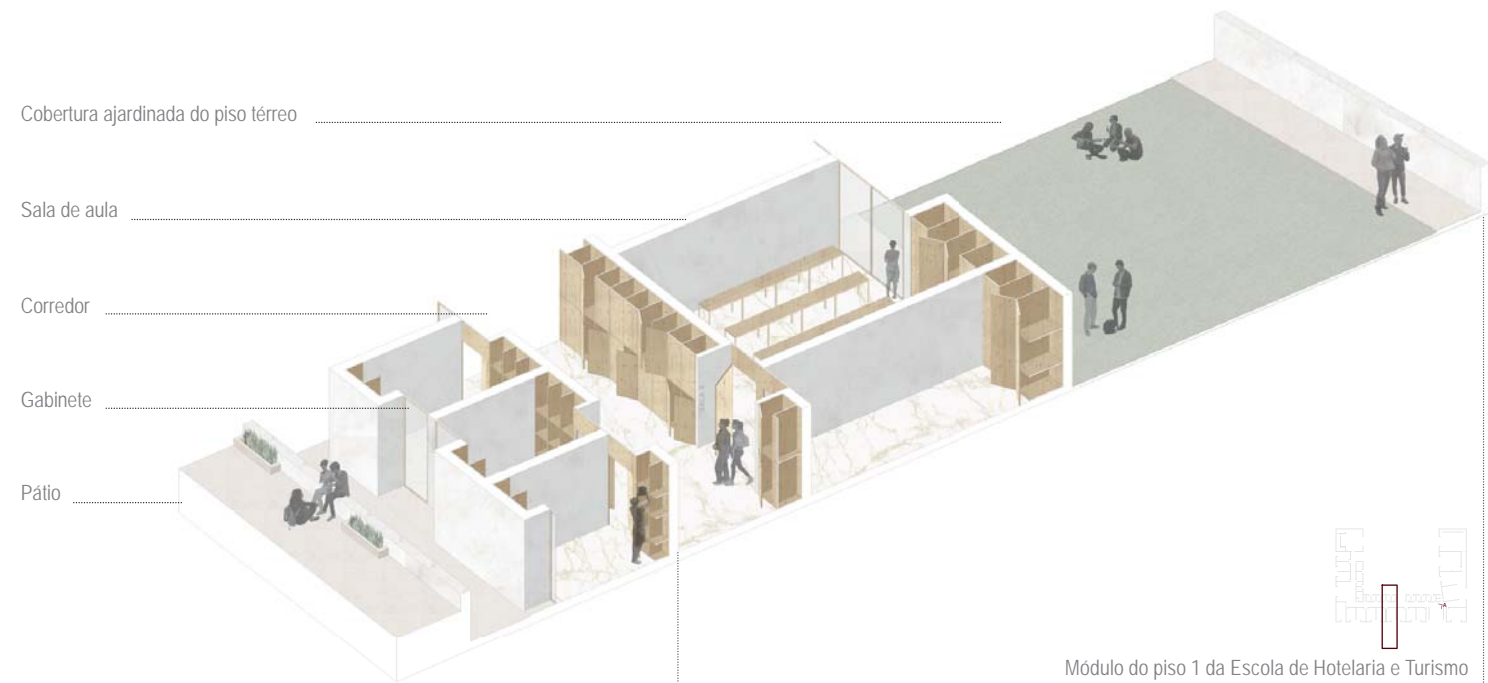


166 | Fotomontagem do espaço exterior da escola

O piso superior da escola, por onde se faz a entrada no espaço, desenvolve-se num volume organizado segundo a forma quadrangular, que envolve um espaço de fresco existente e cuja posição privilegiada permite contemplar os espaços da quinta e o Aqueduto da Água de Prata. Este piso engloba os espaços das salas de aula e gabinetes de professores, assim como as áreas de biblioteca, cafetaria e cantina.

O acesso à escola faz-se a Noroeste, através da escadaria que faz a separação entre o edifício da escola e a Casa Senhorial, vencendo o desnível entre a cobertura e o átrio de entrada. Além desta entrada é ainda possível aceder à escola através de uma segunda entrada na fachada Sudeste ou através do pátio onde se encontra o tanque e a nora pré-existentes.

Os espaços distribuem-se de acordo com a orientação do edifício, de modo a tirar o melhor proveito das diferentes vistas e da incidência solar. A ala do edifício que abriga as salas de aula e os gabinetes de professores organiza-se paralelamente a um muro de suporte pré-existente, ao longo de um corredor que une dois átrios. Os átrios, espaços amplos de dimensões idênticas, funcionam como pontos de charneira e distribuição para os diferentes espaços do edifício. Nestes faz-se a liga-



ção entre o núcleo das salas de aula e os corpos laterais, ortogonais, onde se incluem os programas de recepção, cafetaria, biblioteca e auditório. O espaço da recepção encontra-se junto à entrada Noroeste e configura-se num volume de forma quadrangular com direcções diferentes dos restantes espaços, acompanhando as direcções da casa senhorial e destacando-se na cobertura da escola. Neste corpo do edifício desenvolvem-se ainda os espaços de biblioteca e auditório, que se viram para o pátio interior, contemplando a área que envolve a nora e o tanque pré-existentes. No corpo oposto, a Sudeste, além do laboratório de análise sensorial e da sala de informática, encontra-se o espaço da cafetaria, que à semelhança da biblioteca e do auditório contempla a área do pátio.

Ao nível da cobertura encontramos-nos num plano à mesma cota do embasamento da casa senhorial, o que significa que a cobertura é percorrível, a que se acede sobre o espaço de recepção da escola.

O piso inferior encontra-se enterrado, orientado a Nordeste e com vista para a cidade e para o aqueduto da Água de Prata. O acesso faz-se desde o átrio mais próximo da recepção, com pé-direito duplo, por umas escadas que ocupam quase a largura total do espaço. Configura-se assim num espaço de convívio amplo e iluminado. Neste piso localizam-se as salas de aula práticas dedicadas às cozinhas, os espaços destinados ao economato e de apoio às cozinhas, os balneários e ainda uma área mais pública onde se encontra a cantina, junto ao átrio. As salas de aula práticas organizam-se entre cozinha pedagógica com bancadas individuais, cozinhas de produção de frios e de quentes, salas de preparação de alimentos e pastelaria / padaria, que se divide entre espaço de produção e espaço de confeção. A cozinha pedagógica destaca-se das restantes cozinhas pelas três chaminés que marcam a sua posição.

O espaço das cozinhas caracteriza-se por ser um local de interacção entre os alunos e os professores, onde estes põem em prática os conhecimentos adquiridos, pelo que se propõe que entre estas salas e os espaços de circulação existam, pontualmente, paredes envidraçadas que permitam a relação visual entre os espaços e por sua vez possibilitem a assistência por parte de colegas e observadores.

6.3. O Hotel de Aplicação



166 | Fotomontagem do espaço exterior do Hotel de Aplicação

O hotel implanta-se numa zona de socalcos que desenham espaços de jardim, afirmando um declive que permite organizar este espaço entre dois pisos, no espaço entre o antigo caminho principal de acesso e o muro que delimita a quinta. Entre este muro e o hotel encontra-se uma escadaria com origem junto ao tanque pré-existente e culmina no portão por onde se fazia o acesso secundário à quinta.

O piso inferior do hotel, onde se encontra a área da recepção, sala de estar, bar, restaurante e spa assume o mesmo alinhamento do primeiro piso do edifício da escola. Este gesto dá origem a uma zona de chegada entre o edifício e o tanque pré-existente, com uma orientação paralela à Casa Senhorial. A partir da recepção temos ainda acesso a um pátio ajardinado que se desenvolve em socalcos de acordo com a orografia original do terreno, unidos por acesso em rampa. As diferentes cotas em cada socalco originam distintos ambientes, no início atravessamos dois patamares onde a vegetação aromática prevalece. No terceiro socalco uma piscina com pouca profundidade e no seguinte socalco, outra piscina de maiores dimensões apoiada por um último socalco com uma zona de estar.

Varanda

Espaço de dormir

Espaço de vestir

Corredor de acesso aos quartos

Pátio do hotel - zona da piscina

Pequeno pátio interior

Sala de massagens

Corredor de acesso às salas do spa



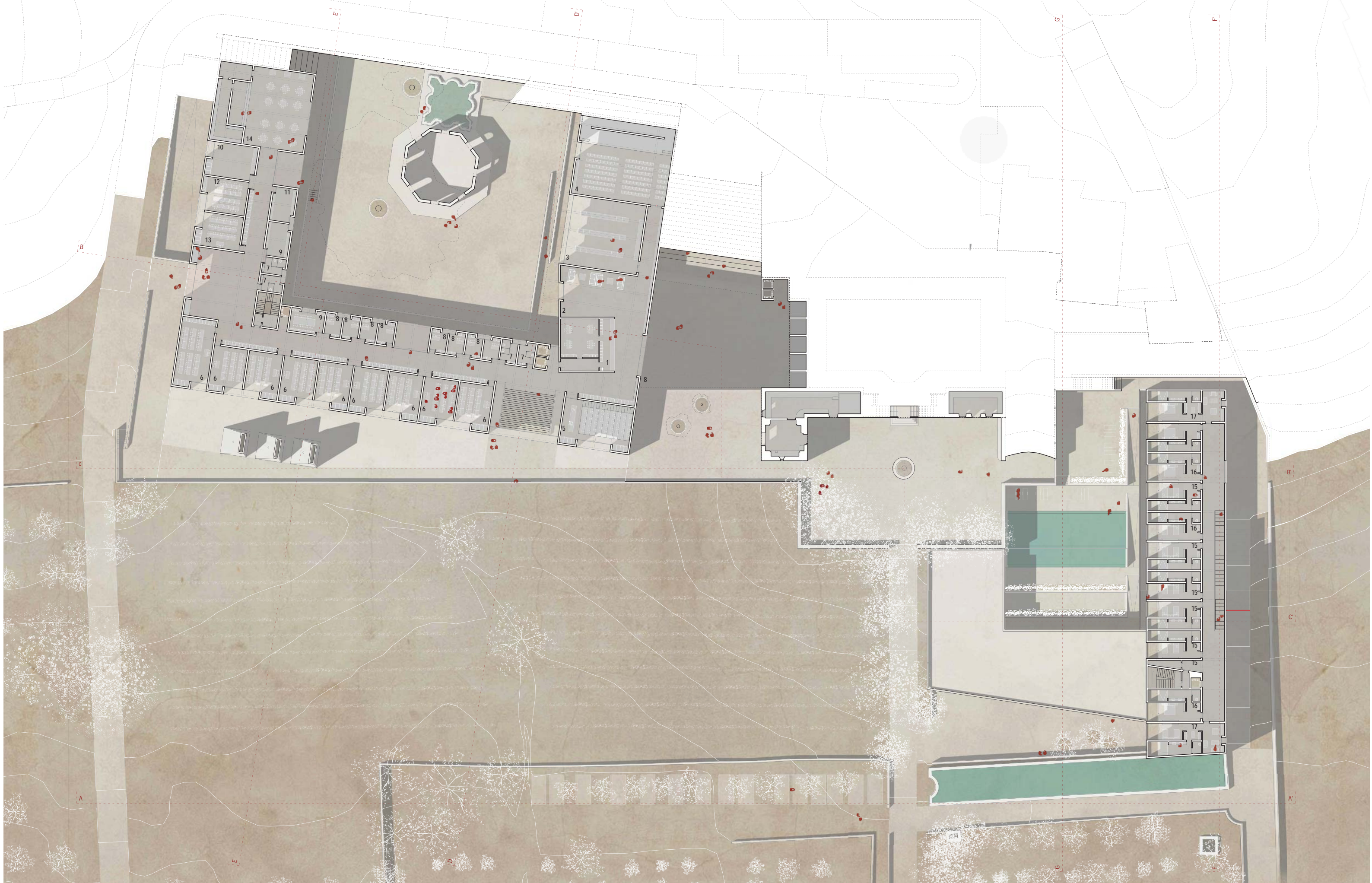
Módulo do piso 1 do Hotel de Aplicação



Módulo do piso 0 do Hotel de Aplicação

No piso térreo, à direita da recepção, no volume paralelo ao muro que delimita o terreno da quinta a sala de estar configura-se num espaço com um amplo vão sobre o tanque rectangular, permitindo contemplar a zona de pomar, a nora elevada e o aqueduto da quinta, assim como uma parte do traçado do Aqueduto da Água de Prata. Junto a este espaço um corredor que se desenvolve ao longo do comprimento deste volume faz o acesso ao spa, enterrado e orientado a Sudeste, que se organiza entre balneários, piscina interior, salas de massagens, jacuzzi e sauna. Ainda neste corredor, as escadas levam-nos ao primeiro piso do edifício, onde se encontram os quartos. À esquerda da recepção um corredor faz o acesso ao bar e restaurante de aplicação, onde os alunos praticam em ambiente real.

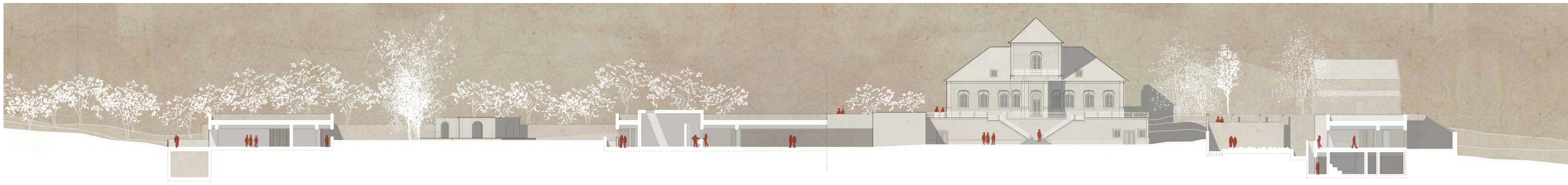
O primeiro piso do hotel desenvolve-se num corpo longitudinal, paralelo ao muro que delimita o terreno da quinta. Neste piso acessível pelas escadas ou por elevador podemos encontrar os quartos que se dividem em três tipologias: quarto duplo, quarto de casal e suite. De modo geral os quartos organizam-se em quatro espaços: espaço de dormir, zona de vestir, casa de banho e varanda. A casa de banho configura-se segundo o comprimento total do quarto e caracteriza-se por ter um pequeno pátio que permite a entrada de luz zenital no espaço. Voltado para os jardins da quinta, cada quarto apresenta também uma varanda que tira partido dessa vista e que ao mesmo tempo se relaciona com o pátio do hotel pela posição elevada sobre este, privilegiando a vivência no interior contido do espaço do hotel.



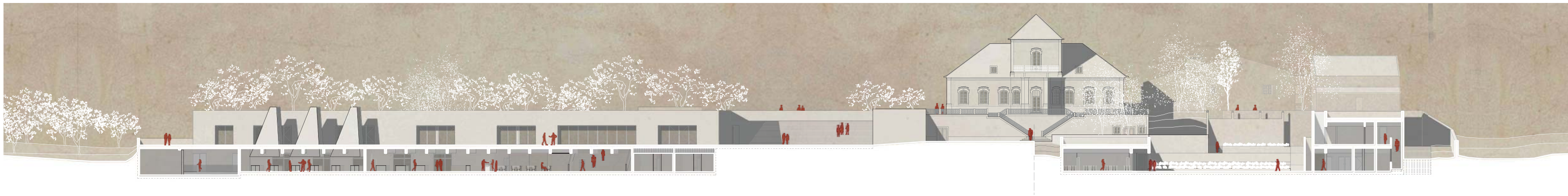
Escola: 1.Recepção 2.Espaço de estar 3.Biblioteca 4.Auditório 5.Anfiteatro de bar e cozinha 6.Sala de aula 7.Instalações Sanitárias 8.Gabinets 9.Sala de Reunião 10.Sala de Professores 11.Sala de Funcionários 12.Sala de Enologia 13.Sala de Informática 14.Bar Hotel de Aplicação: 15.Quarto duplo 16.Quarto de casal 17.Suíte



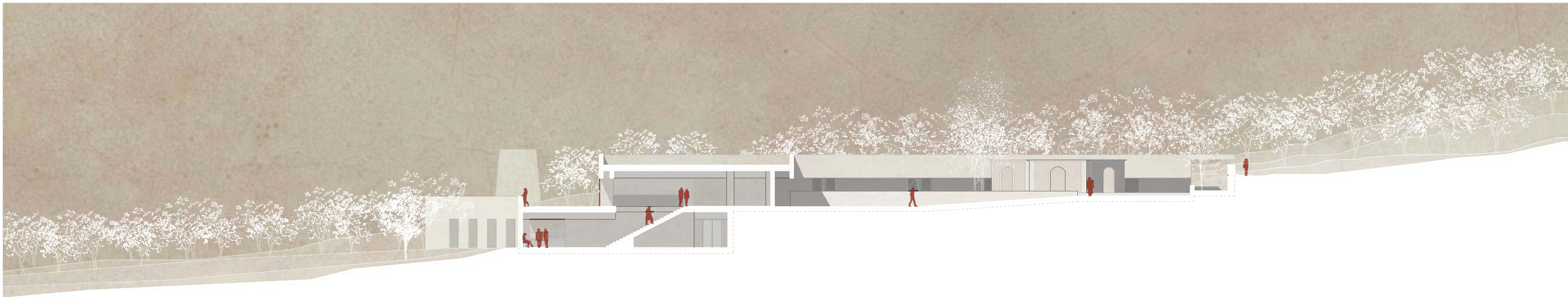
Escola de Hotelaria e Turismo: 1.Átrio 2.Cantina 3.Balneários de docentes 4.Balneários de alunos 5.Instalações Sanitárias 6.Cargas e Descargas 7.Arrumos 8.Despensas 9.Lixos 10.Preparação de Alimentos 11.Cozinha pedagógica 12.Cozinha fria 13.Cozinha de produção 14.Pastelaria/padaria-preparação 15.Pastelaria/padaria-confeção 16.Copa 17.Zona de Self-service
 Hotel de Aplicação: 18. Átrio 19.Recepção 20.Sala de Estar 21.Back Office 22.Instalações Sanitárias 23.Bar 24.Restaurante 25.Cozinha 26.Recepção do Spa 27.Balneários 28.Piscina fria interior 29.Sala de tratamentos 30.Sauna 31.Piscina interior 32.Serviços



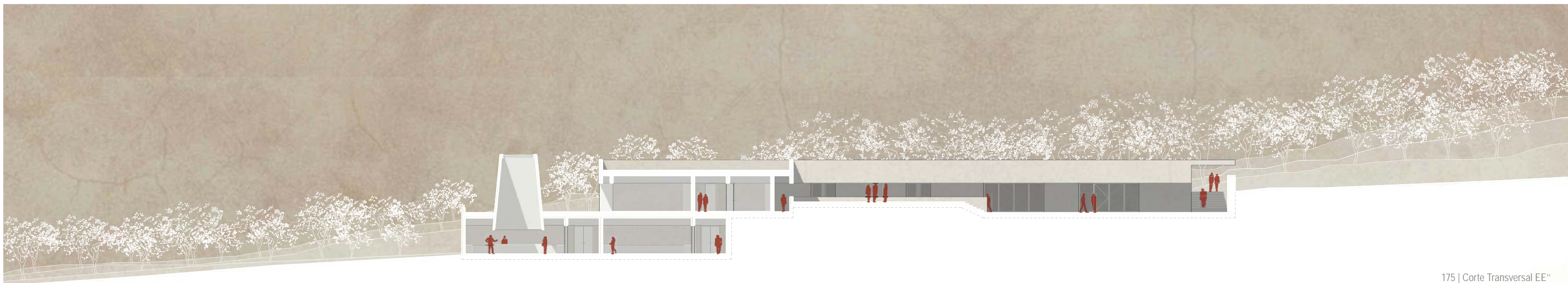
172 | Corte Longitudinal BB'



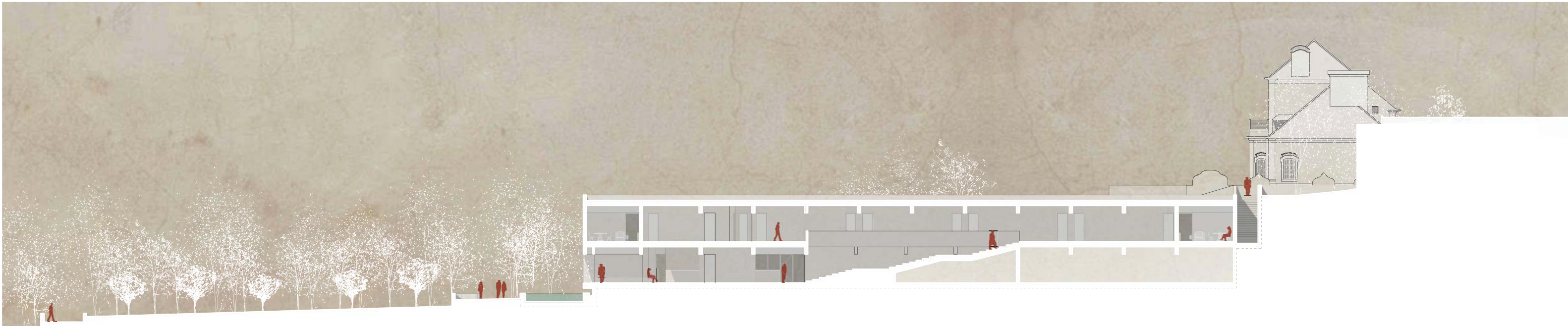
173 | Corte Longitudinal CC'



174 | Corte Transversal DD'



175 | Corte Transversal EE''



176 | Corte Transversal FF'



177 | Corte Transversal GG'

6.4. Materialidade

A estratégia de intervenção assenta na operação de recolha dos materiais existentes na Quinta das Glicínias, aplicando-os nos diferentes espaços da proposta na tentativa de manter o aspecto global do conjunto e privilegiar o aspecto inicial da pré-existência.

O aspecto geral da Casa Senhorial baseia-se no revestimento à base de argamassa de tonalidades brancas das paredes exteriores, rematadas por pedras de cantaria em mármore branco de Estremoz. Este material, além de ser utilizado na fachada principal da casa é também utilizado nos degraus da escadaria de dois lanços que a antecede.

O embasamento da casa apresenta o mesmo revestimento de tonalidades brancas presentes na Casa Senhorial, no entanto o rodapé cinzento e as pedras de cantaria em granito conferem-lhe um aspecto mais sóbrio. O mesmo embasamento apresenta dois pavimentos distintos que revelam a importância da fachada principal face às restantes. Enquanto junto à fachada principal o pavimento apresenta uma composição de pedras de ardósia, junto às fachadas restantes o pavimento é revestido por tijoleira rústica.

Uma vez que o branco é a cor que prevalece na quinta, é esta a tonalidade que se pretende adoptar como aspecto geral dos edifícios novos. Estes destacam-se dos edifícios existentes pelas



Pavimento exterior em calçada irregular de granito



Cantaria da Casa Senhorial em pedra mármore



Pavimento do embasamento da casa em tijoleira



Pavimento do embasamento da casa em ardósia

suas linhas simples e isentos dos elementos decorativos que compõem a fachada da casa. Deste modo propõe-se um acabamento para as fachadas do hotel e da escola à base de argamassas de cal hidráulica.

Os edifícios da Escola de Hotelaria e Turismo e do Hotel de Aplicação caracterizam-se pela sua implantação abaixo da cota da Casa Senhorial, pelo que se adaptam às condições geomorfológicas do lugar. Neste sentido propõe-se o coberto vegetal como solução para o sistema de cobertura destes edifícios, o que permite a sua integração na paisagem quando contemplados de uma cota superior ou até quando são percorridos.

Os caminhos exteriores, em calçada irregular de granito são elementos característicos da quinta e definem os limites das diferentes áreas de cultivo. Deste modo, propõe-se a utilização deste material em calçada no pátio da escola, assim como nas zonas de chegada junto à escola e ao hotel. Além desta utilização, propõe-se também a aplicação de granito lajeado na área de deambulatório da escola e no pátio do hotel e ainda, nos acessos em escada e rampa da proposta geral.

No que respeita à aplicação de pedra mármore nos espaços interiores dos novos edifícios, optou-se pela sua colocação em zonas mais delicadas, tanto pela distinção de funções como pelas suas características enquanto material. No espaço da escola este é utilizado nas bancadas da cozinha de pasteleria/padaria, assim como no pavimento do piso da recepção e, no espaço do hotel, este surge no revestimento das paredes do duche e no pavimento dos corredores, balneários e piscina do spa. De uma forma comum aparece tanto no espaço da escola como no espaço do hotel, aplicado nas bancadas dos lavatórios nas casas de banho.

7

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerações Finais

Face às condições actuais da Casa Senhorial da Quinta das Glicínias, inadequadas para o modo contemporâneo de habitar uma casa foi feita uma abordagem arquitectónica em que se propôs a adição de novos volumes, adequando o conjunto às novas funções programáticas.

A nova função que se pretende dar ao espaço da quinta responde à análise apresentada no início desta investigação, que se reflecte no crescimento do turismo na região de Évora e na necessidade de criar espaços de formação para esta área de actividade económica. Deste modo o programa da Escola de Hotelaria e Turismo surge como resposta a estes problemas.

A Quinta de Recreio na sua génese é um espaço que conjuga a habitação com a produção e o lazer. Esta proposta pretende expor as noções de produção e de recreio inerentes a este espaço desde uma perspectiva contemporânea. Deste modo a instituição de ensino recupera a noção de produção através da transmissão de conhecimento e o hotel de aplicação surge como o espaço que acolhe funções de recreio e lazer que haviam pertencido aos espaços da Casa Senhorial, onde os visitantes têm possibilidade de usufruir dos espaços da quinta.

O local, tal como actualmente se encontra pertence ao IEFP, sendo aqui que esta instituição realiza as formações do sector primário, uma vez que a extensão de terreno agrícola da quinta permi-

te uma maior proximidade com a realidade em estudo e possibilita a realização de aulas práticas.

Assim, a intenção do projecto passa por manter esta instituição, sendo esta complementada por um novo programa, também este ligado à área de ensino. Uma vez relacionados os programas funcionais existente e proposto, propõe-se a utilização do espaço por ambas as instituições.

A proposta tem como objectivo manter o carácter de destaque da Casa Senhorial, que podemos reconhecer ao longo desta investigação, ao manter a sua posição central. Deste modo os novos edifícios são implantados a uma cota inferior à da casa de modo a manter a sua imponência perante a envolvente. Este gesto resulta na fusão dos edifícios da escola de hotelaria e turismo e do hotel de aplicação com o terreno, fazendo uma reprodução dos taludes e muros que já aqui se encontravam e cuja orientação define os novos volumes, aproximando-os dos espaços agrícolas envolventes. Esta solução resulta num conjunto de edifícios que se relacionam com os elementos arquitectónicos existentes, sem que se sobreponham a estes.

A proposta mantém as características tipológicas do edificado existente, mantendo o carácter tanto da Casa Senhorial como da sua envolvente. A aplicação de materiais presentes no conjunto da quinta, na construção dos novos edifícios, permite o diálogo entre dois tempos distintos e reflecte o cuidado em adaptar o novo edificado à pré-existência. Apesar da leitura de conjunto devido à escolha dos materiais, a recuperação da entrada antiga permite que os utilizadores do hotel experienciem o acto de chegada à quinta na sua origem, valorizando a centralidade do elemento de destaque - a Casa Senhorial.

De um modo geral esta intervenção valoriza o património existente e reflecte a importância de analisar o lugar antes de qualquer intervenção. A análise permite o reconhecimento do local, identificando assim os valores culturais, económicos e sociais e métodos construtivos inerentes ao espaço.

8

FONTES E BIBLIOGRAFIA

A Quinta de Recreio como Expressão Arquitectónica Portuguesa

ABREU, Alexandre Cancela, PINTO-CORREIA, Teresa e OLIVEIRA, R. - *Contributos para a Identificação e Caracterização das Unidades de Paisagem em Portugal Continental*. Évora: DGOTDU, 2004. Vol. V.

AZEVEDO, Carlos de - *Solares Portugueses, Introdução ao Estudo da Casa Nobre*. [s.l.]: Livros Horizonte, 1988. ISBN 9789722401661.

BINNEY, Marcus e SAPIEHA, Nicolas - *Casas Nobres de Portugal*. Lisboa: DIFEL, 1991. ISBN 9789722901604.

CARAPINHA, Aurora - *Da Essência do Jardim Português*. Évora: Universidade de Évora, 1995. Vol. I, Tese de Doutoramento no Ramo de Artes e Técnicas da Paisagem.

CARDOSO CABRAL, Maria João - *Projecto de uma Quinta de Recreio*. Évora: Universidade de Évora, 1997. Tese de Licenciatura em Arquitectura Paisagista não publicada.

CARITA, Hélder - *A Casa Senhorial em Portugal - modelos, tipologias, programas interiores e equipamento*. 1ª Edição. [s.l.]: Leya, 2015. ISBN 9789896603939.

CARDOSO, António Homem, CARITA, Helder e ESTEVES CARDOSO, Miguel - *Tratado de Grandeza dos Jardins em Portugal ou de originalidade e desaires desta arte*. [s.l.]: Circulo de Leitores, 1990. ISBN 9789725643426.

LEITE, António e FELICIANO, Ana Marta - *A Casa Senhorial como Matriz da Territorialidade*. s.l.: Caleidoscópio, 2015. ISBN 9789896583354.

PIRES, Amílcar Gil - *A Quinta de Recreio em Portugal: Villegiatura, Lugar e Arquitectura*. Lisboa: Caleidoscópio, 2014. ISBN 9789896582456.

PIRES, Amílcar Gil - *A Villa Renascentista: Arquitectura, Jardins e Paisagem*. Lisboa: Caleidoscópio, 2016. ISBN 9789896583774.

TAVARES, Domingos - *Andrea Palladio, A Grande Roma*. [s.l.]: Dafne, 2008. ISBN 978-989-8217-01-1.

O Caso da Reabilitação em Património Arquitectónico

BARRANHA, Helena - *Património Cultural: conceitos e critérios fundamentais*. 1ª Edição. Lisboa: IST Press e ICOMOS-Portugal, 2016. ISBN 9789898481511.

CHOAY, Françoise - *A Alegoria do Património*. [trad.] Teresa Castro. Lisboa: Edições 70, 2000. ISBN 9724410374.

COELHO, Paulo - *Fernando Távora*. Vila do Conde: Quidnovi Edição e Conteúdos, S.A., 2011. Vol. 6. ISBN 9789895549009

CONSELHO DA EUROPA- Carta Europeia Do Património Arquitectónico Holanda: 1975. Consultado a 13 de Novembro de 2015 <http://www.patrimoniocultural.pt/media/uploads/cc/CARTAEURO->

PEIADOPATRIMONIOARQUITECTONICO.pdf

DUCCIO MALAGAMBA - Pousada Palace of Estoi [Citação: 14 de Abril de 2019.] <https://duccio-malagamba.com/en/architects/goncalo-byrne/473-hotel-pousada-palace-estoi/>

GRACIA, Francisco - *Construir en lo Construído: Arquitectura como Modificación*. Madrid: Editorial Nerea, S.A., 1992. ISBN 8486763657.

GONÇALO BYRNE ARQUITECTOS - Conversion of the Estoi Palace into a Charm Hotel [Citação: 14 de Abril de 2019.] https://static1.squarespace.com/static/5b4756d84eddec2dcb823f38/1/5cf6549e97a71f00013d59e0/1559647394308/Estoi_Site.pdf

LOPES, Flávio - *Património Arquitectónico e Arqueológico - Informar para Proteger - Cartas e Convenções Internacionais*. Lisboa: IPPAR, 1994. ISBN 9728087136.

TRIGUEIROS, Luiz - *Fernando Távora*. Lisboa: Editorial Blau, 1993.

A Quinta das Glicínias em Évora

ABEL, António Borges - *Os limites da Cidade*. Évora: Universidade de Évora, 2008. Tese de Doutoramento em Arquitectura.

BELO, Duarte e ALMEIDA, Álvaro Duarte de - *Portugal Património: guia inventário, Portalegre e Évora*. Rio de Mouro: Circulo de Leitores, 2008. Vol. VIII. ISBN (coleção) 9789724239170.

CARAPINHA, Aurora - *Da Essência do Jardim Português*. Évora: Universidade de Évora, 1995. Vol. I, Tese de Doutoramento no Ramo de Artes e Técnicas da Paisagem.

ESPANCA, Túlio - *Património Artístico do Concelho Évora: arrolamento das freguesias rurais*. Évora: Câmara Municipal Évora, 1957. p. 188.

ICOMOS - International Council of Monuments and Sites - *World Heritage List n° 361, Advisory Body Evaluation*. 1986

SIMPLÍCIO, Maria Domingas - *Évora: Origem e Evolução de uma Cidade Medieval*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2003, Revista da Faculdade de Letras - Geografia, Vol. XIX. ISSN 08711666.

MONIZ, Manuel Carvalho - *Os Subúrbios de Évora nos princípios do século XIX*. Casa de Sarmiento, Centro de Estudos do Património. [em linha] 1999. [Citação: 26 de Abril de 2019.] http://www.csarmiento.uminho.pt/docs/ndat/rg/RG105_12.pdf.

RIBEIRO, Orlando - *Évora. Sítio, Origem, Evolução e Funções de uma Cidade*. [autor do livro] Raquel Soeiro de Brito. *Estudos em Homenagem a Mariana Feio*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1986.

CÂMARA MUNICIPAL DE ÉVORA - *Plano Director Municipal, Estudos de Caracterização do Território, Anexo IV - Inventário do Património Arquitectónico e Arqueológico Concelho*. [em linha] 2007 [Citação: 29 de Abril de 2019.] <https://www.cm-evora.pt/pt/site-viver/Habitar/ordenamento-do->

-territorio/Planos%20Municipais/Documents/Anexo_IV_Patrimonio.pdf

CÂMARA MUNICIPAL DE ÉVORA - *Plano Director Municipal, Relatório de Ponderação da discussão pública do plano, Anexo C1 - Proposta de Alterações ao Regulamento*. [em linha] 2007 [Citação: 29 de Abril de 2019.] http://www2.cm-evora.pt/PDME/RPDPDME/documentos/Anexo_C1.pdf

CÂMARA MUNICIPAL DE ÉVORA - *Riscos de Um Século, Memórias da Evolução Urbana de Évora*. Évora: Câmara Municipal de Évora. ISBN 9728509170.

DGPC – Direção-Geral do Património Cultural - Quinta das Glicínias. Património Cultural, Direcção Geral do Património Cultural. [em linha] [Citação: 5 de Novembro de 2018] http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=10700

DGPC - Direção-Geral do Património Cultural - *Torre de Malheiros*. Património Cultural, Direcção Geral do Património Cultural. [em linha] [Citação: 11 de Março de 2019.] <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/72334>.

A Hotelaria e o Turismo como Programa da Intervenção

ARCHDAILY EDITORIAL TEAM - Hotel & Catering School / Eduardo Souto de Moura + Graça Correia. Archdaily, 2012. Acedido a 26 de Janeiro de 2017 <http://www.archdaily.com/297474/hotel-catering-school-eduardosouto-de-moura-graca-correia>

ESCOLAS DE TURISMO DE PORTUGAL - Escola de hotelaria e turismo de Faro. [Citação: 26 de Março de 2019.] <https://escolas.turismodeportugal.pt/escola/algarve/>

ESCOLAS DE TURISMO DE PORTUGAL - Escola de hotelaria e turismo de Lisboa. [Citação: 26 de Março de 2019.] <https://escolas.turismodeportugal.pt/escola/lisboa/>

ESCOLAS DE TURISMO DE PORTUGAL - Escola de hotelaria e turismo de Portalegre. [Citação: 26 de Março de 2019.] <https://escolas.turismodeportugal.pt/escola/portalegre/>

GRAÇA, João Luís Carrilho da Graça - *Carrilho da Graça*. Lisboa: Editorial Blau Ida. ISBN 9728311028.

ALBIERO, Roberta e SIMONE, Rita - *opere e progetti João Luís Carrilho da Graça*. Milano: Mondori Electa spa, 2003

PORDATA, Base de Dados Portugal Contemporâneo - Ocupação de Alojamentos Turísticos [Citação: 10 de Novembro de 2018] <https://www.pordata.pt/DB/Municipios/Ambiente+de+Consulta/Tabela>

PORDATA, Base de Dados Portugal Contemporâneo - Capacidade de Alojamentos Turísticos [Citação: 10 de Novembro de 2018] <https://www.pordata.pt/DB/Municipios/Ambiente+de+Consulta/Tabela>

SIMPLÍCIO, Maria Domingas e CAMELO, Nuno - *A importância do turismo na estrutura funcional de Évora*. Minho: Dep. Geografia Universidade do Minho, 2014. ISBN 978-989-97394-6-8.

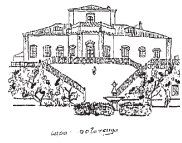
SIMPLÍCIO, Maria Domingas e CAMELO, Nuno Sobral - *O reforço do turismo como setor estruturante em Évora*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2015. ISSN 2183-4016 (digital).

TURISMO DE PORTUGAL I.P - Turismo 2020, Plano de Ação para o Desenvolvimento do Turismo em Portugal 2014-2020. 2014. [Citação: 10 de Novembro de 2018.] http://estrategia.turismodeportugal.pt/sites/default/files/Turismo2020_Parte%20I_mercados%20-%20SWOT.pdf

9

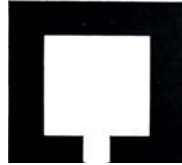
ÍNDICE DE IMAGENS

Capa

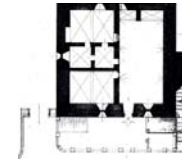


Desenho da Casa Senhorial da Quinta das Glicínias
Fonte: "História da Arte dos Jardins" in. SIPA

Génese da Quinta de Recreio no Âmbito da Evolução da Casa Senhorial



1 | Torre de Refóios - Refóios do Lima, Ponte de Lima, Viana do Castelo
Desenho de Salgado Dias
Fonte: Carlos de Azevedo (1988), "Solares Portugueses", p.23



2 | Torre das Águias - Brotas, Mora, Évora
Fonte: SIPA - Sistema de Informação para o Património Arquitectónico
disponível em: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2763



3 | Fotografia da Torre de Refóios, Ponte de Lima
Fotografia de Carlos de Azevedo
Fonte: Carlos de Azevedo (1988), "Solares Portugueses", p.1



4 | Fotografia da Torre das Águias, Brotas, Mora
Fotografia da autora



5 | Torre de Gomariz - Cervães, Guarda
Desenho de Salgado Dias
Fonte: Carlos de Azevedo (1988), "Solares Portugueses", p.25



6 | Casa Solarenga da Quinta do Requeijo - Arcos de Valdevez, Viana do Castelo
Fonte: SIPA - Sistema de Informação para o Património Arquitectónico
disponível em: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3614



7 | Torre de Aguiã - Aguiã, Arcos de Valdevez, Viana do Castelo
Fonte: SIPA
disponível em: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3613



8 | Fotografia da Torre de Gomariz, Vila Verde, Cervães (1969)
Fotografia de Carlos de Azevedo
Fonte: Carlos de Azevedo (1988), "Solares Portugueses" p.6



9 | Fotografia da Casa Solarenga da Quinta do Requeijo, Arcos de Valdevez (1969)
Fotografia de Carlos de Azevedo
Fonte: Carlos de Azevedo (1988), "Solares Portugueses" p.73



10 | Fotografia da Torre de Aguiã, Arcos de Valdevez (1969)
Fotografia de Carlos de Azevedo
Fonte: Carlos de Azevedo (1988), "Solares Portugueses" p.15



11 | "Horta da Quinta da Ilh. Sr.ª D. Lázaro" - A pérgola que delimita os dois lados da horta evidencia o agradável percurso em seu redor
Fonte: Giuseppe Gorani, Portugal. "A corte e o país nos anos de 1765 a 1767". in Carapinha, Aurora (1995) "Da Essência do Jardim Português", p.77



12 | Casa da Fidalga - Alvarelhos, Porto
Desenho de Salgado Dias
Fonte: Carlos de Azevedo (1988) "Solares Portugueses", p.84



13 | Solar da Rede - Mesão Frio, Vila-Real
Desenho de Salgado Dias
Fonte: Carlos de Azevedo (1988) "Solares Portugueses", p.84



14 | Casa do Benfeito - Barcelos, Braga
Desenho de Salgado Dias
Fonte: Carlos de Azevedo (1988) "Solares Portugueses", p.84



15 | Fotografia da Casa da Fidalga, Alvarelha, Porto (1969)
Fotografia de Carlos de Azevedo
Fonte: "Solares Portugueses", p.84



16 | Fotografia do Solar da Rede, Mesão Frio, Vila-Real (1969)
Fotografia de Carlos de Azevedo
Fonte: "Solares Portugueses", p.84



17 | Fotografia da Casa do Benfeito, Barcelos, Braga (1969)
Fotografia de Carlos de Azevedo
Fonte: "Solares Portugueses", p.84

Evolução da Quinta de Recreio como Espaço de Lazer e Produção



18 | Fachada da Villa Trissino em Cricoli, Veneza
Fonte: Tavares, Domingos (2008) - Andrea Palladio, A Grande Roma, p.26



19 | Fachada do Palácio dos Marqueses de Fronteira em Benfca, Lisboa
Fotografia de Nicolas Sapieha
Fonte: Binney, Marcus (1987) - "Casas Nobres de Portugal", p.17



20 | Fachada da Casa Anadia em Mangualde com Pormenor da Escadaria de Acesso ao Piso Nobre
Fotografia de Nicolas Sapieha
Fonte: Binney, Marcus (1987) - "Casas Nobres de Portugal", p.105



21 | "Jardim de Neptuno e de Malta da Quinta Real de Queluz". Jardim de estrutura biaxial e ortogonal com estrutura secundária oblíqua (século XVIII)
Fonte: Carapinha, Aurora (1995) - Da Essência do Jardim Português, Volume II, p. 67

Estrutura Espacial e Programática da Quinta de Recreio



22 | Sucessão das Salas no Paço dos Duques de Bragança, em Vila Viçosa
Fotografia de Nicolas Sapieha
Fonte: Binney, Marcus (1987) - "Casas Nobres de Portugal", p.103



23 | Pátio de Entrada da Quinta das Torres
Fonte: Pires, Amílcar - "A Villa Renascentista"



24 | Perspectiva de Jardim segundo a obra Hortorum Viridario inque Elegantes et Multi Plicis Formae de Hans Vredeman de Vries Antuérpia (1585)
Fonte: Joaquim Fernandez Perez, Ignazio Tascón - "A Propósito de la Agricultura de Jardines de Gregorio de los Rios", Tabapress, Madrid, 1991, p.94 in Carapinha, Aurora (1995) - "Da Essência do Jardim Português", p. 11



25 | "Gravura do século XV representando um pomar"
Fonte: Biblioteca Nacional, reservado cota 456. V in. Carapinha, Aurora (1995) - Da Essência do Jardim Português



26 | Quinta do General Borba, século XVII
Fonte: Carapinha, Aurora (1995) - Da Essência do Jardim Português, p.47



27 | Capela da Nossa Senhora das Neves na Quinta de Atães, em Gondomar - 2012
Fonte: Pires, Amílcar Gil (2016) - "A Villa Renascentista", p. 303



28 | Sala de Entrada da Casa de Quintã, em Vila-Real
Fotografia de Nicolas Sapieha
Fonte: Binney, Marcus (1987) - "Casas Nobres de Portugal", p.151



29 | Cozinha do Paço dos Duques de Bragança em Vila Viçosa
Fotografia de Nicolas Sapieha
Fonte: Binney, Marcus (1987) - "Casas Nobres de Portugal", p.103

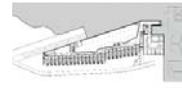
Casos de Referência



30 | Fachada principal do palácio
Fotografia de Duccio Malagamba
disponível em: <https://ducciomalagamba.com/arquitectos/goncalo-byrne/473-hotel-pousada-palacio-estoi/>



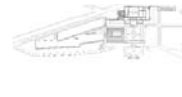
31 | Planta do piso 0
Desenho de Gonçalo Byrne Arquitectos
disponível em: <http://0911.habitarpotugal.org/ficha.htm?id=438>



32 | Planta do Piso 1
Desenho de Gonçalo Byrne Arquitectos
disponível em: <http://0911.habitarpotugal.org/ficha.htm?id=438>



33 | Planta do Piso 2
Desenho de Gonçalo Byrne Arquitectos
disponível em: <http://0911.habitarpotugal.org/ficha.htm?id=438>



34 | Planta do Piso 3
Desenho de Gonçalo Byrne Arquitectos
disponível em: <http://0911.habitarpotugal.org/ficha.htm?id=438>



35 | Planta Geral de Implantação
Desenho de Gonçalo Byrne Arquitectos
disponível em: <http://0911.habitarpotugal.org/ficha.htm?id=438>



36 | Alçado principal da pousada
Desenho de Gonçalo Byrne Arquitectos



37 | Corte transversal pela escadaria principal
Desenho de Gonçalo Byrne Arquitectos



38 | Corte transversal pelo edifício da pousada
Desenho de Gonçalo Byrne Arquitectos



39 | Cobertura da zona dos quartos com espaço ajardinado
Fotografia de Duccio Malagamba
disponível em: <https://ducciomalagamba.com/arquitectos/goncalo-byrne/473-hotel-pousada-palacio-estoi/>



40 | Vista da cobertura para o palácio
Fotografia de Duccio Malagamba
disponível em: <https://ducciomalagamba.com/arquitectos/goncalo-byrne/473-hotel-pousada-palacio-estoi/>



41 | Vista do topo da escadaria
Fotografia de Duccio Malagamba
disponível em: <https://ducciomalagamba.com/arquitectos/goncalo-byrne/473-hotel-pousada-palacio-estoi/>



42 | Recepção da pousada, junto à torre sineira
Fotografia da autora



43 | Coberturas ajardinadas do edifício dos quartos
Fotografia de Duccio Malagamba
disponível em: <https://ducciomalagamba.com/arquitectos/goncalo-byrne/473-hotel-pousada-palacio-estoi/>



44 | Vista inferior da escada
Fotografia de Duccio Malagamba
disponível em: <https://ducciomalagamba.com/arquitectos/goncalo-byrne/473-hotel-pousada-palacio-estol/>



45 | Pátio Interior visto do corredor
Fotografia de Duccio Malagamba
disponível em: <https://ducciomalagamba.com/arquitectos/goncalo-byrne/473-hotel-pousada-palacio-estol/>



46 | Relação entre a piscina e o palácio
Fotografia de Duccio Malagamba
disponível em: <https://ducciomalagamba.com/arquitectos/goncalo-byrne/473-hotel-pousada-palacio-estol/>



47 | Volume dos quartos distribuído em socalcos
Fotografia de Duccio Malagamba
disponível em: <https://ducciomalagamba.com/arquitectos/goncalo-byrne/473-hotel-pousada-palacio-estol/>



48 | Acesso aos quartos a partir da recepção
Fotografia da autora



49 | Pormenor de elemento reabilitado
Fotografia da autora



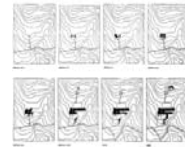
50 | Junção entre o existente e o novo
Fotografia da autora



51 | Relação entre a platibanda e o pórtico existente
Fotografia da autora



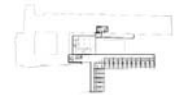
52 | Vista da Fachada Principal da Pousada de Santa Marinha da Costa, Penha, Guimarães
Fonte: Luiz Trigueiros (1993), "Fernando Távora", p.113



53 | Plantas da Evolução do Convento de Santa Marinha
Fonte: Luiz Trigueiros (1993), "Fernando Távora"



54 | Planta do Piso 1
Fonte: Luiz Trigueiros (1993), "Fernando Távora", p.114



55 | Planta do Piso 2
Fonte: Luiz Trigueiros (1993), "Fernando Távora", p.114



56 | Planta do Piso 3
Fonte: Luiz Trigueiros (1993), "Fernando Távora", p.115



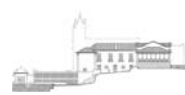
57 | Planta do Piso 4
Fonte: Luiz Trigueiros (1993), "Fernando Távora", p.115



58 | Planta de coberturas da Pousada
Fonte: SIPA - Sistema de informação para o Património Arquitectónico
disponível em: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=5679



59 | Planta de Implantação da Pousada de Santa Marinha
Fonte: Luiz Trigueiros (1993), "Fernando Távora", p.112



60 | Corte Transversal da Pousada
Fonte: SIPA - Sistema de informação para o Património Arquitectónico
disponível em: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=5679



61 | Alçado Frontal da Pousada
Fonte: Luiz Trigueiros "Fernando Távora", p.114



62 | Corte Longitudinal pelo Edifício da Pousada
Fonte: Luiz Trigueiros (1993), "Fernando Távora", p.115



63 | Escadaria de acesso ao Mosteiro
Fotografia da autora



64 | Pormenor da junção entre o edifício novo e o existente
Fonte: SIPA - Sistema de informação para o Património Arquitectónico
disponível em: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=5679



65 | Acesso à pousada
Fonte: Luiz Trigueiros (1993), "Fernando Távora", p.117



66 | Relação entre a cobertura do edifício novo e o existente
Fotografia da autora



67 | Jardim junto à fachada dos quartos
Fotografia da autora



68 | Pormenor da fachada do edifício novo
Fotografia da autora



69 | Fachada posterior do mosteiro
Fotografia da autora



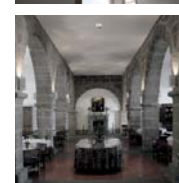
70 | Recepção da Pousada
Fotografia da autora



71 | Vista geral do conjunto da Pousada de Santa Marinha
Fonte: SIPA - Sistema de informação para o Património Arquitectónico
disponível em: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=5679



72 | Escadas de acesso ao piso dos quartos
Fotografia da autora

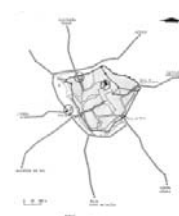


73 | Sala de Refeições
Fotografia da autora



74 | Corredor de acesso aos quartos no edifício existente
Fotografia da autora

4. A Quinta das Glicínias em Évora



75 | A cidade romana
Fonte: Símplicio, Maria Domingas (1997) - "Evolução e Morfologia do Espaço Urbano de Évora", p.90



76 | A cidade no século XIV
Fonte: Símplicio, Maria Domingas (1997) - "Evolução e Morfologia do Espaço Urbano de Évora", p.95



77 | A cidade no século XVI
Fonte: Símplicio, Maria Domingas (1997) - "Evolução e Morfologia do Espaço Urbano de Évora", p.104



78 | A cidade no século XVIII
Fonte: Símplicio, Maria Domingas (1997) - "Evolução e Morfologia do Espaço Urbano de Évora", p.107



79 | Distribuição Geográfica das Quintas de Recreio segundo Inventário de 1986
Fonte: Carapinha, Aurora (1986) - *Inventário da Arte Paisagista, Évora*. in Carapinha, Aurora (1995) - *Da Essência do Jardim Português*, p.73



80 | "Ataque das forças de D. Maria II à cidade de Évora. Vista de Évora de noroeste, sendo clara a separação do tecido urbano do território exterior, no qual é perceptível um "monte" em primeiro plano e o aqueduto da água de prata à esquerda"
Fonte: Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Évora



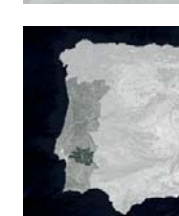
81 | "Quinta das Glicínias" - Casa Senhorial vista do jardim (1920)
Fotografia de Inácio Caldeira
Fonte: Arquivo Fotográfico CME Cota CME0373



82 | Fachada principal da Casa Senhorial da Quinta das Glicínias
Fonte: *Inventário Artístico de Portugal*



83 | Fonte no Pátio de Entrada da Quinta das Glicínias (1950/1960)
Fotografia de David Freitas
Fonte: Arquivo Fotográfico CME Cota DFT 3058



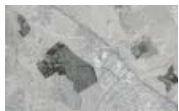
84 | Fotografia aérea com localização do distrito de Évora no território de Portugal
Imagem editada pela autora
Fonte: Googleearth (2015)



85 | Fotografia aérea com limite do distrito de Évora - localização da cidade de Évora
Imagem editada pela autora
Fonte: Googleearth (2015)



86 | Fotografia aérea da cidade de Évora - Localização da Quinta das Glicínias
Imagem editada pela autora
Fonte: Googleearth (2015)



87 | Fotografia aérea da Quinta das Glicínias e envolvente
Imagem editada pela autora
Fonte: Googlearth (2015)



88 | Acessos e caminhos da Quinta das Glicínias
Imagem editada pela autora
Fonte: Googlearth (2015)



89 | Nora junto à antiga entrada principal da quinta, com o aqueduto atrás
Fotografia da autora



90 | Tanque rectangular junto ao muro de contenção dos socalcos
Fotografia da autora



91 | Aqueduto junto ao muro que delimita a quinta
Fotografia da autora



92 | Fachada principal da casa e fonte do pátio de entrada
Fotografia da autora



93 | Muro que delimita o embasamento da casa, composto por bancos e alegretes.
Fotografia da autora



94 | Nora junto ao muro de contenção
Fotografia da autora



95 | Actual entrada principal da quinta
Fotografia da autora



96 | Antiga entrada principal, vista do pátio
Fotografia da autora



97 | Caminho secundário de acesso, visto do pátio
Fotografia da autora



98 | Planta da Casa Senhorial com intervenções feitas pelo Ministério do Trabalho
documento cedido pela Delegação do Alentejo do IEFP



99 | Levantamento de elementos construídos, circulação de água e caminhos
Fonte: desenho cedido pelo SIPA Cota: DES. 00127679



100 | Caracterização geral da quinta, com localização e descrição das zonas de recreio, produção e habitação
Fonte: desenho cedido pelo SIPA Cota: DES. 00127681

A Hotelaria e o Turismo como Programa da Intervenção

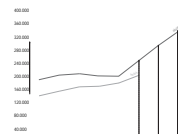


101 | Fotografia aérea com localização das Escolas de Hotelaria e Turismo em Portugal
Imagem editada pela autora
Fonte: Googlearth (2015)

Número de hóspedes		
Ano	Hóspedes Turísticos	Hóspedes
2009	106.722	102.623
2010	106.072	102.576
2011	106.116	102.640
2012	106.029	102.568
2013	106.041	102.577
2014	106.066	102.602
2015	106.072	102.608
2016	106.072	102.608
2017	106.072	102.608

102 | Tabela com número de hóspedes por hotel e outros alojamentos turísticos entre 2009 e 2017
Fontes de dados: INE - Inquérito à Capacidade de Alojamento e Pessoal ao Serviço (até 2014) | Inquérito à Permanência de Hóspedes na Hotelaria e outros Alojamentos (a partir de 2005) disponível em: <https://www.pordata.pt/DB/Municipios/Ambiente+de+Consulta/Tabela>

Fonte: adaptado pelo autor de tabela da PORDATA



103 | Tabela com número de hóspedes por hotel e outros alojamentos turísticos entre 2009 e 2017
Fontes de dados: INE - Inquérito à Capacidade de Alojamento e Pessoal ao Serviço (até 2014) | Inquérito à Permanência de Hóspedes na Hotelaria e outros Alojamentos (a partir de 2005) disponível em: <https://www.pordata.pt/DB/Municipios/Ambiente+de+Consulta/Gr%C3%A1fico>

Fonte: adaptado pelo autor de gráfico da PORDATA

Número de Estabelecimentos Turísticos		
Ano	Hóspedes Turísticos	Hóspedes
2009	16	1
2010	16	1
2011	16	1
2012	16	1
2013	16	1
2014	16	1
2015	16	1
2016	16	1
2017	16	1

104 | Tabela com número de hotéis e outros alojamentos turísticos entre 2009 e 2017
Fontes de dados: INE - Inquérito à Capacidade de Alojamento e Pessoal ao Serviço (até 2014) | Inquérito à Permanência de Hóspedes na Hotelaria e outros Alojamentos (a partir de 2005) disponível em: <https://www.pordata.pt/DB/Municipios/Ambiente+de+Consulta/Tabela>

Fonte: adaptado pelo autor de tabela da PORDATA



105 | Gráfico representativo da evolução do número de hotéis e outros alojamentos turísticos entre 2009 e 2017
Fontes de dados: INE - Inquérito à Capacidade de Alojamento e Pessoal ao Serviço (até 2014) | Inquérito à Permanência de Hóspedes na Hotelaria e outros Alojamentos (a partir de 2005) disponível em: <https://www.pordata.pt/DB/Municipios/Ambiente+de+Consulta/Gr%C3%A1fico>

Fonte: adaptado pelo autor de gráfico da PORDATA



106 | Escadaria em anfiteatro do claustro da Escola de Hotelaria e Turismo do Algarve
Fotografia da autora



107 | Planta do piso térreo
Fonte: Byrne, Gonçalo - "Carrilho da Graça", p.90



108 | Planta do primeiro piso
Fonte: Byrne, Gonçalo - "Carrilho da Graça", p.90



109 | Corte pelo claustro com vista para o anfiteatro
Byrne, Gonçalo - "Carrilho da Graça", p.91



110 | Corte longitudinal pelo espaço intermédio entre o existente e o novo edifício, paralelo a este
Byrne, Gonçalo - "Carrilho da Graça", p.91



111 | Corte longitudinal pelo edifício novo
Byrne, Gonçalo - "Carrilho da Graça", p.91



112 | Alçado Posterior
Byrne, Gonçalo - "Carrilho da Graça", p.91



113 | Corte Transversal
Byrne, Gonçalo - "Carrilho da Graça", p.91



114 | Corte transversal pelo edifício
Byrne, Gonçalo - "Carrilho da Graça", p.91



115 | Vista para fonte do claustro
Byrne, Gonçalo - "Carrilho da Graça", p.92



116 | Corredor que dá acesso à zona das salas de aula no edifício existente
Fotografia da autora



117 | Acesso ao restaurante aplicação
Fotografia da autora



118 | Vista da fachada do edifício novo, das salas de aula da escola
fonte: guias de arquitectura
disponível em: https://guiasdearquitectura.com/pt/producao/packs-faro-district_339



119 | Átrio entre edifício novo e existente
Fonte: Byrne, Gonçalo - "Carrilho da Graça", p.92



120 | Bar de aplicação, por onde se faz a entrada para o restaurante de aplicação
Fotografia da autora



121 | Zona de salas de aula
Fotografia da autora



122 | Zona de salas de aula no edifício novo
Fotografia da autora



123 | Cozinha de produção
Fotografia da autora



124 | Átrio de entrada da escola
Fotografia da autora



125 | Quarto do hotel de aplicação
Fotografia da autora



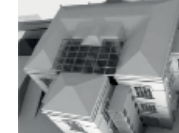
126 | Cozinha fria
Fotografia da autora



127 | Fachada do edifício da Escola de Hotelaria e Turismo de Lisboa
fotografia de Fernando Guerra
disponível em: <http://ultimasreportagens.com/464.php>



128 | Planta de Coberturas
fonte: Parque Escolar
disponível em: <https://www.parque-escolar.pt/pt/escola/031>



129 | Maquete do projecto vista de cima, com pormenor da cobertura em vidro
fonte: Parque Escolar
disponível em: <https://www.parque-escolar.pt/pt/escola/031>



130 | Escada exterior - pormenor da maquete
fonte: Parque Escolar
disponível em: <https://www.parque-escolar.pt/pt/escola/031>



131 | imagem 3D da vista do alçado posterior
fonte: Parque Escolar
disponível em: <https://www.parque-escolar.pt/pt/escola/031>



132 | Imagem 3D da vista do alçado principal
fonte: Parque Escolar
disponível em: <https://www.parque-escolar.pt/pt/escola/031>



133 | Ponte de acesso à recepção da escola
fotografia de Fernando Guerra
disponível em: <http://ultimasreportagens.com/464.php>



134 | Edifício entre a escola e o hotel
fotografia de Fernando Guerra
disponível em: <http://ultimasreportagens.com/464.php>



135 Sala de aula com mezanino
fotografia de Fernando Guerra
disponível em: <http://ultimasreportagens.com/464.php>



136 | Anfiteatro de cozinha e bar
fotografia de Fernando Guerra
disponível em: <http://ultimasreportagens.com/464.php>



137 | Sala de enologia
fotografia da autora



138 | Restaurante de aplicação
fotografia da autora



139 | Auditório comum à escola e ao hotel
fotografia da autora



140 | Cozinha de produção
fotografia da autora



141 | Bar de aplicação
fotografia da autora



142 | Biblioteca com mezanino
fotografia da autora



143 | Cantina da escola
fotografia da autora



144 | Fachada Principal do Edifício da Escola de Hotelaria e Turismo
fotografia de Luis Ferreira Alves
disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/01-82659/hotel-and-catering-school-slash-eduardo-souto-de-moura-plus-graca-correia>



145 | Planta de coberturas
desenho de Eduardo Souto Moura
disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/01-82659/hotel-and-catering-school-slash-eduardo-souto-de-moura-plus-graca-correia>



146 | Planta piso térreo
desenho de Eduardo Souto Moura
disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/01-82659/hotel-and-catering-school-slash-eduardo-souto-de-moura-plus-graca-correia>



147 | Planta piso -1
desenho de Eduardo Souto Moura
disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/01-82659/hotel-and-catering-school-slash-eduardo-souto-de-moura-plus-graca-correia>



148 | Corte longitudinal pelas salas de aula
desenho de Eduardo Souto Moura
disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/01-82659/hotel-and-catering-school-slash-eduardo-souto-de-moura-plus-graca-correia>



149 | Corte longitudinal pelo corredor de acesso às salas de aula
desenho de Eduardo Souto Moura
disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/01-82659/hotel-and-catering-school-slash-eduardo-souto-de-moura-plus-graca-correia>



150 | Corte transversal pelo átrio de entrada
desenho de Eduardo Souto Moura
disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/01-82659/hotel-and-catering-school-slash-eduardo-souto-de-moura-plus-graca-correia>



151 | Corte transversal pelo volume das salas de aula
desenho de Eduardo Souto Moura
disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/01-82659/hotel-and-catering-school-slash-eduardo-souto-de-moura-plus-graca-correia>



152 | Corte transversal pelo volume das cozinhas
desenho de Eduardo Souto Moura
disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/01-82659/hotel-and-catering-school-slash-eduardo-souto-de-moura-plus-graca-correia>



153 | Entrada da escola
fotografia de Luis Ferreira Alves
disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/01-82659/hotel-and-catering-school-slash-eduardo-souto-de-moura-plus-graca-correia>



154 | Corredor de acesso às salas de aula
fotografia de Luis Ferreira Alves
disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/01-82659/hotel-and-catering-school-slash-eduardo-souto-de-moura-plus-graca-correia>



155 | Pormenor do volume das salas de aula da entrada
fotografia de Luis Ferreira Alves
disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/01-82659/hotel-and-catering-school-slash-eduardo-souto-de-moura-plus-graca-correia>



156 | Recepção com pormenor da vista para o pátio privado
fotografia de Luis Ferreira Alves
disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/01-82659/hotel-and-catering-school-slash-eduardo-souto-de-moura-plus-graca-correia>



157 | Corredor das cozinhas
fotografia de Luis Ferreira Alves
disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/01-82659/hotel-and-catering-school-slash-eduardo-souto-de-moura-plus-graca-correia>



158 | Cozinha pedagógica
fotografia de Luis Ferreira Alves
disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/01-82659/hotel-and-catering-school-slash-eduardo-souto-de-moura-plus-graca-correia>



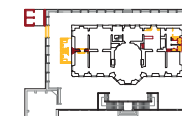
159 | Bar de aplicação
fotografia de Luis Ferreira Alves
disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/01-82659/hotel-and-catering-school-slash-eduardo-souto-de-moura-plus-graca-correia>



160 | Átrio de entrada com vista para a cidade
fotografia de Luis Ferreira Alves
disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/01-82659/hotel-and-catering-school-slash-eduardo-souto-de-moura-plus-graca-correia>



161 | Pátio privado da cantina
fotografia de Luis Ferreira Alves
disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/01-82659/hotel-and-catering-school-slash-eduardo-souto-de-moura-plus-graca-correia>



162 | Planta do piso térreo da Casa Senhorial - Planta de alterações | Proposta de Intervenção
Desenhos editados pela autora sobre desenhos disponibilizados pelo IEFP



163 | Planta geral de implantação
Desenho realizado pela autora



164 | Planta da Casa Senhorial - cota 105
Desenho realizado pela autora



165 | Corte longitudinal AA'
Desenho realizado pela autora



166 | Fotomontagem do espaço exterior da escola
Imagem realizada pela autora



167 | Axonometria representativa dos espaços da Escola de Hotelaria e Turismo
Imagem realizada pela autora



168 | Fotomontagem do espaço exterior do Hotel de Aplicação
Imagem realizada pela autora



169 | Axonometria representativa dos espaços do Hotel de Aplicação
Imagem realizada pela autora



170 | Planta do Piso 1 - cota 101
Desenho realizado pela autora



171 | Planta do Piso 10 - cota 97
Desenho realizado pela autora



172 | Corte Longitudinal BB'
Desenho realizado pela autora



173 | Corte Longitudinal CC'
Desenho realizado pela autora



174 | Corte Transversal DD'
Desenho realizado pela autora



175 | Corte Transversal EE'
Desenho realizado pela autora



176 | Corte Transversal FF'
Desenho realizado pela autora



177 | Corte Transversal GG'
Desenho realizado pela autora

10

ANEXOS

- 10.1. Transcrição de documentos
- 10.2. Recortes de Jornal
- 10.3. Plantas de análise da Quinta das Glicínias
- 10.4. Desenhos cedidos pela Delegação Regional do Alentejo do IEFP
- 10.5. Relatórios de visitas guiadas a escolas de hotelaria e turismo
- 10.6. Registo fotográfico das visitas à Quinta das Glicínias
- 10.7. Maquetes e esquiços realizados no desenvolvimento do projecto
- 10.8. Elementos finais de apresentação

L. Almeida
L. 2. 07/332
Miranda all

Auto de Noticia

Anno do Nascimento de Nosso Senhor
Jesus Christo de mil oito centos sessenta e
dois, aos vinte e oito de Fevereiro nesta Cidade
de Évora casas de residência do Doutor João
António Rodrigues de Miranda Juiz de
Direito desta Comarca aonde o mesmo se
achava comigo Escrivão ao seu cargo, e
ahi elle fez saber que chegando á noticia
do falecido António José de Santa
Margarida, morador na Quinta do Palha
Contos desta Cidade, deixando herdeiros men-
ores, e devendo procederse o inventario, o qual
me pertencia na distribuição, ordenava pas-
sare as ordens para a entrega da cabeça de
casal Antonia Maria, vir prestar juramen-
to, e para constar lavras este auto que as-
signa: eu José Mathias Monteiro Escrivão que
pelo companheiro Sebastião d'Almeida, o es-
crevi e assigno

Miranda all

José Mathias Monteiro

10.1. Transcrição de documentos do Inventário Orfanológico de António José de Santa
Margarida - 1862

Auto de Noticia

Anno de Nascimento de Nosso Senhor
Jesus Christo de mil oito centos sessenta e
dois, aos vinte e oito de Fevereiro nesta cidade
D'Évora (casas) de residência do Doutor João
António Rodrigues de Miranda Jesus de
Direito dessa comarca aonde o mesmo se
achava comigo Escrivão ao seu cargo, e
ahi elle (juiz doze) que chegando á ora no-
ticia, (do) falecido António José de Santa
Margarida, morador na Quinta do Palha
Contos desta Cidade, deixando herdeiros meno-
res, e devendo procederse a inventário, o qual
me pertencia na distribuição, ordenava pas-
sare as ordens para aceitação da cabeça de
casal Antonia Maria, vir prestar juramen-
to, e para constar lavrar este auto que as-
signa: eu José Mathias Monteiro Escrivão que
pelo companheiro Sebastião d'Almeida, o es-
creve e assigna.¹

(Assinaturas)

¹ transcrição feita pela autora, na qual as palavras entre parêntesis são objecto de dúvida

Edital

15

O Dr. João Antonio Rodrigues de Almeida
Juiz de Direito da Comarca d'Evora
por Sua Magestade Fidelissima que
Deus Guarde &c.

Faço saber que por este Juizo se procederá
a inventario entre menores, em que é in-
ventariado Antonio José de Santa Mar-
garida, morador que foi na Quinta do
Palha, freguesia da Sé, e inventariante
a Viuva cabeça de casal Antonia Ma-
ria, e por que se vai proceder á descri-
pção dos bens d'este casal, pelo presente
cito, chamo, e requeiro todos os Creditores, a
este para dentro do prazo d'oito dias, a
contar da data d'este venhão a Juizo de
duzir o seu direito sob pena de se proceder
a todos os termos d'inventario a the fi-
nal sentença. E para que conste man-
dei pagar o presente em triplicado
que será afficado no lugar competen-
te. O que cumprirá &c. Dado e pagado
em esta Cidade d'Evora aos 7 dias do
mez de Março de 1862. Eu José Ma-
thias Monteiro, Escrivão que pelo companhei-
ro o (subcrevo)

João Ant. Nam de Almeida

Edital

O Dr. João Antonio Rodrigues de Miranda
Juiz de Direito da Comarca D'Évo-
ra por Sua Magestade Fidelissima que
Deus Guarde (N^o)

Faço saber que por este juízo se proceda
a inventario entre menores, em que é in-
ventariado Antonio José de Santa Mar-
garida, morador que foi na Quinta do
Palha, freguesia da Sé, e inventariante
a Viuva cabeça de casal Antonia Ma-
ria; e por que se vai proceder á Desci-
pção dos bens d'este casal, pelo presente
cito, chamo, e requeiro todos os credores, a
este para dentro do prazo d'oito dias, a
contar da Data D'este venhão a Juizo de-
duzir o seu Direito sob pena de se proceder
a todos os termos D'inventario athe fi-
nal sentença. E para que conste man-
dei pagar o presente em triplicado
que será (afficado) no lugar competen-
te. O que cumprirá (N^o) Dado e pagado
em esta Cidade D'Evora aos 7 dias do
mez de Março de 1862. Eu José Ma-
thias Monteiro, Escrivão que pelo companhei-
ro o (subcrevo)
(Assinatura)

¹ transcrição feita pela autora, na qual as palavras entre parêntesis são objecto de dúvida

10.2. Recortes de Jornal de 1980 de artigos relacionados com a compra da Quinta das Glicínias

Câmara de Évora requer anulação da compra da Qt.ª das Glicínias pelo Ministério do Trabalho

Texto de João Paulo Velez
Fotos de Luis Manuel Vasconcelos

EVORA — O Ministério do Trabalho parece estar a querer continuar a sua política de «segredo» em relação à Quinta das Glicínias, em Évora. O departamento da Praça de Londres poderá querer criar uma situação de facto consumado antes de o Tribunal se pronunciar em definitivo sobre a acção judicial de anulação da compra feita pelo MT movida pela Câmara Municipal de Évora.

A pressa com que o MT está a procurar garantir, sem alardes, a instalação no local de um centro de reconversão profissional de trabalhadores atacados por doenças laborais — aumenta as interrogações, os diários visitou recentemente a Quinta das Glicínias onde apenas se encontra

um guarda desde que o Ministério fechou negócio (e que estranho negócio, diga-se em abono da verdade...) com a proprietária, D. Mariana de Soure. As obras de remodelação poderão não estar distantes, não detendo o seu início de criar mais dificuldades ainda. O caso foi já divulgado por «diários».

O município de Évora desenvolve negociações com a proprietária da quinta, de 20 hectares, para a sua aquisição, tendo sido acordada por escrito a verba de cinco mil contos a pagar no acto da escritura, marcada para 15 de Outubro. Entretanto, o MT, sem respeitar o direito de preferência da Câmara sobre qualquer outro interessado, fechou secretamente negócio com D. Mariana, num cartório de Seimbra, por sete mil contos. Só depois de ter sido revelada tal operação, se conseguiu saber que a jogada do Ministério do Trabalho levara o Estado em dois mil contos. Na altura, um elemento do MT teve



Quinta das Glicínias — a forma como o Governo faz gastar ao Estado dois mil contos a mais

a preocupação de afirmar que as divergências com a Câmara se deviam à impossibilidade do município em reunir a quantia necessária para a aquisição. Mas também aqui falhou o departamento chefiado pelo ministro Estácio Marques de Carvalho. A Câmara de Évora acaba de explicar, em comunicado, ter enviado o montante acordado com a proprietária e que teria sido pago logo em 15 de Outubro.

o interesse em utilizar o local para reconversão profissional de trabalhadores afectados pela leishmaniose nas pedreiras da região. Era uma hipótese, como várias outras lançadas sobre a mesa. Nada estava decidido por parte da Câmara. De qualquer modo — é o termo — o MT abandonou os contactos com o município para iniciar, de forma directa mas secreta, negociações com a proprietária. O negócio, fechado bem longe de Évora — no cartório de Seimbra — já corria certamente os seus trâmites. O ministro do Trabalho, tendo-se deslocado a Évora para ver a Quinta das Glicínias, não recebeu uma delegação municipal. Poucos dias depois mandava pagar sete mil contos, por uma coisa que o mesmo Estado poderia adquirir por cinco mil. Querida ilusão a sua hipótese. Obviamente que a proprietária, D. Mariana de Soure, não hesitou e fechou negócio com quem mais lhe pagava.

IMPOSIÇÃO ILEGAL DA VONTADE DO MT

Saindo de Évora pela Porta da Lagoa percorre-se pouco mais de um quilómetro até se atingir a Quinta das Glicínias. Não muito longe, o agostado e o Convento da Cartuxa. Árvores frondosas ladeiam um caminho até ao palacetete que, de tempos em tempos, alberga D. Mariana, normalmente a residir em Lisboa. A quinta possui ainda outras instalações e uma estranha edificação — um mirante do qual se domina toda a cidade de Évora e uma extensa área em redor. Segundo o guarda, era dali que um antigo proprietário, D. Tiago de Soure, vislumbrava os seus latifúndios, repartindo-se por várias terras, distando dezenas de quilómetros uns dos outros.

De acordo com o Plano Director de Évora já aprovado pela Assembleia Municipal, a Quinta das Glicínias insere-se num projecto de construção de 450 fogos e de infra-estruturas sociais. Prevê-se ainda a conservação do palacetete e do seu ambiente rural envolvente.

Desde há bastante tempo que a Câmara vinha estudando as soluções a adoptar. Estava aberta a todas as sugestões para o destino a dar às instalações da propriedade. O próprio Ministério do Trabalho tinha manifestado a vontade

CÂMARA GARANTIU TERRENOS AO MT

A situação é tanto mais incompreensível quanto a Câmara de Évora sempre garantiu terrenos camarários ao Ministério do Trabalho. Este não se importou em respeitar as linhas orientadoras do desenvolvimento da cidade (em todas as suas implicações). Nem sequer quis saber que a Quinta das Glicínias confina com o futuro parque de campismo da cidade, se situa perto da zona das piscinas e à vista dos moinhos do Alho de S. Bento que a cidade pretende recuperar. Também não atendeu o direito de preferência do município sobre qualquer outro comprador interessado. Resolveu tudo, a qualquer custo, e a qualquer preço, sem sequer continuar a actuar. Só a anulação da compra pelo tribunal pode pôr termo a este processo anárquico.



O Ministério do Trabalho pode querer iniciar rapidamente as obras de remodelação no palacetete

Ministério do Trabalho em Évora e Portalegre

O ministro do Trabalho e os secretários de Estado do Trabalho e do Emprego, deslocam-se nos dias 16 e 17 em visita de trabalho a Portalegre e Évora. Em Portalegre, no dia 17, pelas 9 horas, na Câmara Municipal, terá lugar a assinatura da escritura de compra do terreno destinado à construção de um centro de formação profissional. Posteriormente serão feitas visitas ao local do terreno adquirido à Câmara Municipal, à Fábrica

de Tapeçarias de Portalegre e ao Instituto de Reeducação de Vila Fernando. Em Évora, pelas 17 horas, o ministro Marques de Carvalho, e comitiva, visitarão a Quinta das Glicínias, onde está prevista a instalação da sede da Direcção Regional do Alentejo, de um centro para deficientes e de um centro de formação profissional, que irá substituir o actual centro N.º 8 em Évora.

D. LISBOA ~ 14.10.80

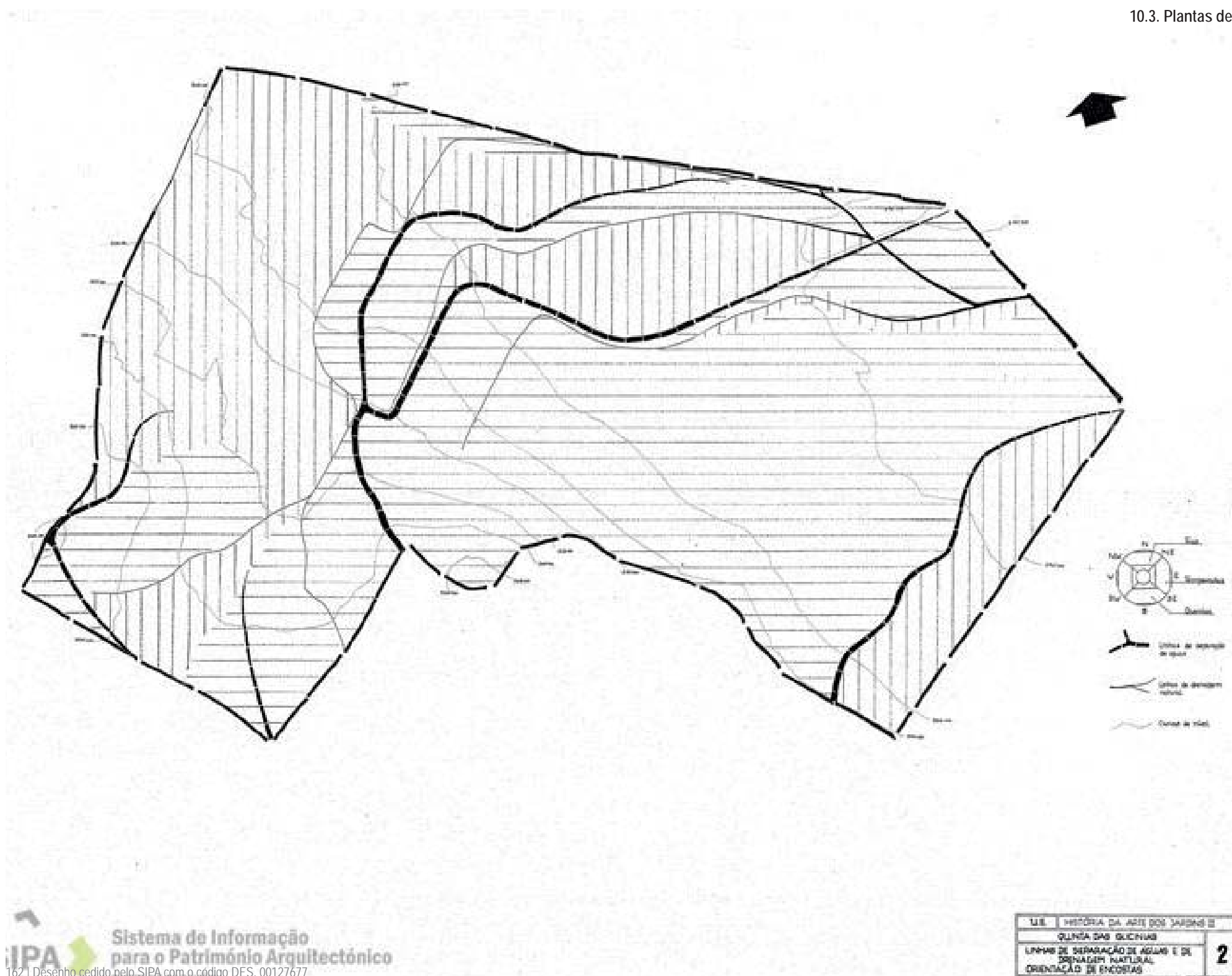
EM ÉVORA 42 READAPTAÇÃO DE DEFICIENTES À FLORICULTURA E À HORTICULTURA

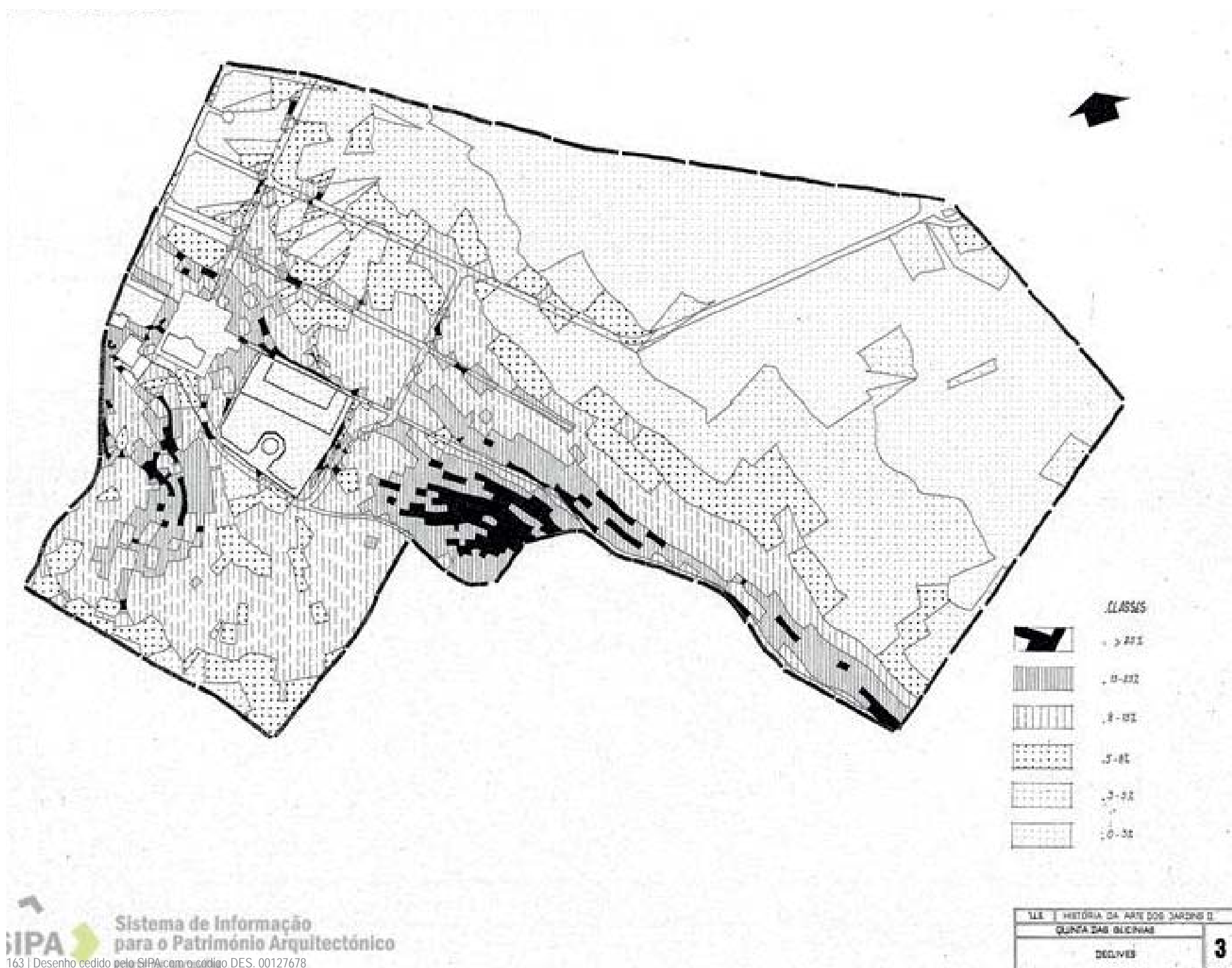
EVORA — A Secretaria de Estado do Emprego pretende dotar Évora com um novo centro de formação profissional, que incluiria um centro de readaptação para deficientes — disse à Anop o secretário de Estado do Emprego, Luis Morales. Luis Morales deslocou-se ontem a Évora com o objectivo de observar «in loco» as potencialidades das futuras instalações, uma casa de campo da época de D. João V, situada nos arredores da cidade. Segundo o secretário de Estado do Emprego, irão funcionar também ali os serviços de emprego, actualmente instalados num imóvel situado na zona industrial de Évora. A horticultura e floricultura

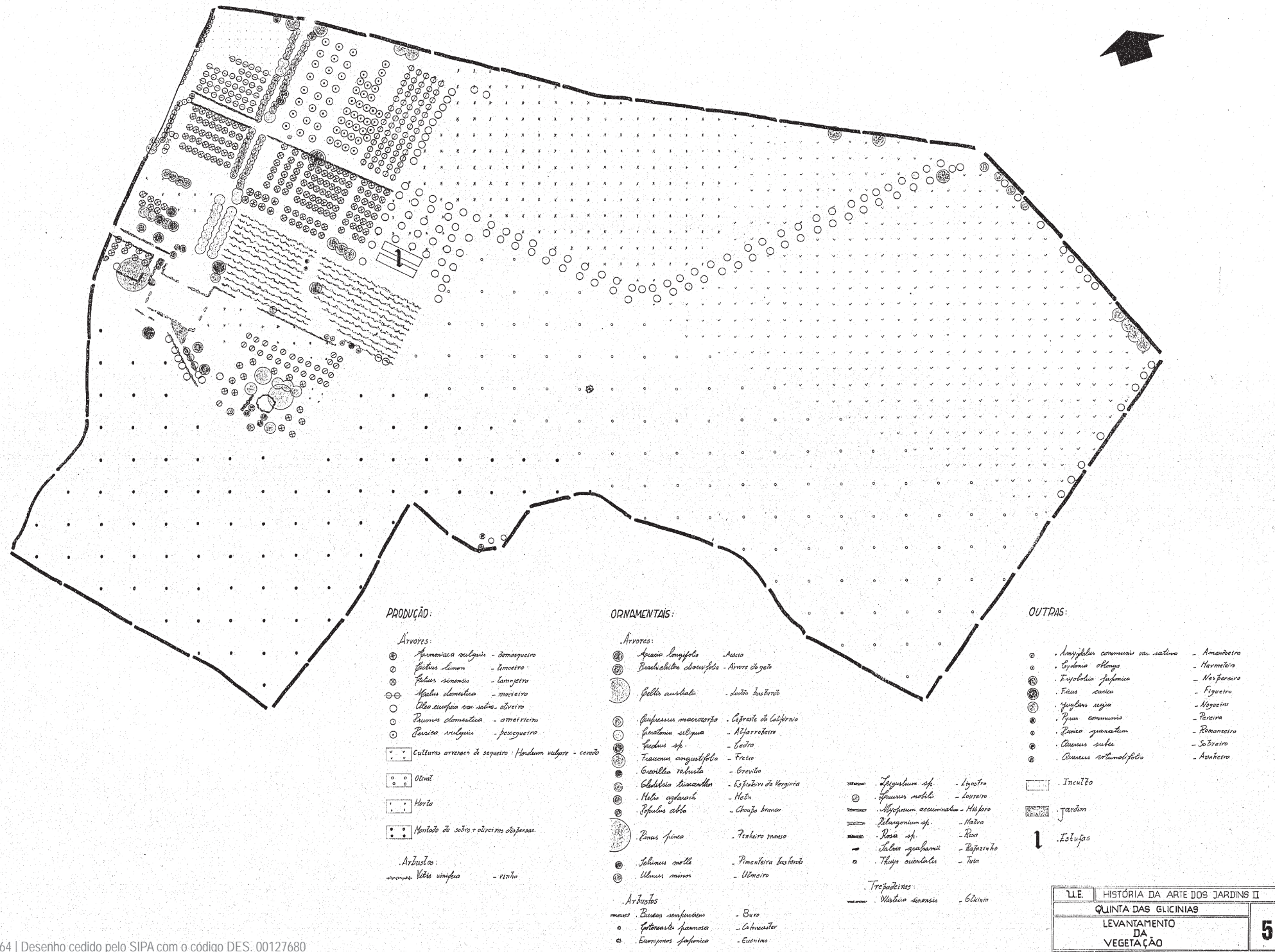
serão as modalidades a levar por diante nos cursos de readaptação profissional dos deficientes, uma vez que as futuras instalações dispõem de uma área cultivável de cerca de 20 hectares — disse ainda Luis Morales. O secretário de Estado do Emprego esteve ao princípio da tarde de ontem em Portalegre, onde se reuniu com o chefe daquele distrito, Francisco Queiroz, para troca de impressões sobre a futura implantação de formação profissional naquela cidade e em Elvas. Planeamento familiar ESPINHO — O planeamento familiar na sociedade actual vai ser tema de um se-

manário a realizar em Espinho de 16 a 18 do corrente. Para as «Primeiras Jornadas Nacionais de Planeamento Familiar», assim se intitula a iniciativa da responsabilidade da delegação regional do Porto da Associação para o Planeamento da Família, foram convidados especialistas portugueses e estrangeiros, nomeadamente holandeses, polacos e suíços. As jornadas, abertas a todos os técnicos interessados em planeamento familiar, incluem, entre outras, sessões sobre «saúde e planeamento familiar», «saúde mental e planeamento familiar», «família, escola e educação sexual», «métodos contraceptivos» e «atitudes novas na terapêutica da esterilidade». — (Anop)

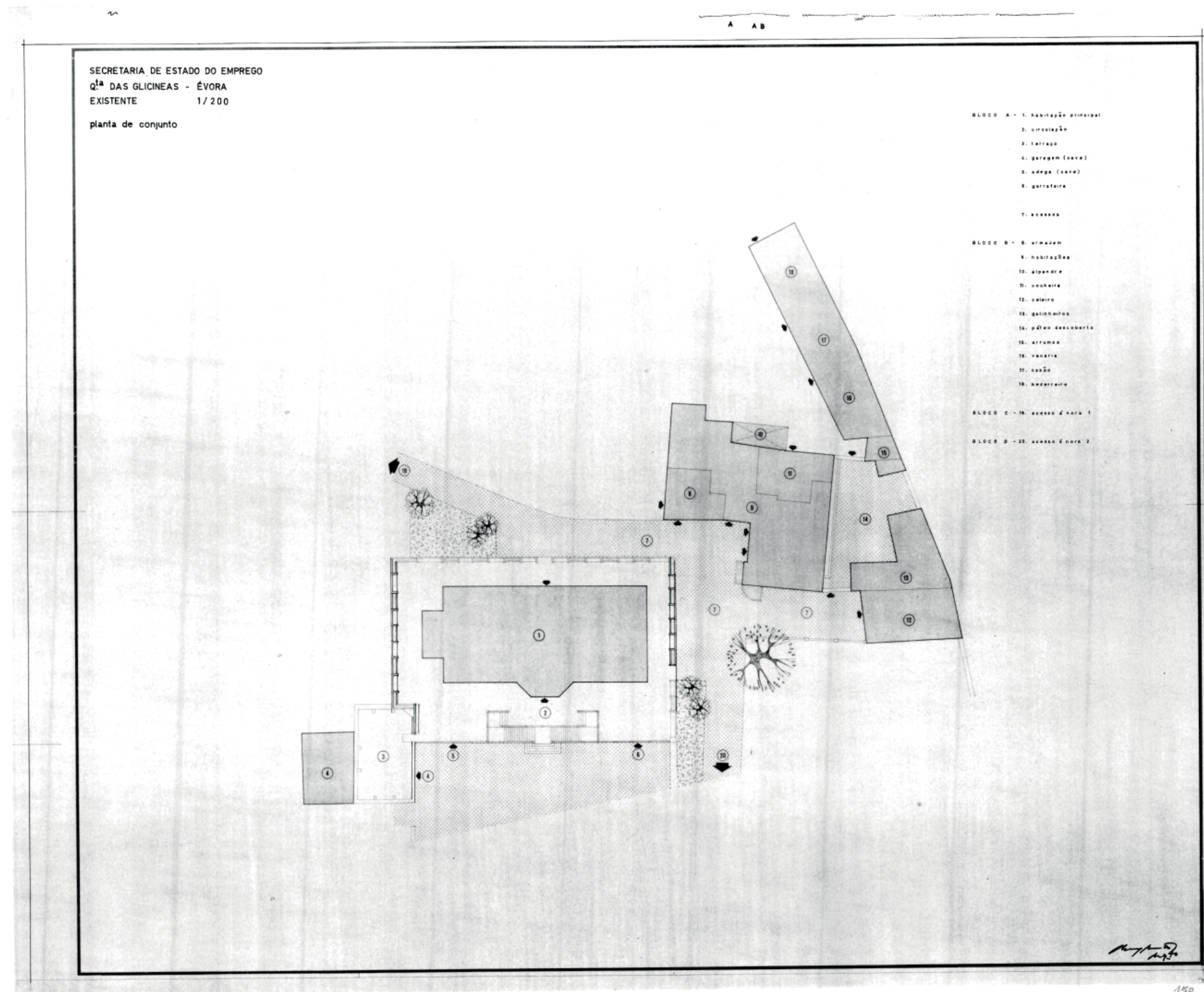
10.3. Plantas de Análise da Quinta das Glicínias



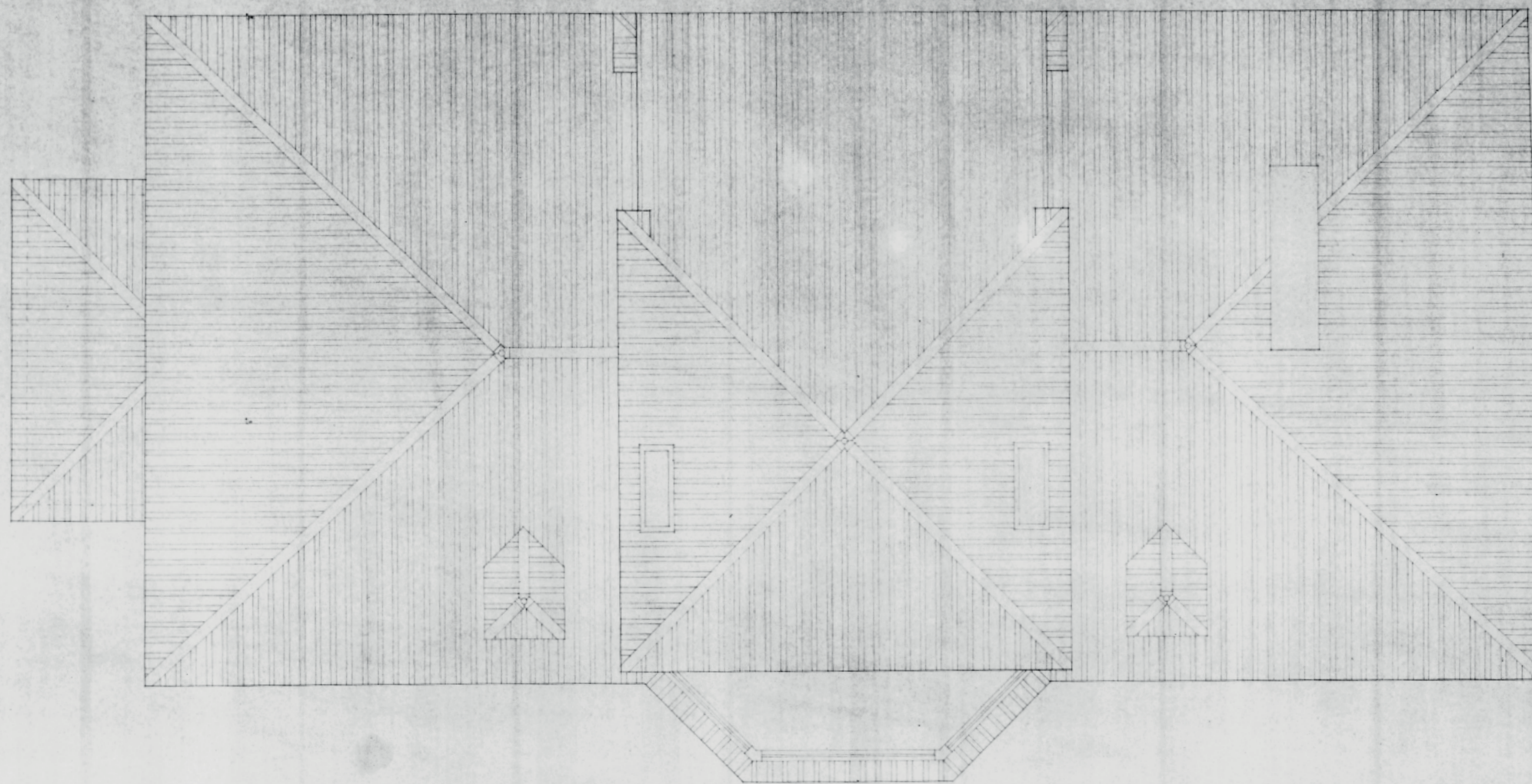


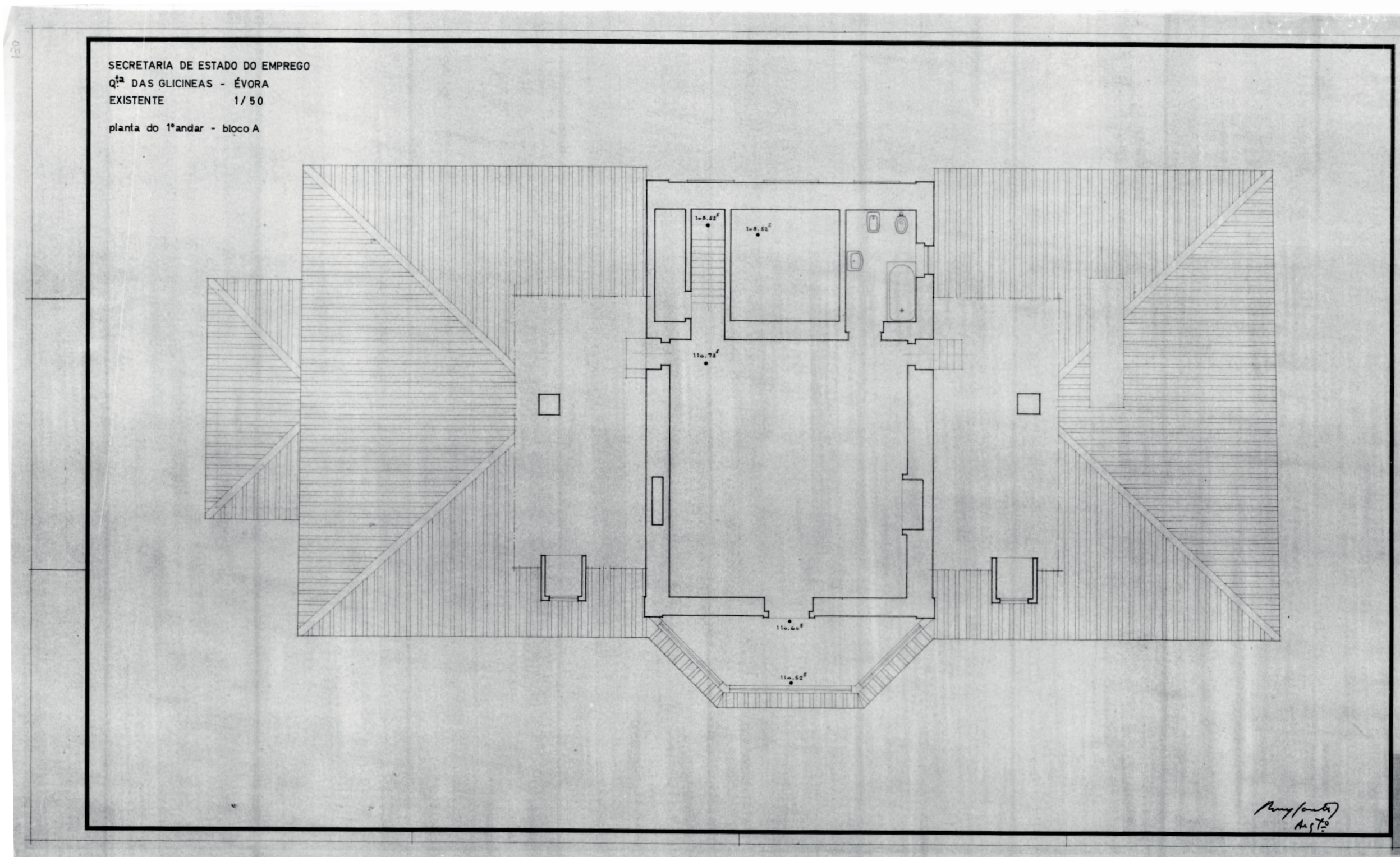


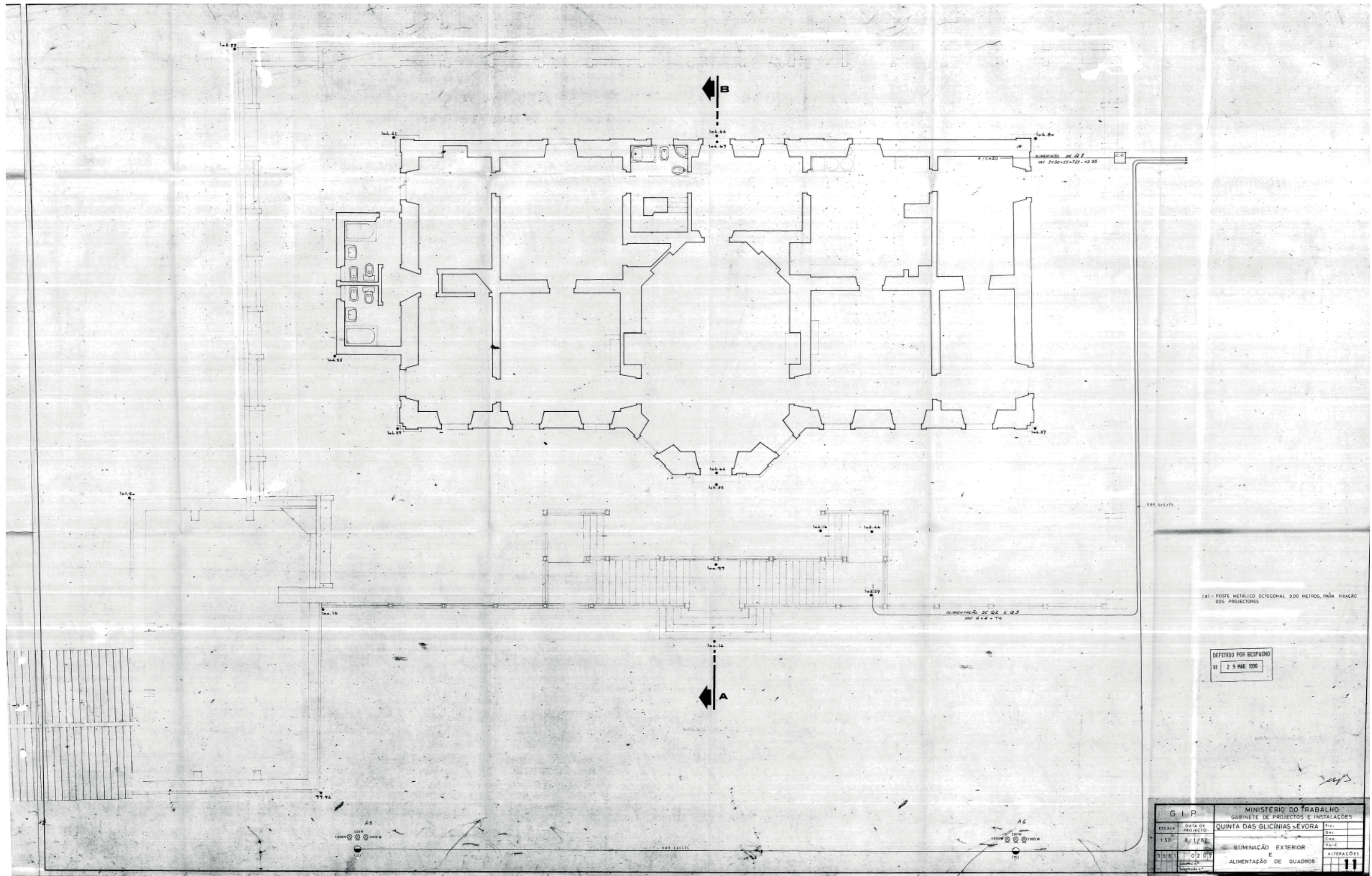
10.4. Desenhos da Quinta das Glicínias disponibilizados pela Delegação Regional do Alentejo do IEFP



SECRETARIA DE ESTADO DO EMPREGO
Q.^{ta} DAS GLICINEAS - ÉVORA
EXISTENTE 1/50
planta da cobertura - bloco A



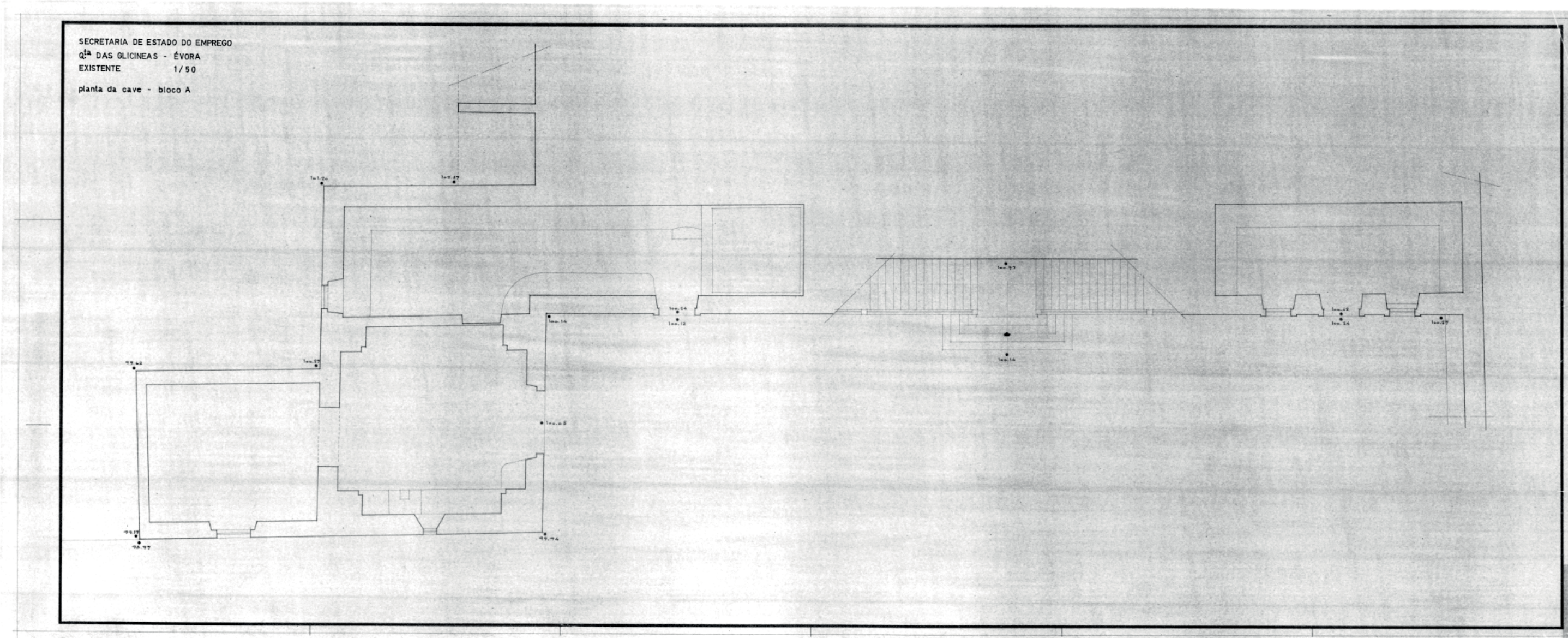


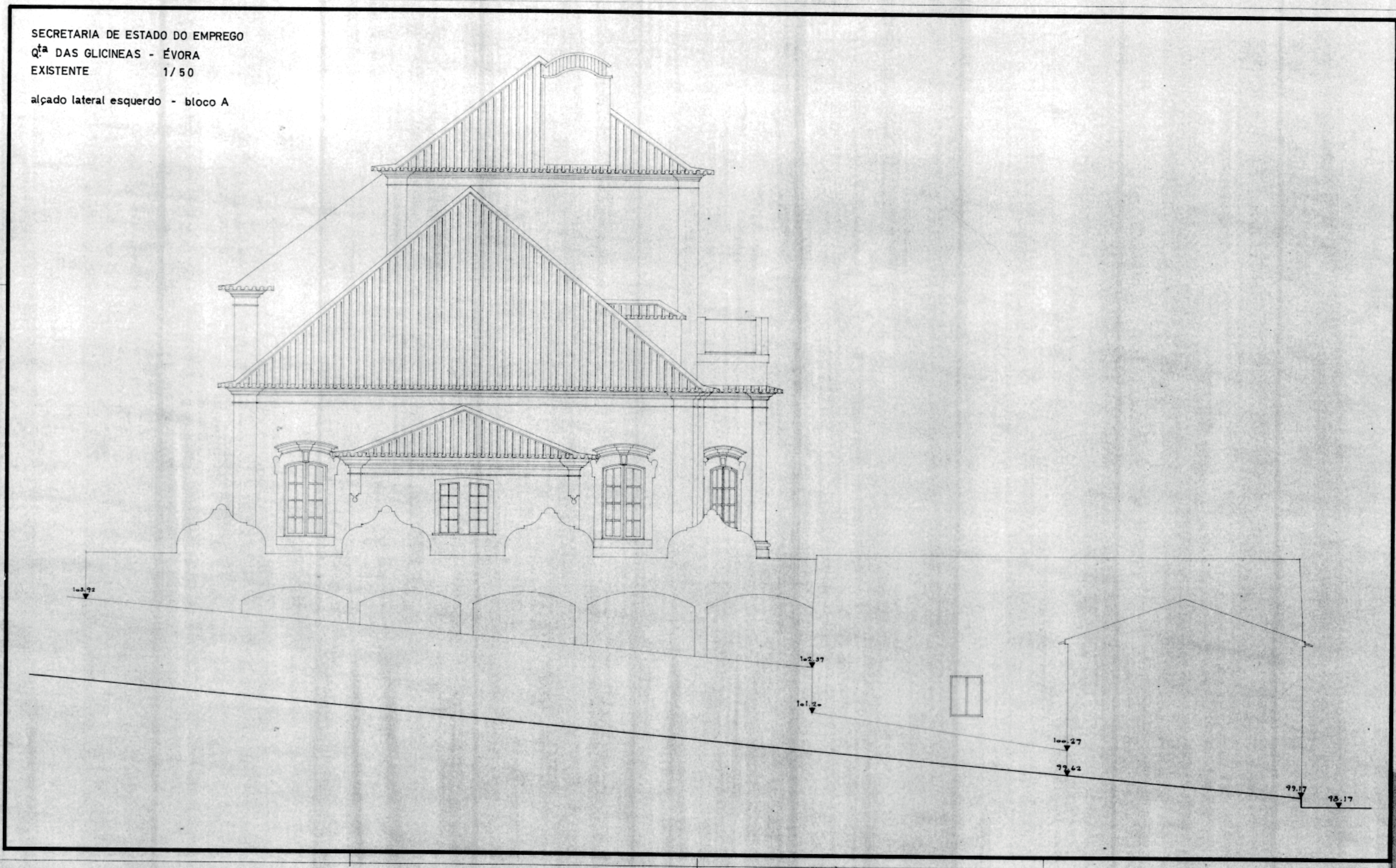


(3) - POSTE METÁLICO OCTOGONAL 800 METROS, PARA FIXAÇÃO DOS PROJETORES

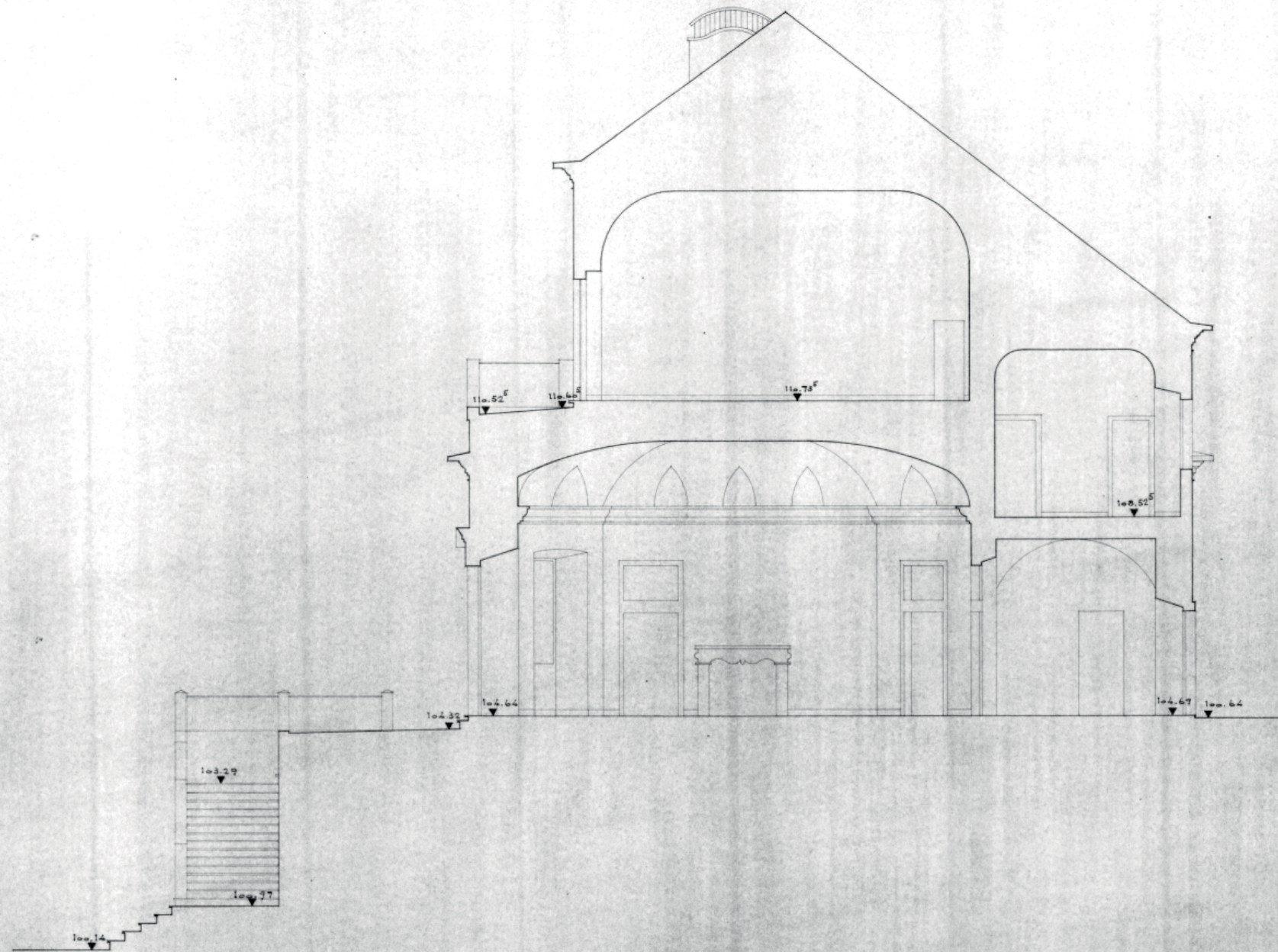
DEFERIDO POR BESPACHO
DE 29 MAR 1996

G. I. P.		MINISTÉRIO DO TRABALHO GABINETE DE PROJETOS E INSTALAÇÕES	
ESCALA	DATA DE PROJETO	QUINTA DAS GLICÍNIAS - EVORA	Proj. / Des. / Cop. / Exec. / Alterações
1:50	8/1/82		
019/81	02/07	ILUMINAÇÃO EXTERIOR E ALIMENTAÇÃO DE QUADROS	





SECRETARIA DE ESTADO DO EMPREGO
Q^{ta} DAS GLICINEAS - ÉVORA
EXISTENTE 1/50
corte AB - bloco A



Handwritten signature
A.T.

10.5. Relatórios de visitas guiadas a Escolas de Hotelaria e Turismo

Escola de Hotelaria e Turismo de Lisboa

Visita guiada realizada por Ilda Fiadeiro, no dia 26 de Fevereiro de 2019

A visita começou pelo piso térreo, onde a Dr.^a Ilda mostrou o grande auditório da escola, um espaço com capacidade para 150 pessoas, onde se realizam os eventos mais importantes, algumas aulas teóricas, servindo tanto a escola como o hotel, uma vez que se encontra num espaço intermédio entre os dois edifícios.

O piso térreo engloba também os espaços dedicados ao programa da biblioteca, sala de aula de bar, laboratório sensorial, salas de aula teóricas e sala de convívio de alunos. As salas têm a particularidade de terem duplo pé-direito, o que permite a criação de mezaninos, como é o caso da biblioteca e da sala de convívio e a utilização deste espaço para gabinetes de professores e salas de aula de menor dimensão, como é o caso dos espaços restantes. Estas características dão origem a espaços amplos com muita luz natural, que se repetem no segundo piso. No caso da sala de laboratório sensorial, sob o espaço do mezanino, junto à entrada, encontra-se a copa de apoio com lavatórios e máquinas para lavar as loiças utilizadas nas aulas que ali decorrem. Esta sala é equipada com mesas individuais equipadas com lavatórios e luz artificial para análise dos produtos.

De seguida deslocámo-nos ao terceiro e último piso do edifício, onde podemos encontrar as salas de aula teóricas correspondentes aos mezaninos, como acontece também no primeiro piso. Neste piso localizam-se ainda a sala de professores, de alunos e a cantina, onde os alunos confeccionam a própria comida.

Nos dois pisos inferiores, sob a área da cantina e sobre o auditório localizam-se os balneários dos alunos e professores, equipados com cacifos individuais.

As salas de aula práticas localizam-se no piso -1 e engloba o auditório de cozinha com bancada destinada à preparação de alimentos e cadeiras distribuídas em anfiteatro, e as restantes cozinhas: cozinha de produção de frios com bancada em pedra, cozinha de produção de quentes, cozinha pedagógica com doze bancadas individuais, onde os alunos preparam a comida para o restaurante de aplicação e pastelaria de confecção e preparação com bancada em pedra. Também neste

piso se localizam as salas de arrumos das loiças necessárias às aulas e a zona de pré-preparação dos alimentos, onde estes são devidamente lavados e arranjados e posteriormente levados para as cozinhas. Todos estes espaços estão interligados por um corredor com zonas em vidro que permitem a fácil circulação por todos os espaços. Segundo a Dr.^a Ilda é também muito útil na realização de visitas, uma vez que se pode circular e assistir às aulas sem interferir com o trabalho dos alunos. Neste piso localiza-se ainda a zona de economato que engloba a despensa fria, despensa seca e despensa de congelados, e faz a ligação entre as salas de aula práticas e o parque de estacionamento subterrâneo, onde chegam todos os produtos necessários para o funcionamento das aulas.

Por último a Dr.^a Ilda mostrou o restaurante de aplicação, que tem capacidade para trinta pessoas e situa-se no mesmo piso das cozinhas. O restaurante caracteriza-se por ser um espaço amplo, também este com duplo pé-direito, onde um volume em madeira posicionado junto à entrada, dá forma a uma zona de chegada com bar num dos lados e a uma zona de arrumação no lado oposto, onde se encontram as mesas do restaurante.

Escola de Hotelaria e Turismo de Faro

Visita guiada realizada por Professora Susel, no dia 25 de Junho de 2019

A visita começou com uma breve explicação sobre o funcionamento de uma Escola de Hotelaria e Turismo, focando na escola de Faro. A escola tem cerca de trezentos alunos divididos em cursos de dupla certificação para alunos com o 9º ano de escolaridade e cursos de especialização tecnológica para alunos com o 12º ano de escolaridade. Além das dezasseis salas de aula teóricas a escola é composta por um conjunto de espaços dedicados à realização de aulas práticas, que se distribuem em cozinhas, anfiteatro técnico, cantina, bar, restaurante e hotel de aplicação. Apesar da sua utilização por parte dos alunos, as escolas de hotelaria e turismo permitem também o aluguer destes espaços a pessoas e entidades externas ao seu funcionamento.

A visita teve início no auditório da escola, acessível a partir do claustro do convento. Esta sala tem a particularidade de ser um espaço amplo e flexível em que as cadeiras funcionam como uma estrutura amovível que recolhe conforme a necessidade de adaptação a cada situação. Durante a visita a professora Susel destaca a importância de criar espaços versáteis e mobiliário de fácil

transporte, adaptável a cada tipo de situação. Uma vez que os alunos praticam com situações reais em eventos e actividades em contextos diferentes este mostra ser um aspecto muito importante a ter em conta na realização de um projecto para uma escola destas.

De seguida deslocámo-nos à zona de cargas e descargas onde foi explicado o percurso das mercadorias, desde o momento em que chegam à escola até às cozinhas. Da zona de cargas e descargas os produtos são distribuídos pelas várias despensas, divididas entre congelados, peixe, carne, lacticínios, frutos e legumes e ainda a despensa de mercearias. De seguidos os produtos são levados para as salas de preparação, onde são lavados e arranjados para de seguidas serem preparados nas diferentes cozinhas. Junto às salas de preparação encontram-se as várias cozinhas, cada uma com as suas características específicas.

A cozinha de produção é o espaço onde os alunos trabalham em equipa e preparam os pratos para o restaurante de aplicação e a cantina; a cozinha pedagógica é um espaço utilizado maioritariamente pelos alunos de primeiro ano, com bancadas individuais e é o local onde aprendem os princípios básicos, como o corte dos legumes, por exemplo; o anfiteatro de cozinha e bar é o espaço onde os alunos assistem em afiteatro a uma demonstração; a cozinha fria é o espaço onde são preparados os pratos frios como saladas; a pastelaria/padaria é um espaço composto por duas divisões, uma de preparação com uma bancada central com o topo em pedra, devido à necessidade de trabalhar alimentos como o chocolate ou a massa de bolos ou pão em temperaturas baixas e a outra onde se localizam os fornos para a confecção dos pratos. Das cozinhas os pratos são levados para o restaurante de aplicação, que se localiza também no piso térreo e tem acesso ao público a partir do claustro do convento. O bar de aplicação resulta no espaço de entrada do restaurante, local onde os clientes aguardam que os convidem a sentar enquanto desfrutam de um cocktail preparado pelos alunos.

No primeiro piso, sobre o restaurante de aplicação encontra-se o espaço do hotel de aplicação, com sala de pequenos almoços e catorze quartos, dos quais um é adaptado a pessoas com mobilidade condicionada e outro corresponde à suíte.

No lado oposto, sobre o auditório localizam-se oito das salas de aula teóricas e as restantes localizam-se no mesmo piso, no edifício novo. A criação de vãos na cobertura foi a solução para a entrada de luz natural nas salas voltadas para o interior do claustro, uma vez que estas se localizam

entre o corredor do claustro e o corredor de acesso às salas de aula.

Após o reconhecimento do primeiro piso do edifício pré-existente, deslocámo-nos ao edifício novo. Este edifício localiza-se a Este, prolongando-se para Norte e sobre a escadaria que encerra o claustro localiza-se um bar, com um terraço com vista sobre este. No extremo oposto localiza-se a residência de estudantes, que se divide em dois pisos com um total de trinta e cinco quartos duplos ou triplos e um apartamento com casas de banho privativas. No piso térreo os alunos têm acesso à cozinha partilhada e à lavandaria e no piso superior à sala de estar. Entre as salas de aula e a residência localiza-se a biblioteca, num espaço que anteriormente correspondia a uma sala de convívio para os alunos da escola durante o dia e para os alunos que ficam na residência durante a noite.

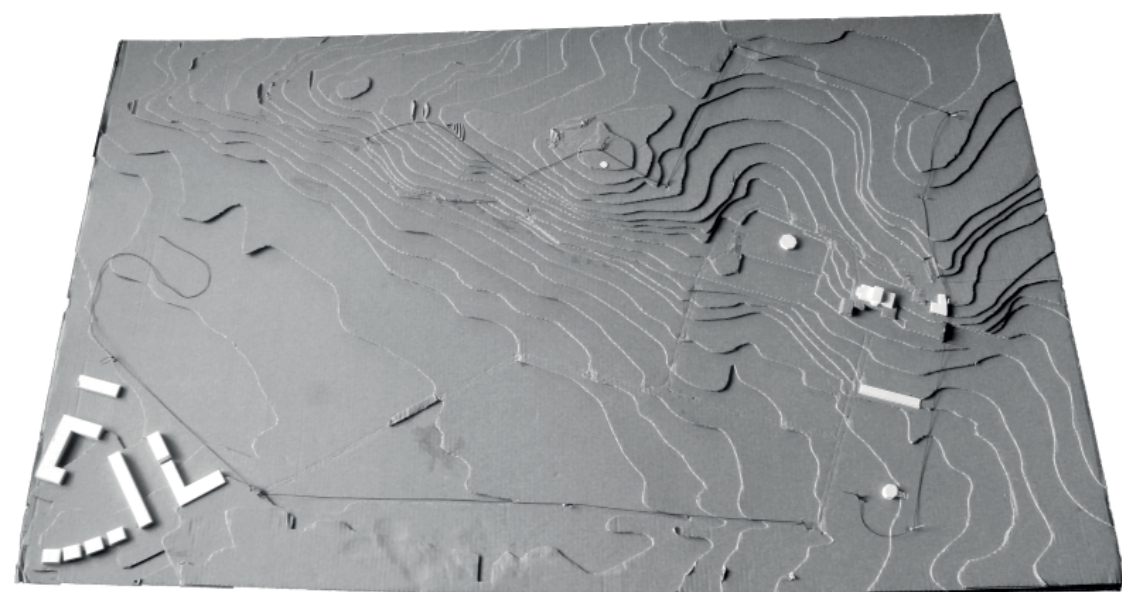
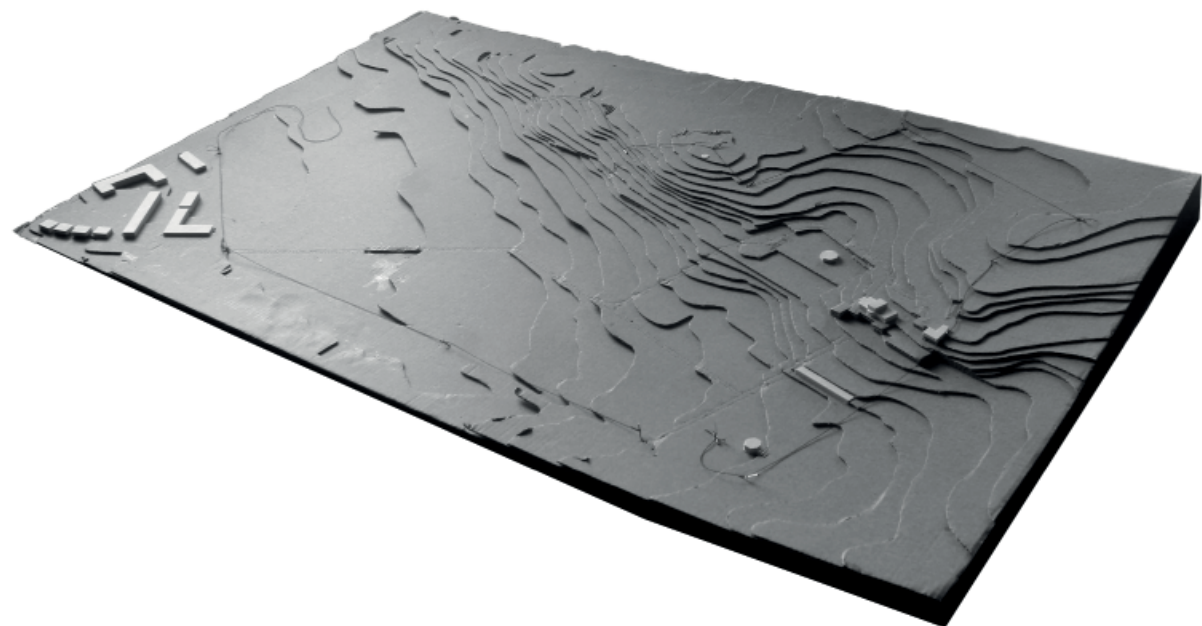


10.6. Registo fotográfico das visitas à Quinta das Glicínias

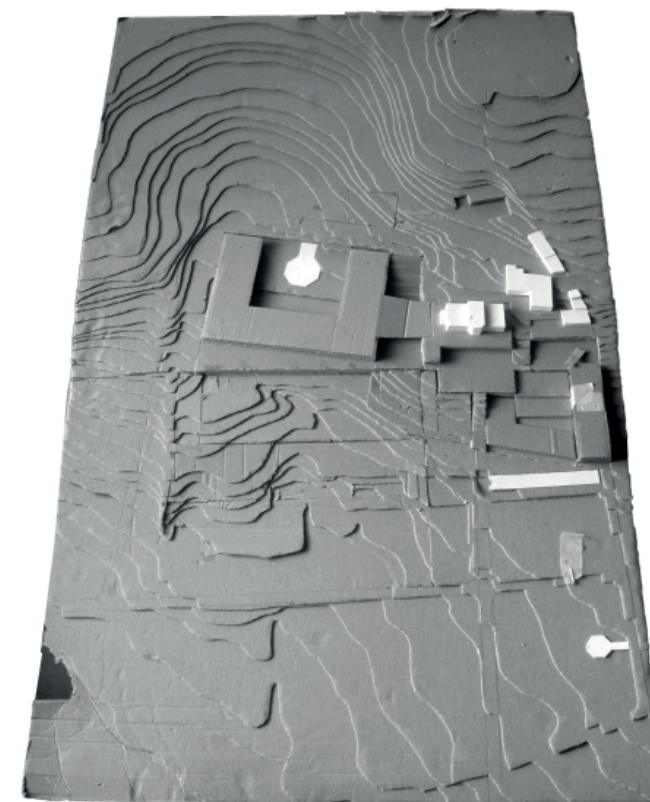
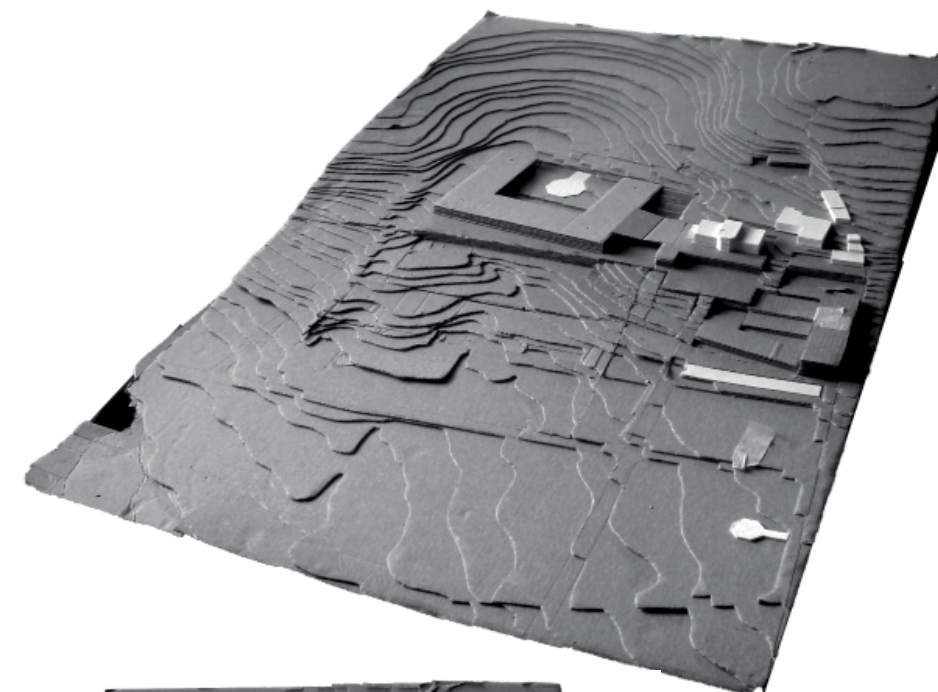


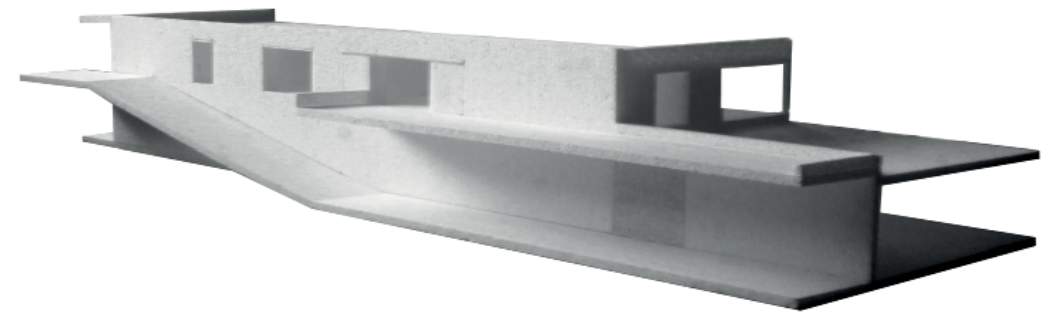
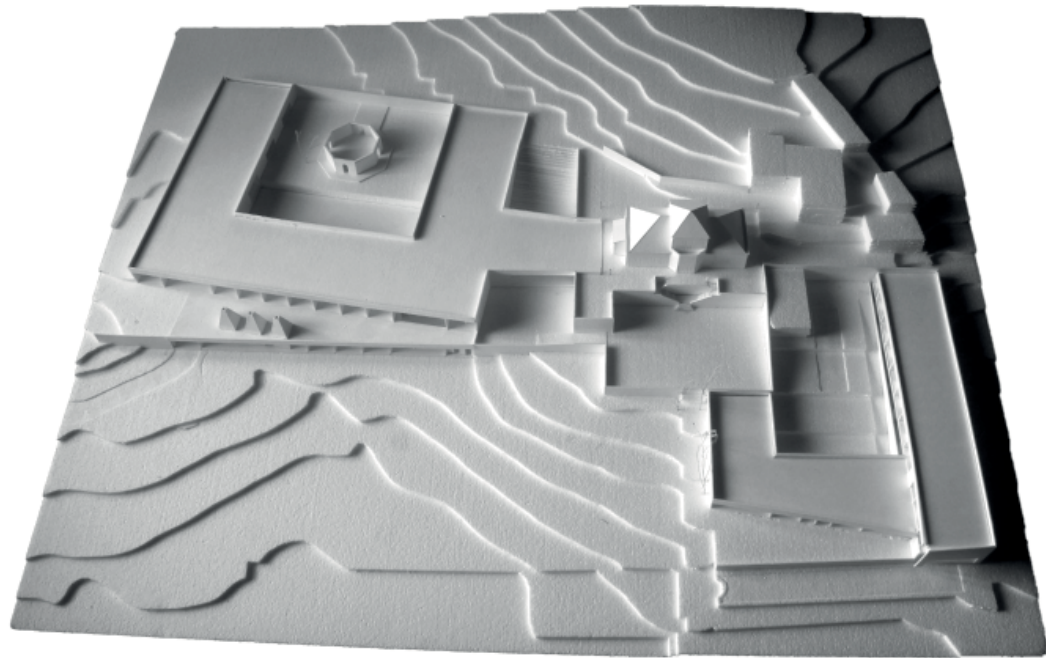
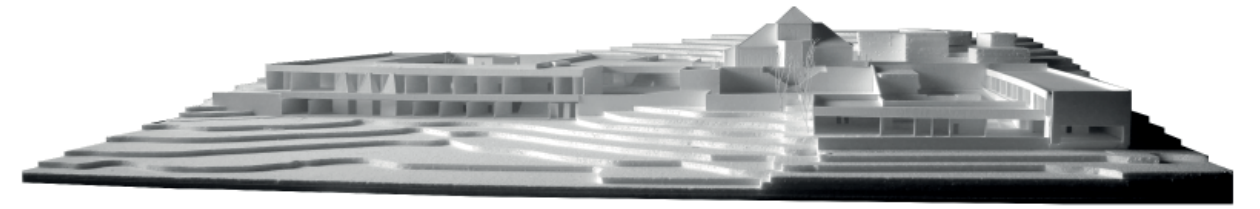
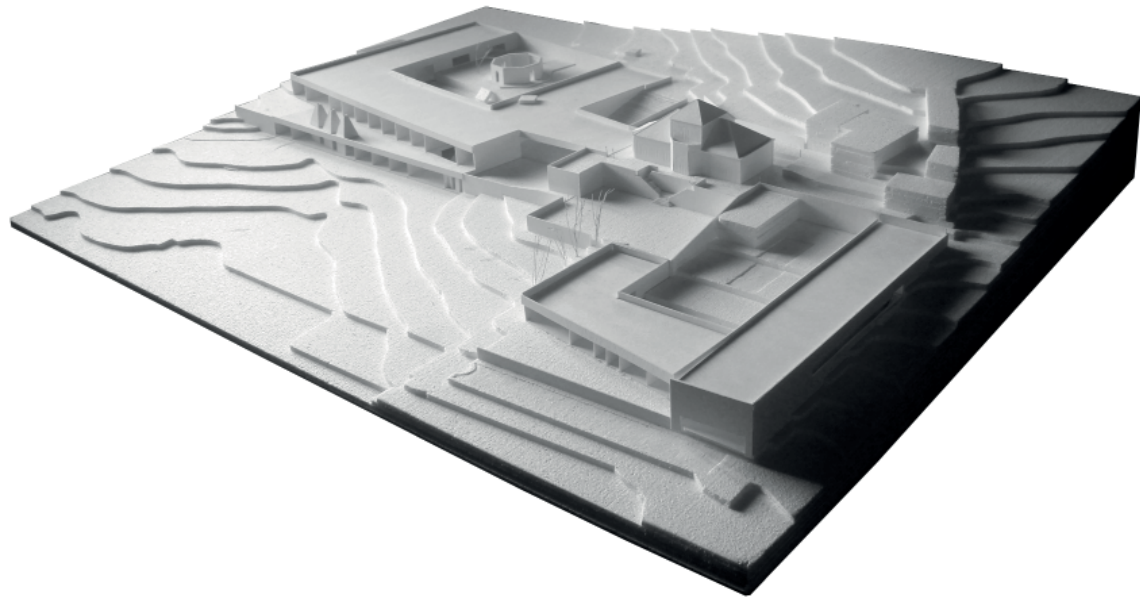


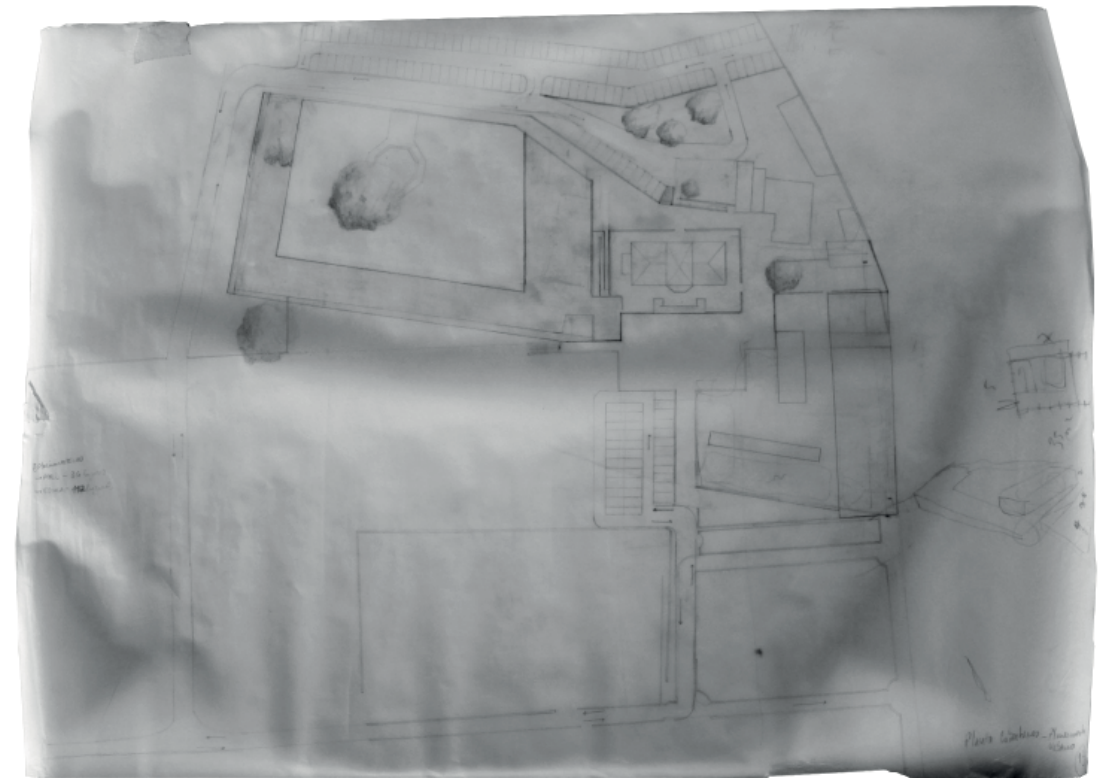
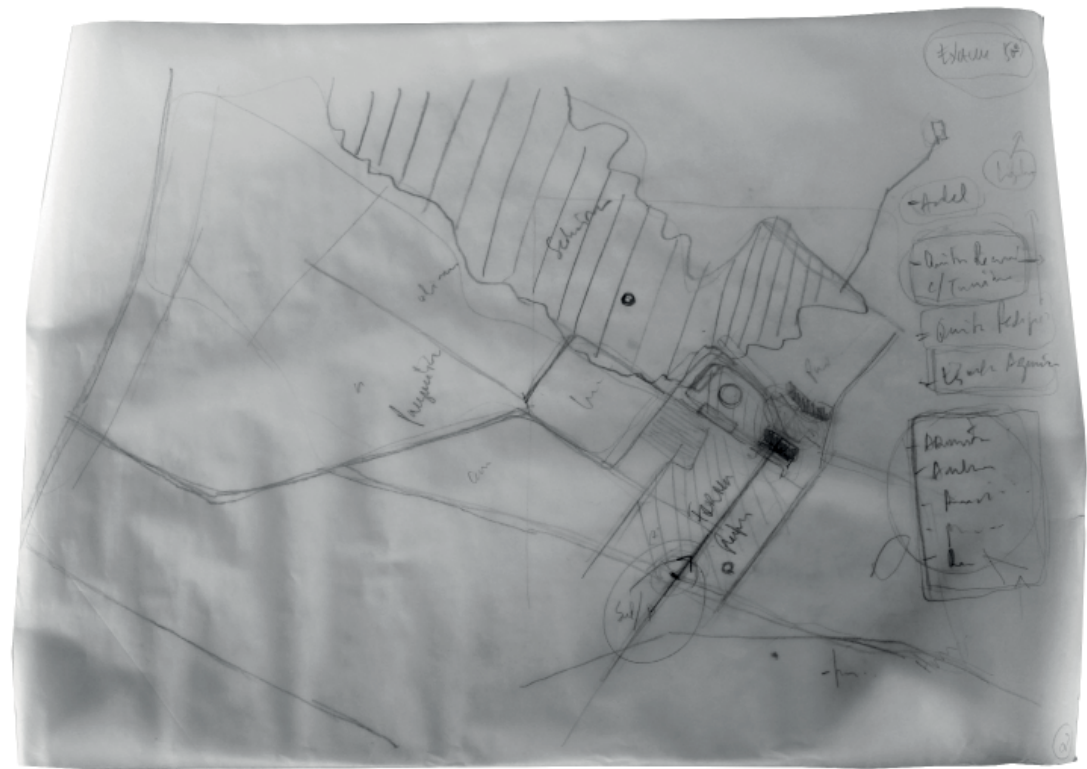
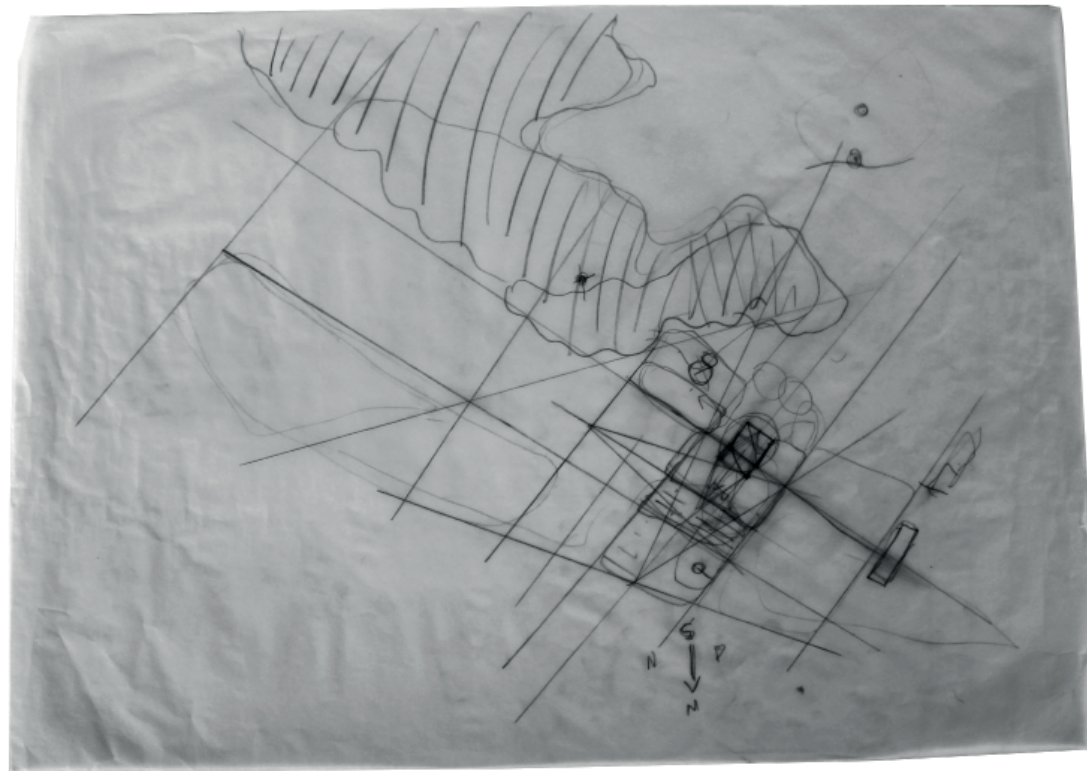


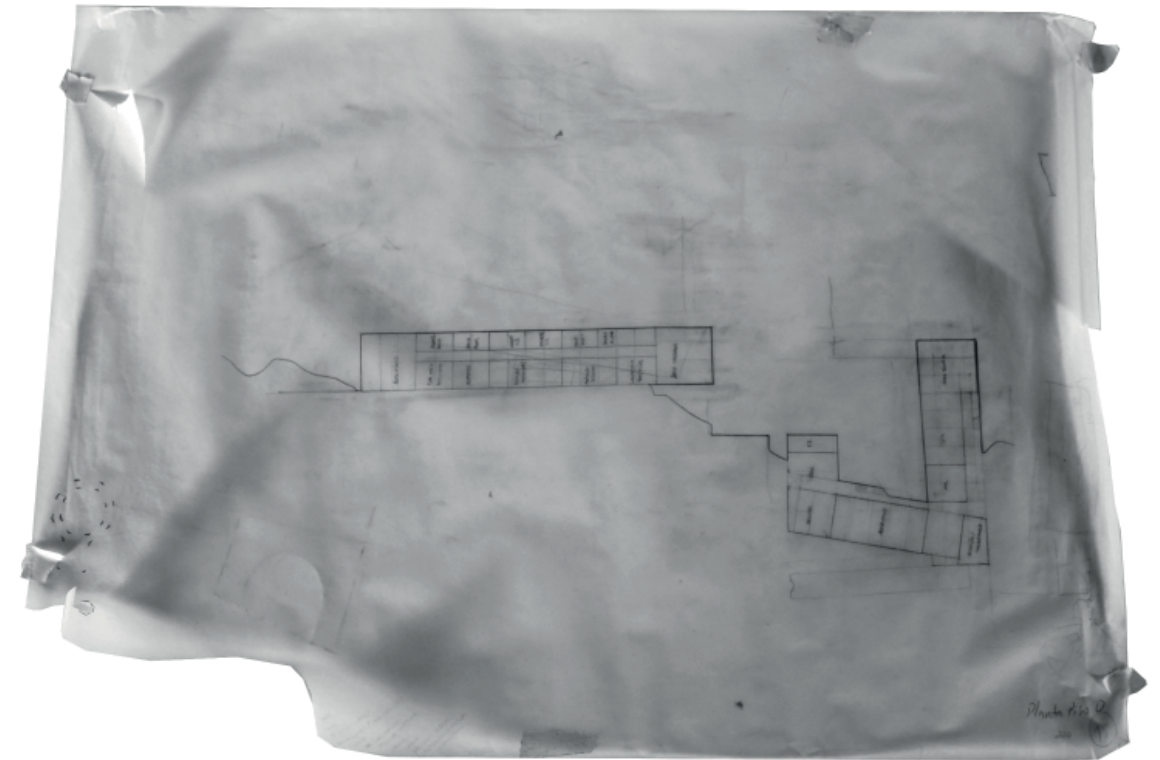
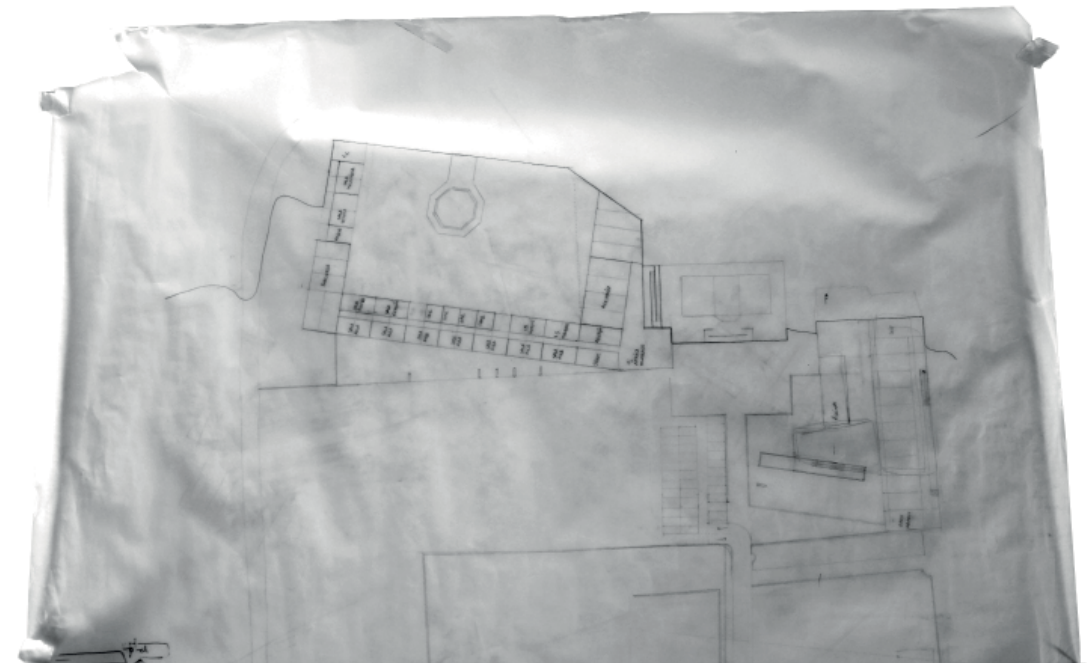
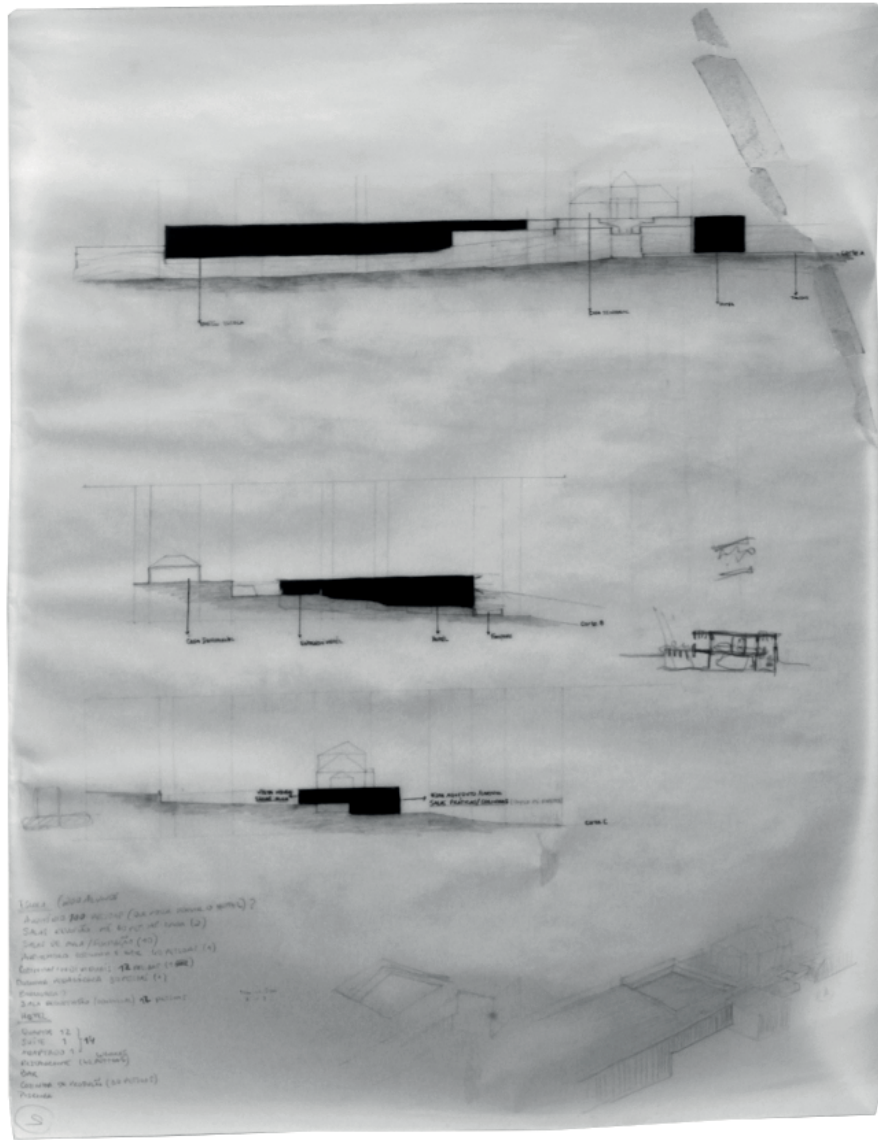


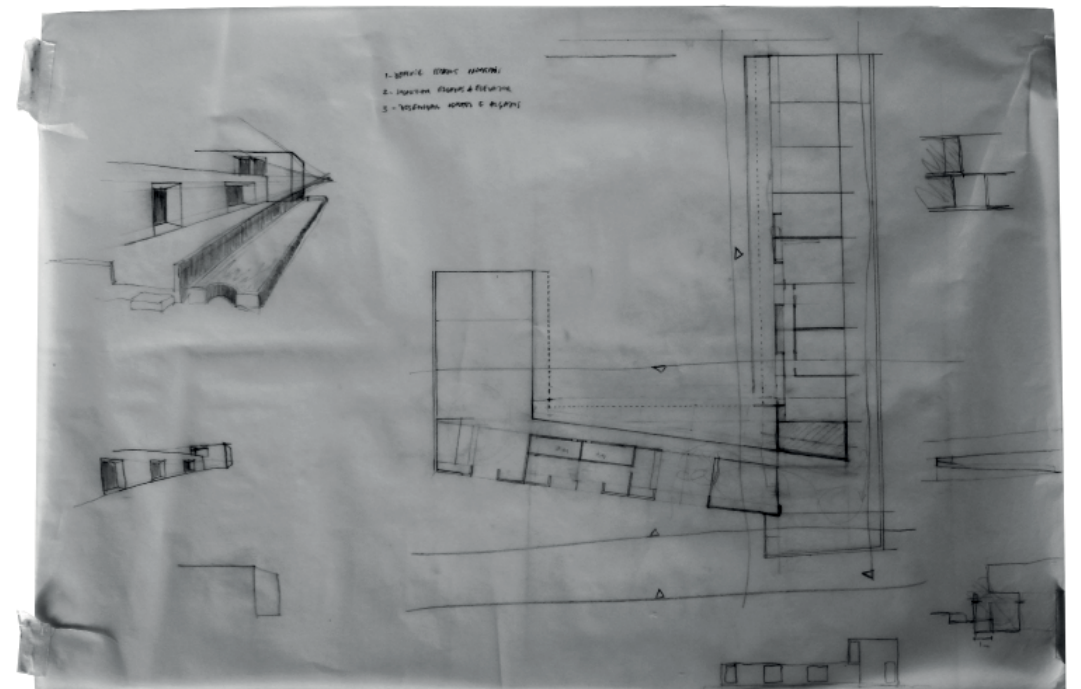
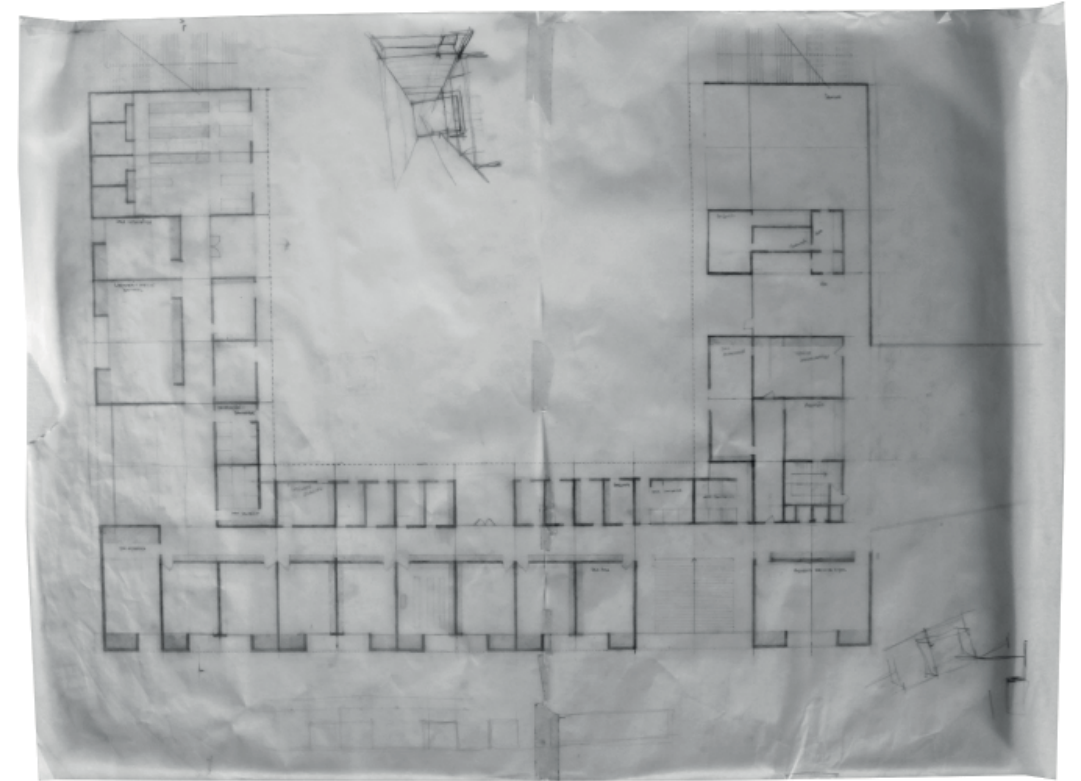
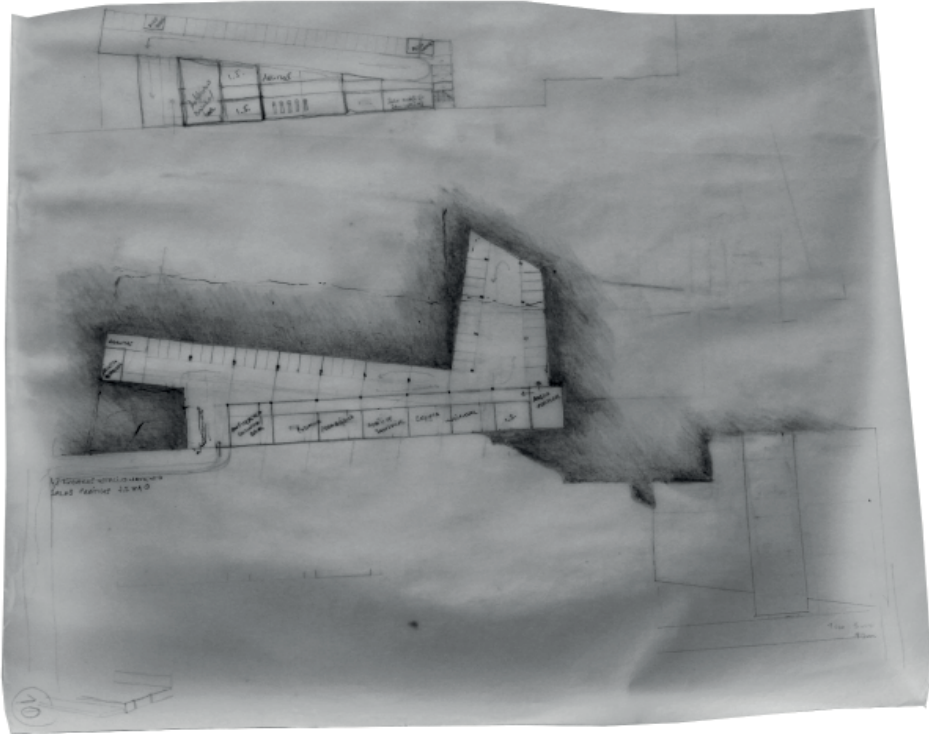
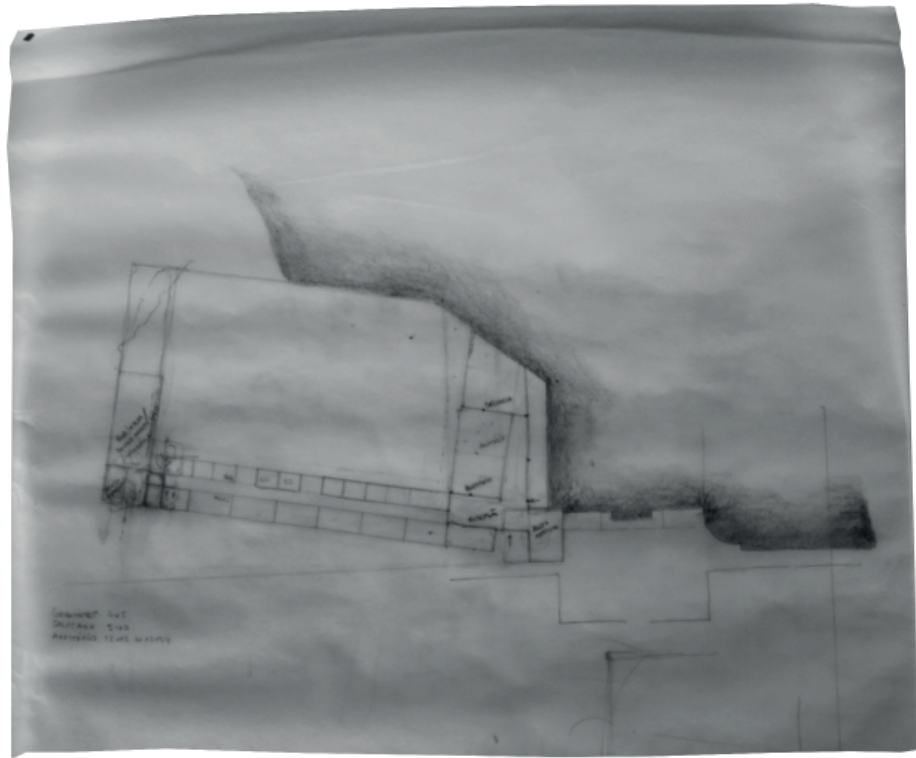
10.7. Maquetes e esquiços realizados no desenvolvimento do projecto









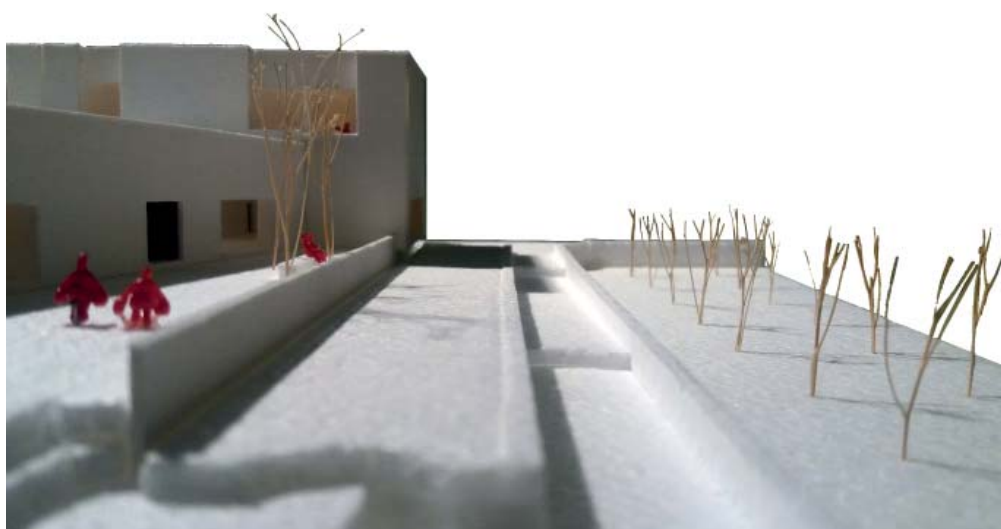
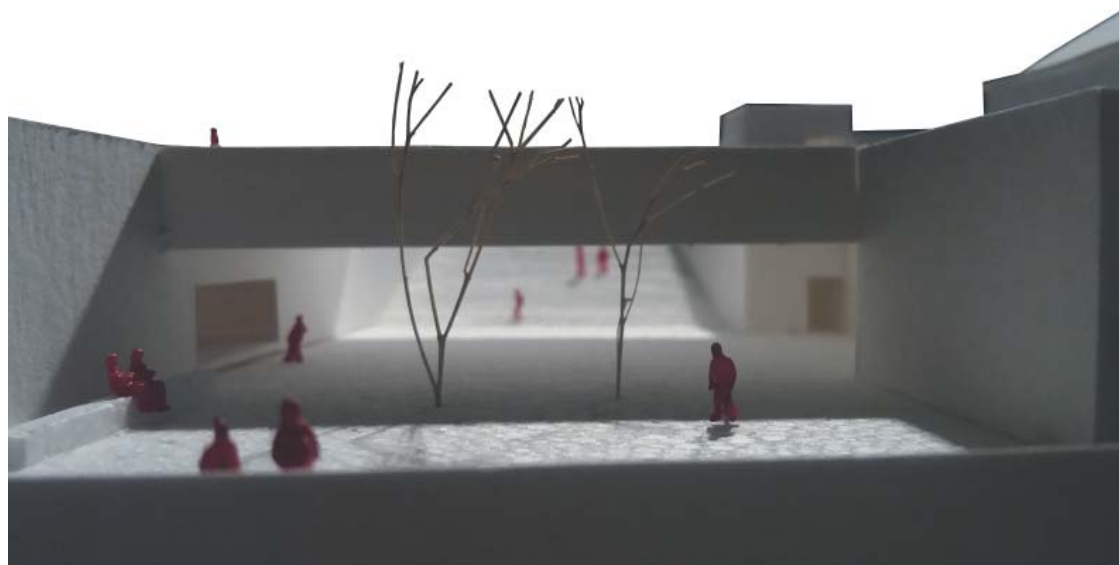


10.8. Elementos Finais de Apresentação





Maquete | Escala 1:200
Vista do conjunto a partir do edifício da escola | Zona de chegada do hotel





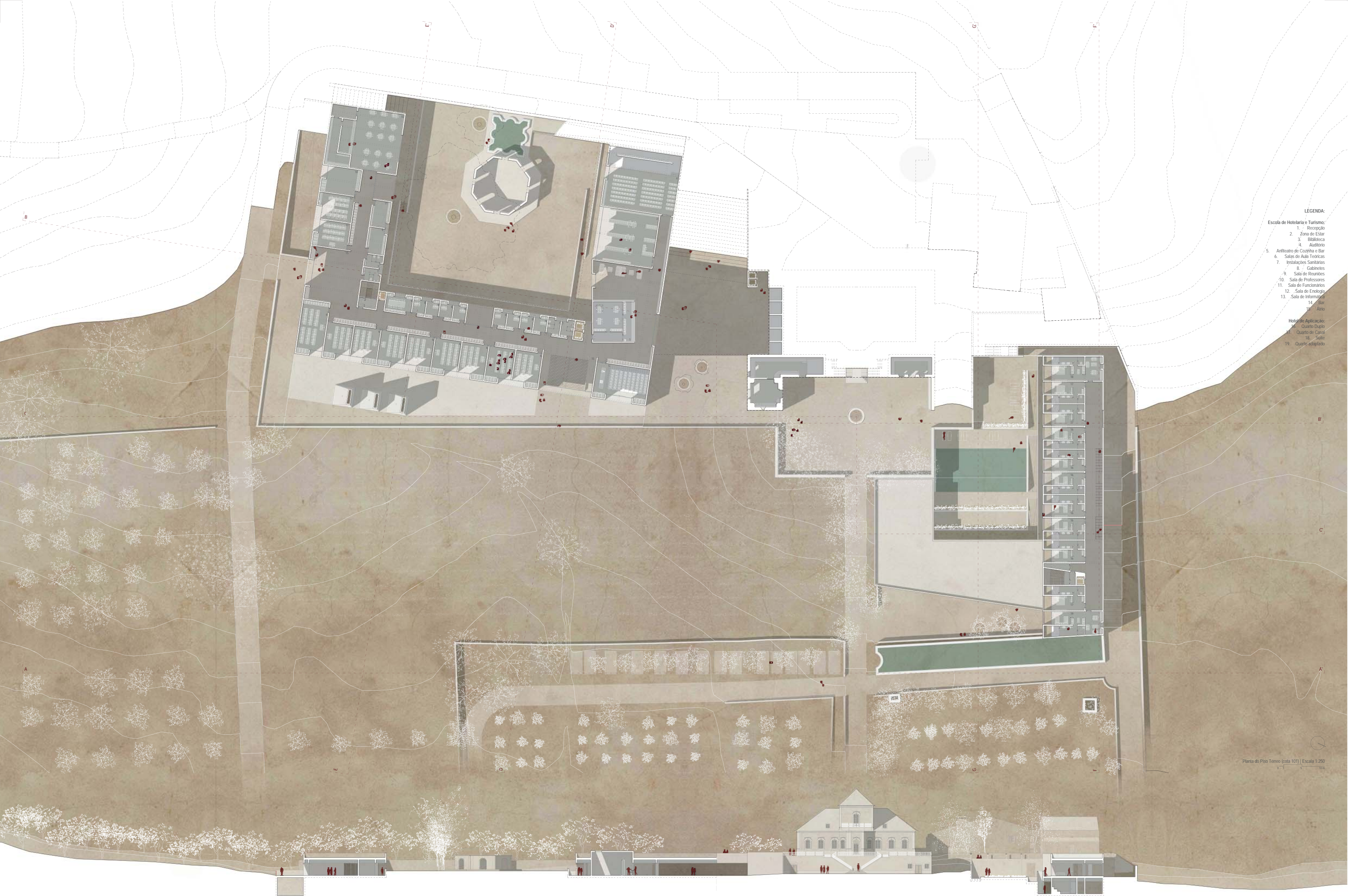




- LEGENDA:**
- Casa Senhorial:
 - 1. Sala de Espera e Recepção
 - 2. Gabinetes
 - 3. Copa
 - 4. Instalações Sanitárias
 - 5. Arquivo
 - Escola de Hotelaria e Turismo:
 - 6. Pátio
 - 7. Cobertura do Piso Terreo
 - 8. Área de Chegada
 - 9. Cobertura do Piso -1
 - 10. Acesso de Cargas e Descargas
 - Hotel de Aplicação:
 - 11. Pátio
 - 12. Cobertura do Piso Terreo
 - 13. Cobertura do Piso 1
 - 14. Área de Chegada

Punta da Casa Senhorial (cota 105) | Escala 1:250

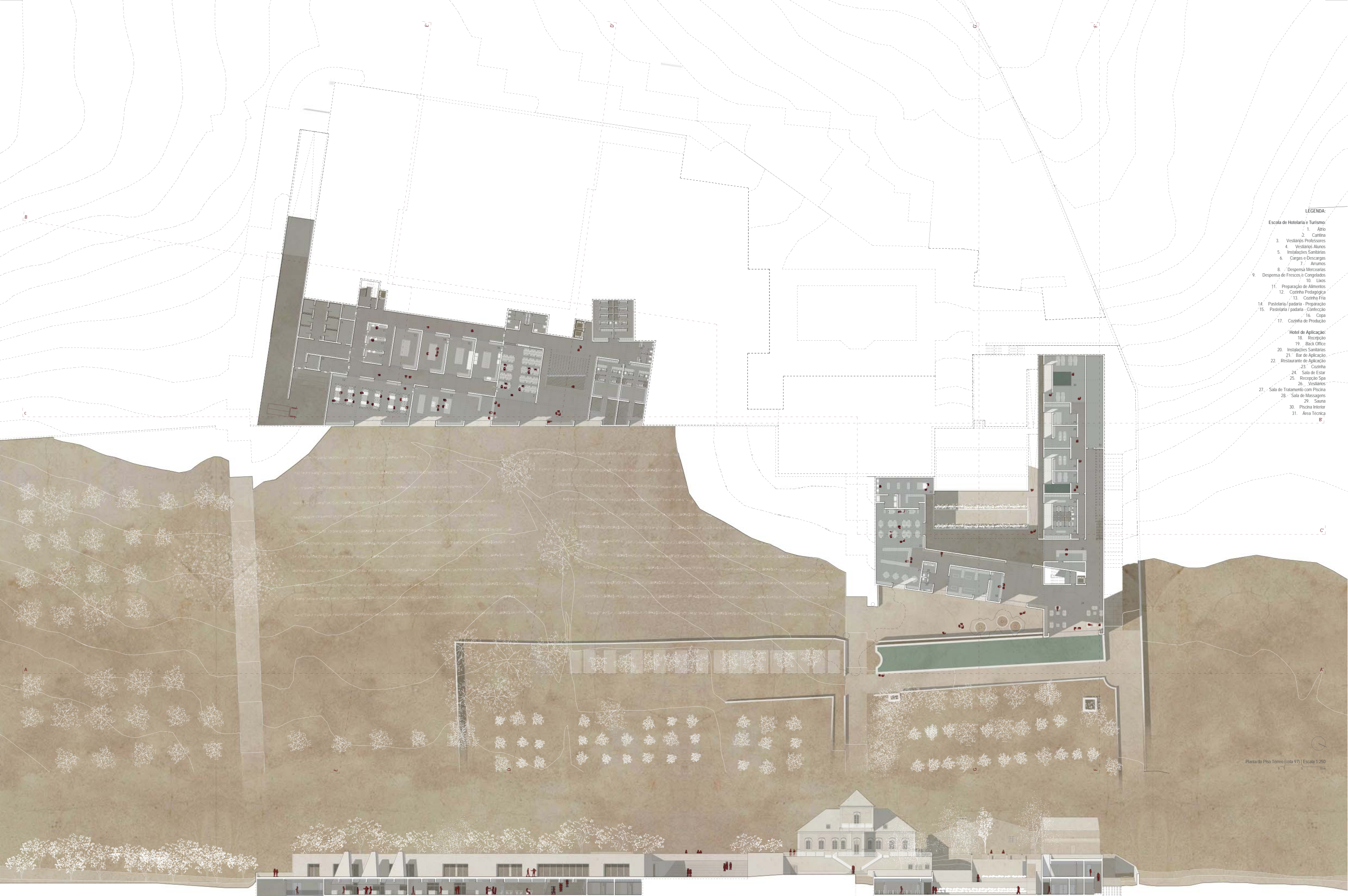
Corte longitudinal AA' | Escala 1:250



- LEGENDA:**
- Escola de Hotelaria e Turismo:**
1. Recepção
 2. Zona de Estar
 3. Biblioteca
 4. Auditório
 5. Anfiteatro de Cozinha e Bar
 6. Salas de Aula Teóricas
 7. Instalações Sanitárias
 8. Gabinetes
 9. Sala de Reuniões
 10. Sala de Professores
 11. Sala de Funcionários
 12. Sala de Enologia
 13. Sala de Informática
 14. Bar
 15. Almo
- Hotel de Aplicação:**
16. Quarto Duplo
 17. Quarto de Casal
 18. Suite
 19. Quarto adaptado

Planta do Piso Térreo (cota 101) | Escala 1:250

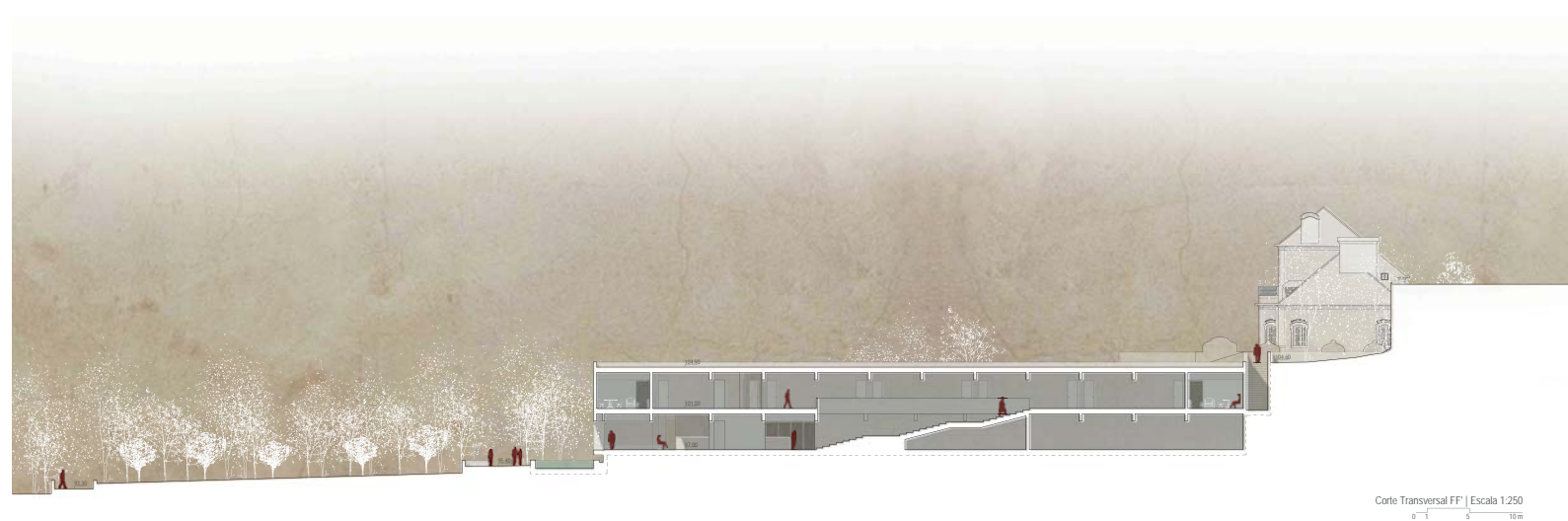
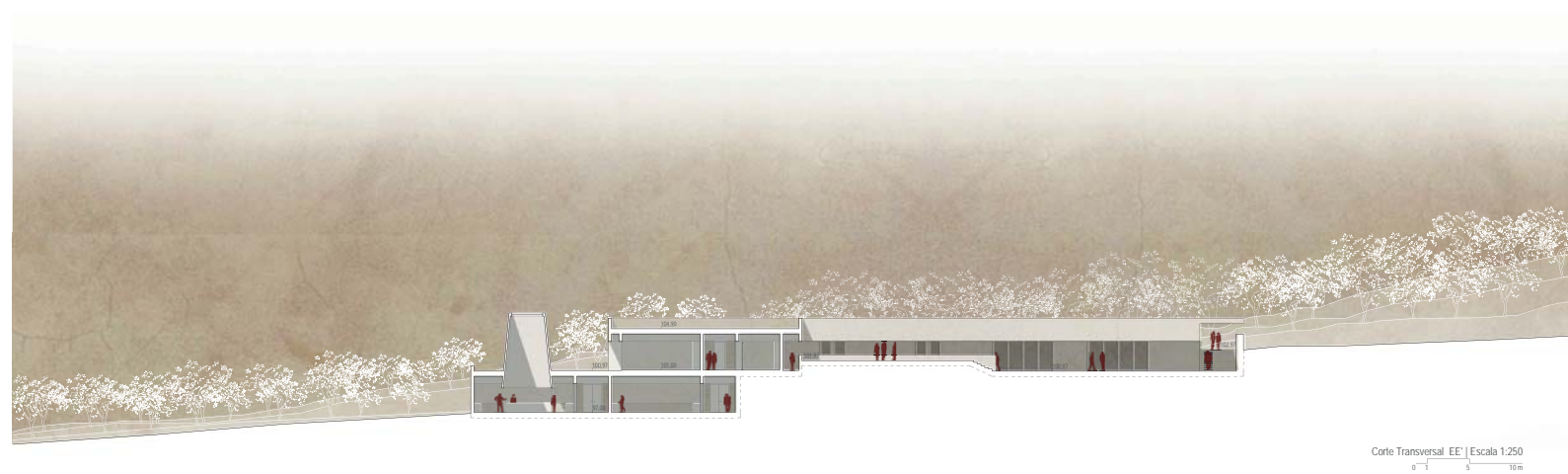
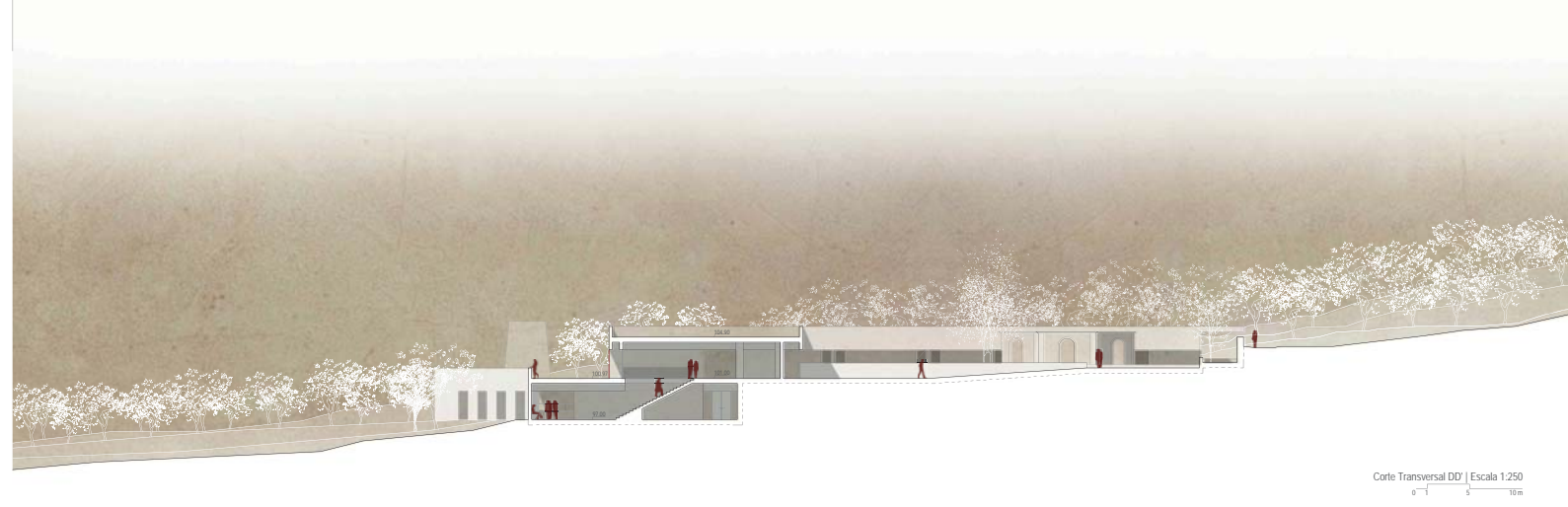
Corte Longitudinal BB' | Escala 1:250

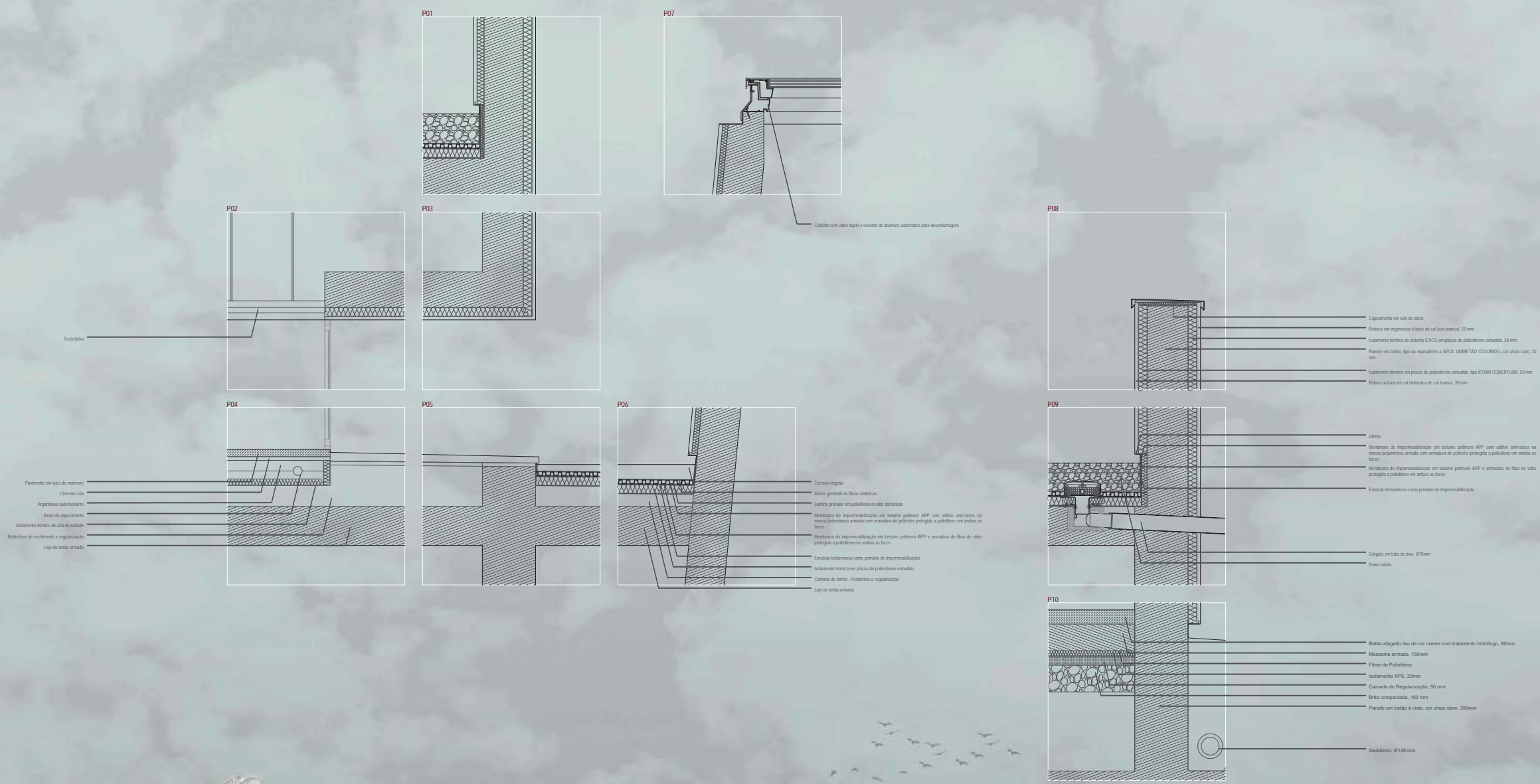


- LEGENDA:**
- Escola de Hotelaria e Turismo:**
1. Altrio
 2. Cantina
 3. Vestiários Professores
 4. Vestiários Alunos
 5. Instalações Sanitárias
 6. Cargas e Descargas
 7. Arrumos
 8. Despensa Mercadorias
 9. Despensa de Frescos e Congelados
 10. Livros
 11. Preparação de Alimentos
 12. Cozinha Pedagógica
 13. Cozinha Fria
 14. Pastelaria / padaria - Preparação
 15. Pastelaria / padaria - Confeção
 16. Copa
 17. Cozinha de Produção
- Hotel de Aplicação:**
18. Recepção
 19. Back Office
 20. Instalações Sanitárias
 21. Bar de Aplicação
 22. Restaurante de Aplicação
 23. Cozinha
 24. Sala de Estar
 25. Recepção Spa
 26. Vestiários
 27. Sala de Tratamento com Piscina
 28. Sala de Massagens
 29. Sauna
 30. Piscina Interior
 31. Área Técnica

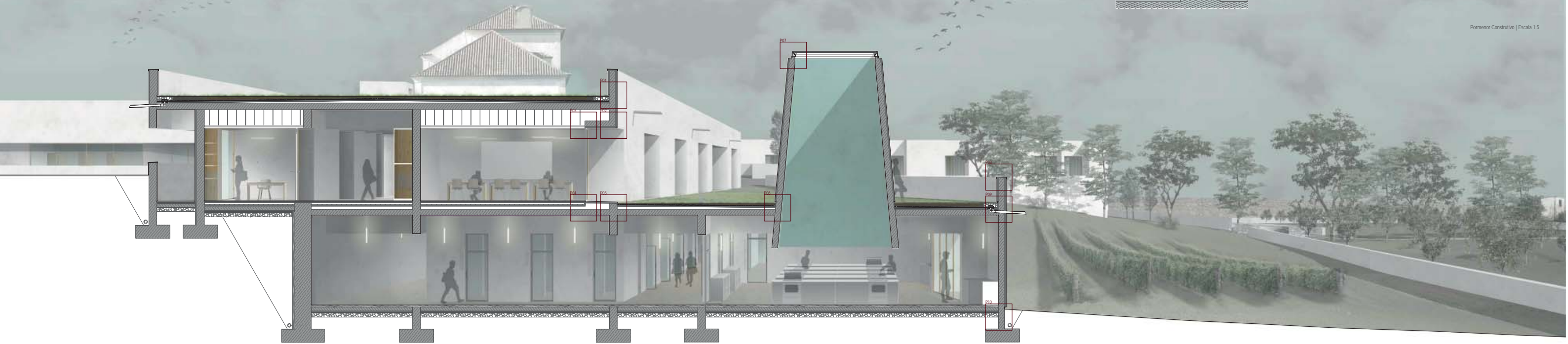
Planta do Piso Térreo (cota 97) | Escala 1:250

Corte Longitudinal CC | Escala 1:250

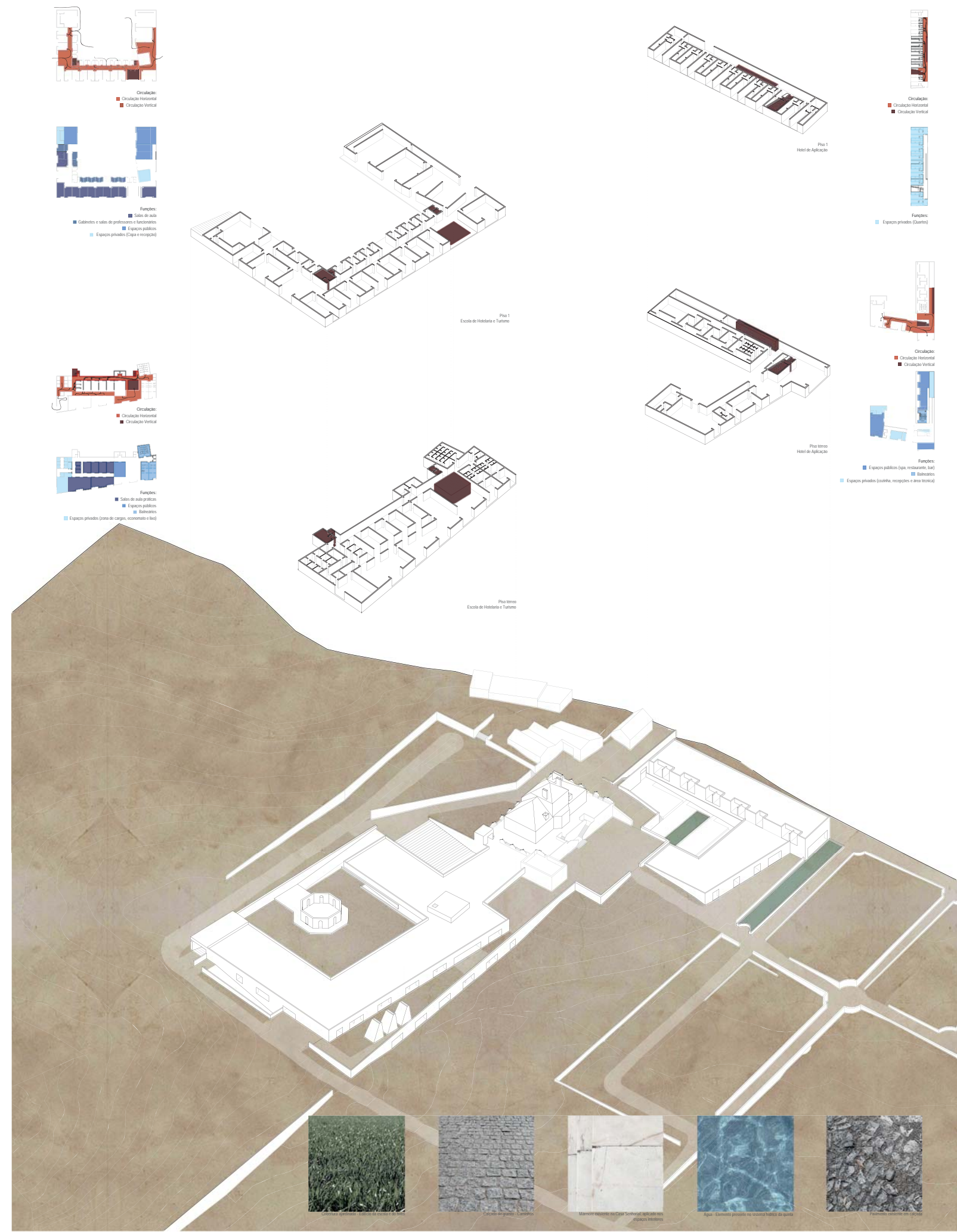




Formenhor Construtivo | Escala 1:5



Corte Construtivo | Escala 1:50





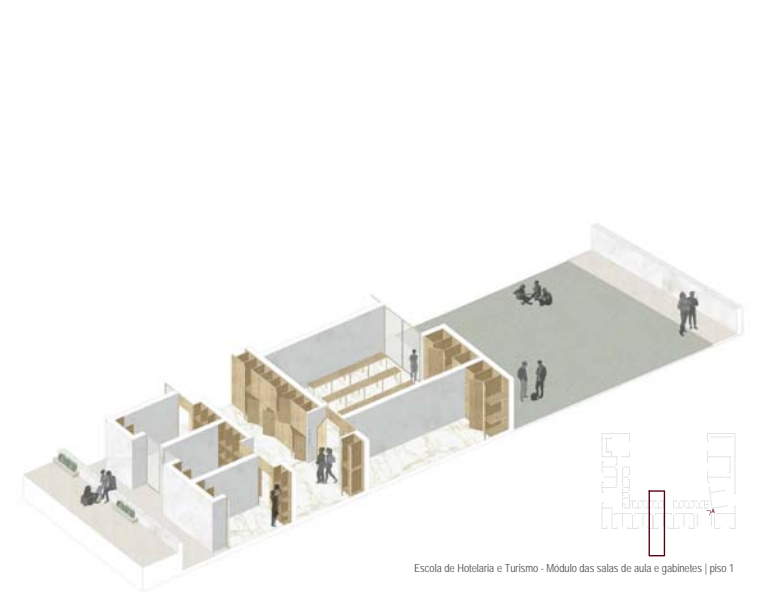
Exterior exterior da Escola de Hotelaria e Turismo



Exterior exterior do Hotel de Aplicação



A | Escola de Hotelaria e Turismo - Área de acesso ao piso inferior



Escola de Hotelaria e Turismo - Módulo das salas de aula e gabinetes | piso 1



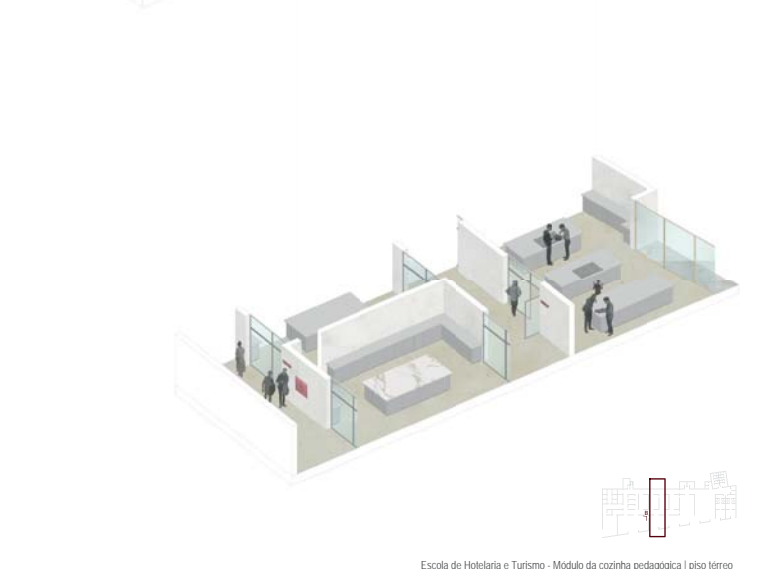
C | Hotel de Aplicação - Espaço da Sala de Estar e Recepção



Hotel de Aplicação - Módulo dos quartos | piso 1



B | Escola de Hotelaria e Turismo - Cozinha pedagógica



Escola de Hotelaria e Turismo - Módulo da cozinha pedagógica | piso térreo



D | Hotel de Aplicação - Espaço de Recepção do Spa



Hotel de Aplicação - Módulo da zona de spa | piso térreo